

ORGANIZADORES:
Felipe Biasus
Cassandra Cardoso
Jacqueline Raquel Bianchi Enricone

COLEÇÃO:

EBOOK TCC

**INICIAÇÃO À PESQUISA EM
PSICOLOGIA**



2023

ORGANIZADORES:

Felipe Biasus
Cassandra Cardoso
Jacqueline Raquel Bianchi Enricone

INICIAÇÃO À PESQUISA EM PSICOLOGIA (volume III)

Série: Trabalhos Acadêmicos Coleção em: E-Book TCC



Erechim/RS
2023

Todos os direitos reservados à EDIFAPES.

Proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma e por qualquer meio mecânico ou eletrônico, inclusive através de fotocópias e de gravações, sem a expressa permissão dos autores. Os dados e a completude das referências são de inteira e única responsabilidade dos autores.

Editoração/Diagramação: EdiFAPES

Revisão: Autores

Capa: (Assessoria de Marketing, Comunicação e Eventos /URI Erechim)

Conselho Editorial:

Adilson Luis Stankiewicz (URI / Erechim/RS) - Presidente

Arnaldo Nogaró (URI / Erechim/RS)

Cláudia Petry (UPF / Passo Fundo/RS)

Elcemina Lucia Balvedi Pagliosa (URI / Erechim/RS)

Elisabete Maria Zanin (URI /Erechim/RS)

Jadir Camargo Lemos (UFSM / Santa Maria/RS)

Maria Elaine Trevisan (UFSM / Santa Maria/RS)

Neila Tonin Agranionih (UFPR / Curitiba/PR)

Sérgio Bigolin (URI / Erechim/RS)

Yuri Tavares Rocha (USP / São Paulo/SP)

I37 Iniciação à pesquisa em psicologia [recurso eletrônico] / organização Felipe Biasus ... [et al.]. – Erechim, RS: EdiFapes, 2023.
1 recurso eletrônico – (Trabalhos Acadêmicos Coleção em E-Book TCC)

Modo de acesso: <http://www.uricer.edu.br/edifapes>

Editora EdiFapes (acesso em: 04dez)

ISBN 978-65-88528-58-7

1. Psicologia 2. Trabalhos acadêmicos I. Biasus, Felipe II. Cardoso, Cassandra
III. Enricone, Jaqueline Raquel Bianchi

C.D.U.: 159.9

Catálogo na fonte: bibliotecária Sandra Milbrath CRB 10/1278



EDIFAPES

Livraria e Editora
Av. 7 de Setembro, 1621
99.709-910 – Erechim-RS
Fone: (54) 3520-9000
www.uricer.edu.br

Sumário

- 1** A EXPERIÊNCIA DOS FILHOS ADOTIVOS QUE ENCONTRAM A FAMÍLIA BIOLÓGICA – ESTUDO DE CASO 6
Nilva Lúcia de Almeida; Felipe Biasus
- 2** O PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO E EXPERIÊNCIA VIVIDA PELA POPULAÇÃO VENEZUELANA NA MIGRAÇÃO PARA ERECHIM 22
Vinícius Eduardo Sarturi; Felipe Biasus
- 3** O PAPEL DOS PROCESSOS PSICOLÓGICOS ATENÇÃO E EMOÇÃO NO COMPORTAMENTO ALIMENTAR..... 40
Fernanda Lira; Juliana Raquel Jaboinski
- 4** CUIDADOS PALIATIVOS: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA ACERCA DA IMPORTÂNCIA DO PSICÓLOGO NA EQUIPE MULTIDISCIPLINAR 52
Júlia Luíza Baldissera Perdoncini; Mariana Alievi Mari
- 5** A ESCOLHA DE ESTUDO DE ENSINO SUPERIOR: UMA REVISÃO ASSISTEMÁTICA DA LITERATURA 63
João Caetano Nodari Giollo; Felipe Biasus
- 6** FATORES PSICOSSOMÁTICOS ASSOCIADOS À DOENÇA CARDÍACA: REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA..... 72
Milena Samoyedem; Mariana Alievi Mari
- 7** ALTERAÇÃO DE HORÁRIOS DA JORNADA DE TRABALHO: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A PERCEPÇÃO DOS TRABALHADORES..... 83
Gabrielle Richwicki; Letícia Ribeiro Souto Pinheiro
- 8** FELICIDADE NO TRABALHO: UM ESTUDO ACERCA DA PERCEPÇÃO DE TRABALHADORES 94
Renata Curzee; Letícia Ribeiro Souto Pinheiro
- 9** CONTOS DE FADAS NA CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE INFANTIL 105
Caroline Baldissera Dallagnol; Fernanda Grendene

Apresentação

Apresentamos a terceira edição do *E-book* TCC – Iniciação à Pesquisa em psicologia. A série iniciou em 2018 e visa divulgar a produção em pesquisa realizada pelos alunos do Curso de Psicologia da URI – Câmpus Erechim, orientados pelos seus professores.

Mais uma vez, constatamos a qualidade e a diversidade de temas e métodos de pesquisa utilizados. As pesquisas realizadas demonstram a Iniciação Científica produzida pelo Curso de Psicologia. Envolvem temas atuais e relevantes social e cientificamente, que partiram da curiosidade dos acadêmicos, orientados pelos seus professores. Nesta apresentação, os artigos serão comentados a partir da maneira como foram abordados metodologicamente.

Foram realizadas pesquisas de Campo, com cuidados éticos respaldados pela submissão dos projetos ao Comitê de Ética da Instituição (CEP – URI Câmpus Erechim). Os artigos apresentaram a Entrevista como o método de coleta predominante. Temas sociais e do trabalho foram abordados neste enfoque metodológico. Com a sensibilidade dos pesquisadores, apoiada pelo método fenomenológico, foi abordado o tema “A experiência dos filhos adotivos que encontram a família biológica – estudo de caso”, de Nilva Lúcia de Almeida e Felipe Biasus.

Os venezuelanos que vieram para o nosso município também tiveram voz por meio do artigo “O perfil sociodemográfico e experiência vivida pela população venezuelana na migração para Erechim”, de Vinícius Eduardo Sarturi e Felipe Biasus. O ponto de vista dos trabalhadores foi abordado pelos artigos: “Alteração de horários da jornada de trabalho: um estudo de caso sobre a percepção dos trabalhadores”, de Gabrielle Richwicki e Letícia Ribeiro Souto Pinheiro, e “Felicidade no trabalho: um estudo acerca da percepção de trabalhadores”, de autoria de Renata Curzee e Letícia Ribeiro Souto Pinheiro.

As pesquisas realizadas com o método de Revisão de Literatura e pesquisa bibliográfica demonstraram como o método é rico e adequado para trazer resultados relevantes e formar pesquisadores. A terceira pesquisa apresentada no *E-book*, de autoria de Fernanda Lira e Juliana Raquel Jaboinski, abordou “O papel dos processos psicológicos atenção e emoção no comportamento alimentar”. O artigo relaciona constructos psicológicos importantes com uma queixa recorrente na clínica.

A inserção do psicólogo em equipes multidisciplinares foi abordada no estudo: “Cuidados Paliativos: uma revisão sistemática de literatura acerca da importância do psicólogo na equipe multidisciplinar”, Júlia Luíza Baldissera Perdoncini e Mariana Alievi Mari.

De interesse multidisciplinar e porque não dizer, transdisciplinar, foi o tema abordado pela pesquisa de João Caetano Nodari Giollo e Felipe Biasus: “A escolha de estudo de Ensino Superior: uma revisão assistemática da literatura”. A problematização da escolha do Ensino Superior proposta pela pesquisa é necessária neste momento. O Ensino Superior precisa atender às necessidades de formação profissional e humana em um contexto de acelerada transformação tecnológica e social. Precisamos discuti-lo na Universidade.

A contribuição teórica ao campo da Psicologia ficou evidente na pesquisa “Fatores psicossomáticos associados à doença cardíaca: revisão integrativa da literatura” de Milena Samoyedem e Mariana Alievi Mari. O *E-book* se encerra com o artigo “Contos de Fadas na construção da subjetividade infantil”, de Caroline Baldissera Dallagnol e Fernanda Grendene, um trabalho teórico que incita o leitor a refletir e a ser criativo na sua prática clínica. Parabéns ao Curso de Psicologia da URI – Erechim. O *E-book* brinda a Comunidade Acadêmica e o público geral com mais uma contribuição relevante!

Cassandra Cardoso

A EXPERIÊNCIA DOS FILHOS ADOTIVOS QUE ENCONTRAM A FAMÍLIA BIOLÓGICA – ESTUDO DE CASO

Nilva Lúcia de Almeida¹; Felipe Biasus²

¹ Acadêmica do Curso de Psicologia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - Câmpus de Erechim (URI). *E-mail: ncoppini@gmail.com*

² Psicólogo, Mestre em Psicologia, Professor do Curso de Psicologia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - Câmpus de Erechim (URI). *E-mail: febiasus@uricer.edu.br*

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo analisar a experiência de encontro do filho adotivo com sua família biológica. O método utilizado foi o estudo de caso pois ele explora um fenômeno delimitado e contemporâneo, de vida real. Foram entrevistados dois adultos, adotados na infância e que encontraram sua família biológica após a adoção. Para a análise dos dados foi utilizado o método fenomenológico, considerando que, para a fenomenologia, o fenômeno, é considerado como a única coisa à qual temos acesso imediato e intuição originária. Observou-se que as experiências narradas apresentaram pontos que ora se pareciam e ora se diferenciavam. Além de ficar claro a percepção de pertencimentos que os participantes apresentaram com relação a sua família adotiva, observou-se uma ligação entre o desejo pelo encontro e a forma como o adotado o experienciou.

Palavras-chave: adoção; experiência do encontro; família biológica; família adotiva; fenomenologia.

1. INTRODUÇÃO

A maternidade e a paternidade trazem inúmeros desafios. Estas, quando ocorrem pela via adotiva, além das dificuldades esperadas, é permeada por dificuldades específicas desta formação familiar; alguns questionamentos deste universo são: Será que, se meu filho conhecer os genitores, continuará a me chamar de mãe/pai? Irá embora? Que sentimentos vivenciará no encontro com seus genitores? Estas e outras questões fazem parte do imaginário daqueles que decidem pela adoção. A pesquisa efetuada, bem como a vivência desta situação, demonstrou que, apesar dos crescentes estudos a respeito, este tema suscita muitos sentimentos e reflexões.

Segundo o Conselho Nacional de Justiça (2023), a partir de 2019, 16.606 crianças foram adotadas e 4.411 estão disponíveis para adoção. Estes números demonstram a relevância social da temática, bem como levam a abordar aspectos interligados ao assunto.

A família é vista como um sistema e pode ser compreendido como um grupo de pessoas que interagem a partir de vínculos afetivos, consanguíneos, políticos, entre outros, que estabelecem uma rede infinita de comunicação e mútua influência (Wagner, 2009). O sistema familiar, por ser aberto (troca energia e informações com o meio), se mostra apto para absorver influências sociais, culturais, psicológicas e biológicas, em diferentes épocas e lugares. Também possui configurações flexíveis, contendo sistemas e subsistemas, é multifacetada e, algumas vezes, contraditória (Souza, 2014). Desta forma, ao pensar na família, deve-se levar em conta todas as transformações que esta instituição vivenciou e continua vivenciando dentro do contexto de

transformações sociais. Dentro deste contexto, uma das formações encontradas é a família com filhos adotivos, onde os laços afetivos se sobrepõem aos laços sanguíneos (Schettini; Amazonas; Dias, 2006).

A história da adoção está presente na história da humanidade, sendo que foram os romanos os responsáveis pelo estabelecimento das bases da adoção legal, cuja filiação confere um certificado aos pais adotivos e a transmissão do nome da família (Weber, 2003). Apesar disso, o tema adoção mantém um lado obscuro, tratado na intimidade familiar, e, apesar do crescente número de estudos sobre o tema, ainda carrega uma imagem social arraigada na cultura de linhagem sanguínea, tendendo a ter uma visão problemática do adotado, incluindo mitos e medos (Maux; Dutra, 2010) e a marca do abandono em suas identidades (Duque; Oliveira Filho, 2018).

Apesar dos avanços na área da fertilização *in vitro*, a impossibilidade de gerar filhos genéticos continua a ser o principal motivo que leva à adoção. Outro motivo, que pode ser citado, é o altruísmo, quando há o desejo de encontrar uma criança abandonada, compromisso social etc. (Weber, 2003).

Contar para a criança sobre a adoção pode ser um fator de dificuldades na dinâmica familiar, sendo desaconselhado que a revelação seja feita por outros, que não os pais adotivos (Weber, 2003; Souza, 2014). Conversar sobre a origem pode gerar dificuldades, sendo que os pais podem apresentar comportamento de esquiva, pois temem a valorização dos pais genéticos e/ou a lembrança da própria infertilidade. Para os filhos, é aversivo magoar os pais que os acolheram (Weber, 2003; Otuka; Scorsolini-Comin; Santos, 2012). Da mesma forma, o encontro com a família biológica pode ser uma experiência desafiadora.

Apesar da maioria dos filhos adotivos não apresentar o desejo de conhecer a família biológica (Weber, 2003), este assunto gera desconforto nos pais, pois desperta sentimentos de medo, reais ou imaginários, fazendo com que se sintam ameaçados (Gesteira, 2015). Dentre estes medos é possível citar: a formação de vínculo com os pais genéticos, sentimento de ciúme da família de origem e medo de intromissões (Weber, 2003; Schettini; Amazonas; Dias, 2006). Neste sentido, Weber (2003) afirma, que os filhos adotivos que tiveram contato com a família biológica não deixaram a família adotiva pela outra e continuaram a considerar os pais adotivos os seus verdadeiros pais.

O encontro com a família biológica pode trazer sentimentos variados nos filhos adotivos, sendo que o medo de uma nova rejeição pode impedir, ou mesmo retardar este contato. Sentimentos de medo, insegurança, tristeza e angústia também são encontrados nos relatos de adotados (Souza, 2014).

Ainda no que tange ao encontro com família biológica, dois estudos divergem quanto ao interesse do adotado em realizá-lo. Weber (2003), referindo-se a sua tese de doutorado, realizada em 2001, destaca que a maior parte (58%) não quer conhecer sua família de origem ou não gostou de conhecê-la. A amostra desta pesquisa foi composta por 400 pessoas, residentes em 17 estados e 105 cidades brasileiras, e a autora observa que foram investigados diversos aspectos da adoção. Dentre estes aspectos, é possível destacar: perfil das famílias por adoção no Brasil, aspectos referentes ao antes e durante a adoção, dinâmica familiar e pensamentos dos filhos adotivos.

Por outro lado, Souza (2014) aponta que os 8 participantes de sua pesquisa desejavam conhecer sua família biológica. Pondera-se que a amostra de Souza, além de menor, foi escolhida intencionalmente, em uma abordagem qualitativa. Apesar das diferenças metodológicas dos dois estudos, ressalta-se a dinâmica de sentimentos que a possibilidade deste encontro pode acarretar.

A alegria também foi relatada por Souza (2014), originando apreço por ambas as famílias e alcançado o melhor dos dois mundos, compreendendo os fatores que levaram à adoção por parte da família biológica. O sentimento de completude pode estar presente, proporcionando a ressignificação e amadurecimento, passando a perceber a própria história de forma diferente e real.

Dentro deste contexto, o presente artigo busca analisar a experiência do encontro do filho adotivo com sua família biológica. Para atingir este objetivo, foi investigado como ocorreu a adoção e se o encontro com a

família de origem ocorreu por desejo do adotado. Também foram exploradas as repercussões que o encontro com a família de origem teve nas relações com a família e buscado compreender a experiência do encontro e suas repercussões.

2. MÉTODO

Para a realização deste trabalho, a investigação seguiu uma abordagem qualitativa, que busca a descrição e o sentido (Sampieri et al., 2013). Trata-se de um estudo exploratório, que permite uma visão ampla e geral acerca de determinado fenômeno (Gil, 2008) e transversal, que representa o indivíduo em determinado momento de sua vida (Breakwell et al., 2010). A partir de estudo de caso, pois o presente estudo de caso explora um fenômeno delimitado e contemporâneo, de vida real. A pesquisadora buscou coletar as informações de forma aprofundada e detalhada, utilizando para esse fim, múltiplas formas para obter informação, dentre elas: entrevista, observação e material audiovisual (Creswell, 2014).

2.1 Participantes

O estudo contou com a participação de duas pessoas que foram adotadas na infância. Ambas as participantes eram maiores de idade, encontraram a família biológica após a adoção e residiam na cidade de Erechim, Rio Grande do Sul. A seleção ocorreu a partir de uma amostra de conveniência, isto é, através de contatos da pesquisadora. Foram excluídos da amostra os adotados que tiveram contato com a família biológica antes da adoção.

2.2 Instrumentos e Procedimentos

O projeto da pesquisa que deu origem a este artigo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP-URI), e, após avaliado, obteve aprovação para sua execução através do parecer 5.737.933.

Os dados foram coletados através de uma entrevista semiestruturada. Neste tipo de entrevista o pesquisador faz perguntas ordenadas e relacionadas entre si. Mesmo havendo uma lógica na organização das perguntas, o entrevistado pode falar livremente sobre o que lhe é perguntado, podendo explorar os temas fora da ordem, mas tendendo a voltar para o roteiro (Breakwell *et al.*, 2010). Foram propostas as seguintes questões:

- 1) Você tem conhecimento de como foi realizada a sua adoção?
- 2) Como você ficou sabendo de sua adoção?
- 3) Você tinha desejo de conhecer a sua família biológica? Por quê?
- 4) O fato de você ter encontrado sua família biológica trouxe repercussões em sua família adotiva? Em caso positivo, quais repercussões?
- 5) Como foi esta experiência para você?
- 6) Você acha que o fato de você ter encontrado a família biológica teve alguma repercussão em sua vida? Em caso positivo, quais repercussões?

O contato inicial foi efetuado através de telefonema e neste momento foi oficializado o convite para participação do estudo e agendado a data e local do encontro. Os locais escolhidos pelas participantes ofereciam privacidade, de forma a garantir o sigilo das informações obtidas. No local, primeiramente foi novamente explicado o objetivo do estudo. Em seguida conjuntamente com o participante, foi lido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, e após ser verificado o entendimento dele, foi assinado em duas cópias. Uma cópia do termo foi entregue ao participante e outra foi armazenada pela pesquisadora. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas para garantir a fidedignidade e possibilitar sua análise. Cabe destacar que o participante foi informado de que poderia desistir da participação da pesquisa em qualquer momento, sem prejuízos para si.

A análise dos dados foi feita através do método fenomenológico. Este método, oriundo da fenomenologia, trata da filosofia das essências e objetiva retomar as experiências vividas (Biasus; Meneghetti, 2004). Segundo a fenomenologia, o ponto de partida do conhecimento, o fenômeno, é considerado como a única coisa à qual temos acesso imediato e intuição originária. O recurso utilizado é a redução fenomenológica, pois ela tem o caráter de descrever a vivência da experiência, pura e simples, sem inferências, deduções ou apontamentos do pesquisador. Para atingir este objetivo o pesquisador necessita colocar fora de ação seus conhecimentos, julgamentos e convicções a respeito de seu objeto de estudo, para que possa estar aberto a novas experiências e vivências (Biasus; Meneghetti, 2004). Este momento é chamado por Forghieri (1993) de “envolvimento existencial”. Outro momento descrito pela autora é o ‘distanciamento reflexivo’, e nele o pesquisador procura estabelecer um certo distanciamento da vivência, para refletir sobre o significado daquela vivência em seu existir.

A concepção da fenomenologia existencial de Merlau-Ponty segue três passos. O primeiro passo, denominado descrição fenomenológica objetiva revelar a intencionalidade e foco do sujeito, sendo necessário a suspensão de julgamentos e avaliações. No segundo passo, denominado de redução fenomenológica, se busca ressaltar os elementos essenciais que compõe a descrição, reduzindo as partes escolhidas para posterior análise das estruturas mínimas. Por fim, o terceiro passo, denominado de interpretação fenomenológica, busca a revelação dos significados implícitos na redução e, conseqüentemente, a visão de mundo do sujeito (Meneghetti, 2002 apud Biasus; Meneghetti, 2004).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na primeira etapa da análise, a descrição fenomenológica, são apresentadas as narrativas das participantes, sem julgamentos e avaliações. Para preservar as identidades das entrevistadas, seus nomes foram substituídos por nomes flores: Gerbera e Tulipa.

Ressalta-se também que se optou, para melhor compreensão dos dados obtidos, em utilizar a palavra pai e mãe para os pais adotivos; da mesma forma, os termos genitor e genitora se referem aos pais biológicos.

3.1 Descrição Fenomenológica

3.1.1 Gerbera

Gerbera é uma jovem adulta, mora com os pais e o irmão e está cursando o nível superior. Ela relata que sua adoção foi realizada através de uma instituição e que foi adotada com 17 dias de vida.

A participante mencionou que sempre soube do fato de ser filha adotiva. Comentou que, quando começou a entender as coisas, em torno dos 2, 3 ou 4 anos, lhe foi explicado que não havia nascido da barriga de sua mãe, mas vindo de uma instituição. Este fato, segundo ela, favoreceu para que ela nunca tenha tido problemas, traumas ou algo assim, e que isso nunca a incomodou.

Perguntado se tinha vontade de conhecer a família biológica, Gerbera respondeu que teve uma época que sim. Quando tinha entre 10 e 12 anos, brigava muito com sua mãe e criou uma fantasia de que sua mãe biológica (genitora) era rica e teria dinheiro para lhe dar o que desejasse, que se pareceriam fisicamente e ela seria bonita. Imaginava a genitora mais nova que sua mãe, idealizando que ela seria semelhante às mães de suas amigas, vendo-a como uma princesa. Segundo Gerbera, essa é uma fase da qual se arrepende, pois vê isso como uma infantilidade, ressaltando que a realidade foi diferente de sua fantasia.

O encontro com seus parentes biológicos foi definido como estranho pela participante. Relatou que sua mãe cuidava de suas redes sociais e, em uma situação confusa, um rapaz a adicionou ou foi adicionado por ela. Tendo algum conhecimento de sua família biológica através da documentação da adoção, sua mãe identificou o parentesco, sendo ele seu irmão. Ao conhecer o irmão, ela percebeu que não era exatamente o que ela imaginava. Conta que ele começou a frequentar sua casa e foi muito bem recebido por todos, porém percebeu que seu irmão desejava partilhar seu espaço familiar e ponderou que talvez isso tenha ocorrido porque ele permaneceu com a mãe e pode ter passado por situações que não quisesse ou julgasse não merecer. O medo de magoar o irmão (adotivo) também esteve presente e Gerbera optou por se afastar. Atualmente, quando o encontra, às vezes o cumprimenta, às vezes não. Ela ponderou que seu irmão biológico quis entrar muito, quando ela desejava apenas uma amizade, pois não o considerava como irmão, ressaltando que família é quem cria e mãe é quem cria.

Mais tarde, Gerbera teve contato com outro irmão biológico, que também havia sido encaminhado para adoção. Este segundo irmão tinha contato com o primeiro e chegou a ela através dele. A participante relata que deixou claro que não desejava nada além de amizade e que não desejava que ele frequentasse sua casa, e que, da mesma forma que o primeiro, não o considerava irmão. Com relação aos sentimentos a estes dois irmãos, Gerbera narrou que não possui rancor, mas que pelo fato de não terem convivido, não sente nenhuma conexão com eles.

Não tem ideia de quem seja seu genitor, mas sabe quem é sua genitora, não desejando, no entanto, ter contato com ela. Gerbera considerou que não houve repercussões em sua família adotiva, porém, ressaltou que sua mãe às vezes conversa com seu irmão e com sua genitora. Apesar deste fato, considera que não houve mudanças.

O fato de ter encontrado a família biológica não foi considerado relevante para Gerbera, não mudando nada em sua vida, considerou, no entanto, esta experiência como estranha, não sentindo conexão com o rapaz. O sentimento de estranheza foi atribuído ao fato de estar acostumada com sua família e a ausência de convivência.

Ter encontrado a família biológica não teve repercussões em sua vida e Gerbera considerou que não houve alterações. Ponderou, então, que pode parecer fria ao dizer isso, mas que não teve tempo de criar conexão com os irmãos biológicos e que nunca lhe faltou nada, tendo irmão, mãe e pai, estando muito satisfeita com o que tem. Considera como sua família a adotiva e não precisa ter contato com a família biológica, considerando-os pessoas normais no mundo, apenas conhecidos.

3.1.2 Tulipa

Tulipa é uma jovem adulta que mora com o marido e a filha. Ela contou que sua adoção foi realizada à brasileira. Isto significa que, quando nasceu, foi encaminhada para uma família que, através de amigos, a registrou em cartório como filha biológica. Com relação a este tipo de adoção, Tulipa considerou que é ilegal. Apesar disso, sempre soube ser adotiva, seus pais contaram que ela era filha do coração e não da barriga e não houve um momento específico em que este fato foi revelado.

Com relação ao desejo de conhecer a família biológica, Tulipa revelou que não conhece pessoalmente seus parentes biológicos, sendo que apenas conversou com eles via aplicativo de mensagens e não sabe dizer

se tem interesse em conhecer. No entanto, sempre quis saber sobre suas origens, e atribuiu ao estudo de genética e perceber que suas amigas se pareciam com suas mães, enquanto ela não, o surgimento desta curiosidade.

Perguntado se o fato de ter encontrado a família biológica teve repercussões em sua família, Tulipa respondeu que sua mãe ficou enciumada. Relatou que sua mãe queria saber tudo que falava com sua genitora, chegando a dizer para outras pessoas que as palavras emocionadas da genitora eram balela. Este fato fez com que Tulipa deixasse de relatar suas descobertas para a mãe. Ponderou que não sabe o que se passa na cabeça da mãe, mas imagina que ela tema dividi-la, pois é filha única e sua filha é a única neta. Contou que não sentiu alterações em seu pai e lembrou de um episódio em que saíram a sós e ele comentou que a mãe não estava bem com as descobertas de Tulipa com relação a sua família biológica, sendo que, foi depois deste fato que começou a perceber o incômodo dela.

Encontrar a família biológica preencheu um vazio que Tulipa sentia sem saber. Ressaltou que também sabe quem é seu genitor, mas que não teve contato com ele. Considerou que gostou de saber sua história, pois toda a sua vida teve curiosidade sobre isso, no entanto, este fato não trouxe efeitos em sua vida além do preenchimento do vazio e uma sensação de alívio.

Quando perguntado se ter encontrado a família biológica trouxe repercussões em sua vida, iniciou a resposta afirmando que a não considera sua genitora como mãe, mas apenas como a pessoa que a gerou, e que neste sentido não houve mudanças. Porém, sempre quis ter irmãos e descobriu ter quatro meio irmãos biológicos; revelou, também, ter contato com um de seus irmãos e sentir vontade de conhecê-los.

Com relação ao fato de não saber se vai conhecer a genitora pessoalmente e não apenas por meio de aplicativos de mensagens, Tulipa revelou não querer magoar a mãe. Ela descobriu a família biológica com a ajuda de seus pais, e a ideia inicial era conhecê-los pessoalmente, porém, a reação da mãe fez com que repensasse a ideia e temendo deixá-la triste, ponderou que talvez no futuro isso aconteça. Ressaltou que sua prioridade é cuidar de quem cuidou dela e que seu objetivo foi atingido.

3.2 Redução Fenomenológica

Nesta etapa, se buscou destacar os elementos essenciais da descrição e, baseado nos objetivos específicos deste estudo, foram obtidos cinco temas. Os temas são: a adoção; família; o desejo de encontrar a família biológica; encontro com a família biológica e suas repercussões; a experiência do encontro e suas repercussões.

3.2.1 A adoção

Ambas as participantes foram adotadas em tenra idade, Gerbera tinha 17 dias e Tulipa logo após o nascimento. No entanto, enquanto Gerbera foi adotada através de um processo que segue o rito da justiça, Tulipa foi adotada à brasileira e registrada como filha biológica de seus pais adotivos. Este método de adoção foi considerado pela participante como ilegal.

(...) fui registrada ... como se eu fosse filha biológica. Mas foi essa adoção à brasileira. Uma forma, entre aspas, ilegal, né. Entre aspas, não, é ilegal. (Tulipa)

As participantes tiveram conhecimento sobre sua adoção ainda na infância, desta forma, o fato foi naturalizado. Neste sentido, Gerbera afirma que nunca teve problemas e sempre foi muito feliz. Da mesma

forma, não houve um momento específico para a revelação, a adoção foi noticiada de acordo com a capacidade de entendimento de ambas, durante o processo de amadurecimento.

Meus pais sempre deixaram claro desde pequenininho, que eu não nasci da barriga, que eu vim do abrigo. Nunca esconderam, mas foi assim quando a gente começa a entender as coisas, né! Tipo não já, mas quando a gente vai começando a entender, nos 2, 3 ou 4 anos, eles já vão explicando, pra gente... (Gerbera)

Na verdade, eu sempre soube. Meus pais nunca esconderam de mim. Então, assim, eu cresci sabendo. Uma vez eu acho que a mãe comentou alguma coisa comigo que eles falavam que eu era filha do coração e não da barriga, que eu saí do coração e não da barriga, alguma coisa neste sentido (...) Eu cresci sabendo. (Tulipa)

3.2.2 Família

Durante a entrevista, Gerbera e Tulipa se referiram, várias vezes, às famílias biológica e adotiva. Foi comum entre ambas a forma de ver sua família adotiva, sendo que, a consideraram sua verdadeira família. A figura da mãe, em especial, foi citada frequentemente.

Gerbera afirmou que *"...acho que mãe é quem cria. Família é quem cria."* Em outro trecho volta a afirmar: *"Minha mãe é com quem eu estou agora..."*. Referindo-se a família adotiva, a participante afirma: *"Essa é a minha família."*

Tulipa, referindo-se ao momento em que foi encaminhada à adoção afirma: *"Daí, eu fui para minha família, meus pais, né, que são obviamente quem eu considero, fui para meus pais."* Referindo-se à genitora, a participante ressalta: *"pra mim ela não é minha mãe! Ela é quem me gerou, mas minha mãe é minha mãe."* É possível observar que Tulipa declinou da intenção de conhecer a genitora pessoalmente, para não magoar a mãe. Ao ponderar sobre o motivo de não conhecer a genitora afirmou:

Eu vou ser bem sincera, por causa da minha mãe. Por causa desta reação negativa que ela teve. (...) quando eu vi que a reação da minha mãe foi essa, eu pensei: bom, daqui a pouco vai deixar ela pior e sem necessidade, porque... sabe... também não sei o vai agregar para mim conhecer a minha genitora. Daqui a pouco eu vou conhecer e vou deixar minha mãe triste, então não! (Tulipa)

Por outro lado, Gerbera, ao se referir a família biológica, deixa claro que não os vê como pessoas próximas.

Porque pra mim eles... não quero dizer que não são nada, mas tipo, não tem esse sentimento, não existe. Como se fossem pessoas no mundo, normal... Tipo, se encontrar na rua, não tem por que não cumprimentar, mas não vai se aquela coisa, meu deus, ele é meu irmão biológico! Gente, sabe, não! Cumprimento normal, como se fosse um conhecido. (Gerbera)

Conhecer um de seus irmãos biológicos mostrou a Gerbera que a realidade pode ser diferente do que foi imaginado e ela acabou se afastando. Ao conhecer o segundo irmão, sua posição é descrita da seguinte forma:

Daí eu já, neste segundo que foi adotado, também dei... falei que eu não queria. Que se ele quisesse falar comigo, era questão de amizade, mas nada de vir aqui em casa, não considerava irmão e não estava disposta a nada. (Gerbera)

Gerbera difere de Tulipa quando o assunto é conhecer a genitora. Enquanto Tulipa teme magoar a mãe, Gerbera não deseja este contato por entender que não é sua mãe e ao referir-se ao assunto, afirma que *“Eu sei que ela queria me conhecer, mas eu nunca tive esta vontade, essa curiosidade. (...) Minha mãe é com quem eu estou agora”*.

3.2.3 Desejo de encontrar a família biológica

Quando o tema tratado se refere ao desejo de encontrar a família biológica, Tulipa afirma que sempre teve o desejo de conhecer suas origens e que a curiosidade foi fomentada ao estudar genética, bem como pelo fato de observar que suas colegas se pareciam com suas mães, enquanto ela não se parecia com a sua. Outro ponto mencionado se refere à sua origem étnica.

Então, eu sempre tive aquela curiosidade, bah... e eu? Da onde que eu sou? Eu sempre tive aquela questão, eu sou italiana. Na verdade, a minha origem é alemã, sabe? Isso eu sei agora. Mas eu sempre tive essa... será que eu sou italiana? Da onde será que eu sou? (...) A minha curiosidade era mais na questão da origem mesmo. (Tulipa)

A participante ressalta que até a data da entrevista, teve contato com a família biológica através de aplicativos de mensagens instantâneas, porém não havia encontrado pessoalmente, observando que: *“...sei quem são, mas eu não conheço pessoalmente. O conhecer pessoalmente, eu não sei se eu tenho esse interesse.”* Em outro momento, Tulipa revela que declinou de seu desejo inicial de conhecer a genitora, devido a reação da mãe. Acrescentando que prefere cuidar da mãe à genitora.

Do porquê que eu não quero conhecer? Eu vou ser bem sincera, por causa da minha mãe. Por causa desta reação negativa que ela teve. Então, num primeiro momento a ideia era conhecer. (...) Então, não tem por que criar esse sentimento ruim nela, sabe! Que é a pessoa que me acolheu, que me amou, né! Então prefiro cuidar da minha mãe, do que da minha mãe biológica (genitora). (Tulipa)

No entanto, quando se refere aos irmãos biológicos, Tulipa muda seu posicionamento e manifesta do desejo do encontro presencial.

Eu sempre quis ter irmão, então foi legal pra mim saber que eu tenho irmão. “...eu sempre quis ter irmão, agora eu sei que eu tenho. Tive contato com um, daqui a pouco, daqui um tempo de repente a gente se encontra, não sei, né! Mas, meus irmãos eu tenho curiosidade de conhecer, esses sim, porque parece que não tem nada a ver com a história e são meus irmãos.” (Tulipa)

Gerbera, diferindo de Tulipa, teve o desejo de conhecer a genitora apenas durante uma fase de sua vida, da qual se arrepende. Durante a infância, a participante fantasiava com a mãe, imaginando-a como alguém que iria satisfazer as suas vontades e se assemelhava a ela.

Teve uma época que eu criei uma fantasia, de tipo... como a gente às vezes briga com o pai e com a mãe, que eu queria conhecer. Eu era pequeninha, tipos uns 10 anos, 12. Porque ela era igual a eu, porque ela ia ter dinheiro pra dar tudo que eu queria. (...) E daí, eu pensei uma vez assim, e falei: não, eu acho que a minha genitora é parecida comigo, é loira, tem os olhos

da cor dos meus olhos, eu vou ir atrás dela, porque ela é bonita, ela tem dinheiro e ela tem uma casa melhor. (...) eu imaginava que minha genitora morava, tipo assim, num casarão. Que as minhas colegas também tinham um casarão e eu queria ir atrás de alguém que tinha um casarão também. E daí, nesta fantasia que eu inventei na minha cabeça, eu queria ir atrás dela, porque eu imaginava que ela fosse rica, e eu queria também ser rica, porque minhas amigas eram ricas e minha mãe não era rica. (...) Na minha cabeça eu inventei que ela fosse rica e morava num castelo e ela era uma mãe bonita. Uma mãe mais nova, porque a minha mãe era mais velha que as mães das minhas amigas e isso me incomodava na época. Então eu criei na minha cabeça que a minha genitora era uma princesa, digamos assim, que tinha o cabelo da mesma cor que eu, os dentes bonitos, o corpo bonito e morava num casarão e que eu ia atrás dela, porque minhas amigas também tinham casarão e as mães bonitas. Tipo modelo, sabe. (Gerbera)

Referindo-se a esta fase de sua vida, Gerbera afirma que: *“eu era pequenininha, porque a gente não tem noção da vida”*. Em outro momento, referindo-se ao que poderia ter motivado isso diz que: *“Foi uma época da minha vida que eu brigava bastante com a minha mãe, por birras, né, essas coisas de piizada.”* O desejo de conhecer a genitora passou e Gerbera declara que: *“Foi a única fase em que eu loqueei, na minha cabeça mesmo e passou depois.”* A participante ressalta que se arrepende deste período e quando perguntada diretamente sobre a vontade de conhecer a família biológica, alega que: *“teve uma época que eu tive, mas eu me arrependo.”*

3.2.4 Encontro com a família biológica e suas repercussões

Quando o assunto tratado se refere ao encontro com a família biológica e suas repercussões, Gerbera menciona que sua mãe fez amizade com seu irmão biológico, mas observa que nada mudou.

Não, não mudou. Minha mãe fez bastante amizade com esse meu primeiro irmão, que veio, que a gente se encontrou no facebook na época e tudo mais. Inclusive ela, até tem ele, enfim, ele também às vezes conversa com a minha mãe, mas em questão assim de mudar, acho que não. (Gerbera)

Tulipa, no entanto, ao ponderar sobre o assunto, ressalta que sua mãe ficou enciumada, mencionando que: *“...eu senti que a minha mãe ficou, assim, com um ciuquinho, sabe! Por exemplo, assim, ah... Na verdade, para mim ela nunca falou, mas eu percebia...”*

Com relação ao pai, Tulipa conta que não sentiu alterações, e que foi ele que a alertou quanto ao mal-estar da mãe.

Até... agora que eu me lembrei, uma vez, acho que minha mãe estava meio mal, com tosse, que eu fui só com meu pai para o seminário, e ele falou que a minha mãe não estava muito bem com essa história. Comentou comigo, assim, né! Mas, até então, eu não tinha percebido, porque ela falava normal comigo. Até então, eu não tinha notado. Aí ele falou isso e um tempo depois começo saltar estas coisas. Meu pai, não. Meu pai eu não sentia, mas minha mãe, sim.” (Tulipa)

3.2.5 A experiência do encontro e suas repercussões

O encontro com o irmão biológico através de uma rede social, é classificado por Gerbera como estranho. Ao relatar o fato, a participante menciona que não sabe quem adicionou quem, e que foi sua mãe que percebeu que se tratava de um parente biológico seu.

É estranho. Eu achei estranho. No caso, o primeiro foi bem estranho, porque a gente não sabe quem adicionou quem, como é que aconteceu ali no facebook. De repente era aquela época em que todo mundo se adicionava, a gente ia aceitando, sabe. (...) Depois que a mãe começou a conversar comigo e falar: não, mas este menino está aqui, registrado, assim, assim. Nos papéis, né. Aí eu né, meu deus, está estranho. (Gerbera)

A mesma participante ressalta também que não teve sentimentos relativos ao irmão, observando que: *“...nunca teve nenhum sentimento de: meu deus do céu, conheci, sabe! Em outro momento menciona que o percebe “como se fosse qualquer outra pessoa.”*

Referindo-se ao motivo de ter considerado o encontro estranho, a participante destaca que não percebe o irmão biológico como integrante da família, pois não conviveu com ele.

Foi, foi estranho, porque a gente se acostuma com a família que a gente tá, então, tipo, é só essas pessoas. (...) Eu nunca tive convivência, não posso dizer que é meu irmão. Não é, entendeu. Eu estou aqui agora. Então foi estranho neste fato. (Gerbera)

Ao mencionar as repercussões do encontro para sua vida, Gerbera observa que nada mudou. Pondera que pode parecer fria, mas que inexistem sentimentos relativos aos parentes encontrados.

Parece que eu sou fria em dizer isso, mas não, no meu sentimento não mudou nada. Não criei... eu também não tive tempo, assim né, de criar alguma coisa, tipo. (Gerbera)

Para Gerbera, isso ocorre porque está satisfeita com a família adotiva e que considera que não necessita contato com a família biológica.

Eu tenho irmão, eu tenho mãe, eu tenho pai. Eu acho que como nunca me faltou nada, eu não olhei de outra forma pra eles, entende? Eu estou satisfeita com o que eu tenho. Muito satisfeita. Então, tipo, não querendo parecer egoísta, mas eu não sei explicar, só acho que aqui é a minha família mesmo e não preciso ter contato com eles. (Gerbera)

Diferindo de Gerbera, Tulipa considera que encontrar a família biológica foi bom. Pondera, também, que este encontro preencheu o vazio que sentia.

Eu gostei, assim. Porque me preencheu aquele vazio que eu não sabia. (...). Mas, preencheu. Eu sei que eu sou desta família, sei que sou desta, sei o que aconteceu, sei por que que eu estou com meus pais. Então preencheu aquilo. Então pra mim foi uma coisa boa. Como eu falei, uma curiosidade que eu tinha a vida toda e agora esclareceu, assim, mas não que tenha feito algum efeito na minha vida, não! Simplesmente, gostei! Aquilo que eu sempre tive curiosidade, agora eu sei. Sei com quem eu sou parecida, sei com que não tem nada a ver, sabe! Preencheu este vazio. (Tulipa)

Em outro momento Tulipa cita que o encontro com a família biológica lhe trouxe alívio, e diz: *“É um alívio, digamos assim.”* Após, reafirma: *“Uma sensação de alívio.”* Quando o assunto são as repercussões deste

encontro para ela, afirma que não houve alterações em seus sentimentos relativos à mãe adotiva, mencionando que: *“ela não é minha mãe! Ela é quem me gerou, mas minha mãe é minha mãe. Então, neste sentido, não mudou nada.”* Outro ponto citado por Tulipa, é o fato de ter descoberto a existência de irmãos, e afirma: *“Eu sempre quis ter irmão, então foi legal pra mim saber que eu tenho irmão.”* A participante menciona que seu objetivo foi atingido, mas que não houve mudanças em sua vida.

Como meu objetivo era saber minha origem, pronto, eu descobri. Não teve uma mudança. Mas como eu disse, eu sempre quis ter irmão, agora eu sei que eu tenho... Então, neste sentido só. (Tulipa)

3.3 Interpretação fenomenológica

Ambas as participantes foram adotadas ainda bebês, perfil que se enquadra na maioria dos filhos adotivos. Weber (2003), em seu trabalho, aponta que 71% das famílias adotaram crianças com até 3 meses de idade. De acordo com dados atuais, fornecidos pelo Conselho Nacional de Justiça (2023), no ano de 2022, 21,62 % das crianças adotadas tinham até dois anos de idade; quando consideradas crianças até 4 anos, o percentual passa a ser de 46,54%, demonstrando que a preferência dos adotantes por crianças pequenas ainda persiste. Neste mesmo ano, 40,4% das crianças adotadas eram brancas, característica encontrada nas entrevistadas.

A vontade de adotar uma criança recém-nascida pode representar o desejo de uma criança que se acredita sem história, e que se formaria única e exclusivamente a partir dos pais adotivos (Rosa, 2008; Schettini, 2006). Também é possível observar que a perda inicial dos pais genéticos, algumas vezes, é vista como irreparável para a criança adotada e determinante de todos os problemas da adoção (Weber, 2003; Machado *et al.*, 2019). Neste sentido, a adoção de recém-nascido procura reparar a perda da mãe, garantindo um desenvolvimento saudável, ficando as crianças mais velhas predestinadas à psicopatologia. Esta concepção, oriunda dos estudos de pesquisadores como Spitz e Bowlby, está baseada na ideia de que os traços de personalidade do indivíduo derivam de suas primeiras experiências de vida, principalmente da relação mãe-bebê, e determinam todas as relações posteriores da pessoa. Apesar de estudos posteriores criticarem a atribuição exagerada das primeiras experiências de vida no desenvolvimento futuro, a ideia de que uma criança necessita de uma família, preferencialmente desde o início de sua vida, ainda persiste (Solon, 2006).

Enquanto Gerbera foi adotada seguindo o rito legal, Tulipa foi adotada à brasileira. Esta adoção informal é caracterizada pelo fato de não passar pelos trâmites legais e a criança é registrada diretamente no cartório, como filha biológica (Souza, 2014). Até os anos 1980, esta modalidade de adoção constituía 90% das adoções realizadas no país (Maux; Dutra, 2010). Segundo Gesteira (2015), este tipo de adoção, socialmente tolerado, buscava imitar a família biológica, priorizando recém-nascidos pela facilidade de se perceber a relação não consanguínea com uma criança mais velha. Por outro lado, Maux e Dutra (2010) ponderam que esta era uma forma de esconder a adoção, como se fosse motivo de vergonha ou humilhação. Outro fato levantado pelos autores é que boa parte da população desconhece como iniciar um processo de adoção legal. No entanto, Weber (2003) aponta que a maioria dos adotantes informais avalia negativamente o trabalho realizado pelos Juizados de Infância e da Juventude em relação à adoção; indica também que adotantes com menor nível de escolaridade e menor renda familiar tendem a realizar adoções informais.

As participantes não souberam indicar um momento em que a adoção foi revelada e afirmaram crescer sabendo. Apesar de Schettini (2007) ressaltar não haver um consenso no que diz respeito à definição de uma idade ideal para a revelação, Brodzinsky *et al.* (1984 apud Barbosa-Ducharme, 2016) observa que o processo de comunicação da adoção deve começar o mais cedo possível após a chegada da criança, ou seja, entre 2 e 4 anos, quando a criança foi adotada ainda bebê. A ideia é que esta “revelação” não tenha um caráter solene, mas que seja incorporada ao cotidiano e ao universo simbólico da criança de modo gradativo e sistemático (WEBER, 2003)

Barbosa-Ducharme (2016), ainda citando Brodzinsky (2005), define a abertura da comunicação sobre a adoção como a vontade por parte dos indivíduos de considerar o seu significado em suas vidas, compartilhar este significado e explorar questões relacionadas no contexto familiar, reconhecendo e apoiando a conexão da criança com duas famílias. Padrões de comunicação mais abertos estão relacionados à maior satisfação com a adoção, maior confiança nos adotantes, apego seguro aos pais adotivos e mais ajustamento psicológico (Barbosa-Ducharme, 2016). Estes autores já evidenciavam tal reflexão em publicação anterior (Barbosa-Ducharme, 2012) fundamentando-se nas ideias de Brodzinsk (2006), sendo que em famílias em que a comunicação é aberta, fluida e não-defensiva, as crianças manifestam níveis superiores de autoestima. Esta abertura favorece um relacionamento mais maduro à família adotiva, solidificando os vínculos afetivos (Schettini, 2007). Também é possível considerar que a maioria dos filhos adotivos que souberam de sua adoção depois dos seis anos e/ou por terceiros, sentem mais vergonha de sua condição (Weber, 2003).

Apesar de aspectos relacionados aos sentimentos das participantes em relação às suas famílias adotivas não fazerem parte dos objetivos da pesquisa, este assunto surgiu naturalmente nas entrevistas, sendo que ambas as participantes enfatizaram seu sentimento de pertencimento. Este dado é corroborado por Weber (2003) que ressalta que a maioria (93%) dos filhos adotivos afirmam sentir amor e percebem os pais adotivos como seus verdadeiros pais. Com relação aos pais biológicos, ambas estão dentro do grupo de 45% que afirmam não ter nenhum sentimento com relação à sua família de origem (Weber, 2003).

Quando o assunto tratado foi o desejo de encontrar a família biológica, as participantes diferem. Gerbera revelou que sentiu desejo durante uma fase de sua vida e observou que possuía uma fantasia com relação a sua genitora, imaginando-a como uma mulher bonita, que se parecia com ela e que satisfaria todos os seus desejos. No contexto familiar, ao perceber insatisfação com seus pais, vendo-os aquém das suas expectativas e idealizações, uma fantasia comum, dentre os filhos biológicos, é imaginar-se como adotado. Da mesma maneira, é possível que o filho adotivo tenha uma fantasia e imagine-se proveniente de uma família biológica que satisfaça seus desejos, criando para si dois mundos, um do cotidiano, com pais imperfeitos e um outro imaginário, com genitores perfeitos e ilustres. Esta fantasia é criada para suportar a dura provação da realidade que se mostra de difícil aceitação; no entanto, para a constituição da criança, há a necessidade da elaboração do seu duplo pertencimento familiar e aceitação de seus pais (Combiér; Binkowski, 2017; Ladvoctat, 2002)

Considera-se, também, que passada esta fase, a participante não apresentou mais o desejo de encontrar a família de origem. Neste sentido, dados de Weber (2003) revelam que a maioria dos filhos adotivos (62%) pensam não ser importante ter informações referente à sua família de origem e apenas 32% pensam que seria bom conhecer sua história. Da mesma forma, 58% não querem conhecer sua família de origem ou não gostaram de tê-la conhecido.

A participante Tulipa, por outro lado, pode ser inserida no grupo que apresenta o desejo de conhecer suas origens e sua história. Esta busca representa uma tentativa de dar coerência e consistência à narrativa autobiográfica. A construção desta narrativa é necessária para formação da identidade adotiva, que representa a capacidade do indivíduo de organizar seu pensamento em torno dos acontecimentos que compõe sua história e de lhe atribuir significado, possibilitando o ajuste da expressão emocional ao conteúdo desta narrativa (Grotevant; Von Korff, 2011 apud Barbosa-Ducharme, 2012; Ladvoctat, 2002). Ao explorar sua história, o adotado é exposto a situações de dor e mágoa, que pode ser contrabalançada pela estabilidade e harmonia no lar adotivo; considera-se, no entanto, que esta exploração pode libertar o indivíduo para explorar o mundo (Levinzon, 2015).

Tulipa também revelou que o desejo inicial de conhecer a família de origem, foi deixado de lado, pois a mãe reagiu negativamente ao encontro, mesmo que o contato tenha ocorrido somente através de aplicativo de mensagens instantâneas. A literatura a este respeito menciona que o encontro com os pais biológicos é motivo de medo para os pais adotivos. Este medo pode estar relacionado ao receio de perder o filho para os pais biológicos (Silva; Silva; Biasus, 2021). Também podem emergir questões que ficaram mal resolvidas e camufladas na época da adoção, dentre estas questões é possível citar a infertilidade. As adoções informais

podem gerar maior insegurança por parte dos pais adotivos, pois eles podem ser responsabilizados criminalmente.

A evitação narrada por Tulipa objetiva não magoar a mãe, pois ela é considerada a verdadeira. De acordo com Rosa (2008), esta lealdade aos pais adotivos faz com que muitos filhos, apesar do desejo, retardem sua busca, muitas vezes efetivando-o somente após a morte dos pais adotivos. Corroborando com esta autora, Weber (2003) menciona que este comportamento de esquiva ocorre porque a situação de magoar os pais que os acolheram é muito aversiva.

Foram encontradas diferenças quando o tema se refere ao encontro com a família de origem e suas repercussões. A participante Gerbera revela que, apesar de sua mãe ter feito amizade com seus parentes biológicos, não percebeu repercussões. Observa-se, no entanto, que a participante Tulipa menciona a reação negativa de sua mãe e aponta que com relação ao seu pai não houve alterações.

A experiência do encontro também difere entre as participantes. Gerbera classificou a experiência do encontro como estranha. Greenhow et al (2017), em seu trabalho sobre o contato de adotados com sua família biológica através da internet, menciona que quando o contato virtual ocorre de forma inesperada e sem planejamento possui maior probabilidade de ser negativo.

A posição de Gerbera se insere dentro dos achados de Weber (2003), que aponta que 58% dos filhos adotivos não quer conhecer sua família de origem ou não gostou de conhecê-la. A participante ponderou que não possuía sentimentos referentes aos seus irmãos biológicos, pois não teve convivência com eles. Braungart et al. (1992 apud Dias; Queiroz, 2016) observam que irmãos biológicos separados que se reencontram na vida adulta, percebem-se como estranhos, pois o vínculo depende do contato, caracterizando-se como uma conquista diária e uma decisão no sentido que os envolvidos na relação desejam nela permanecer.

Tulipa, por outro lado, considerou que sua experiência foi boa e mencionou que houve uma sensação de alívio, preenchendo um sentimento de vazio. Rosa (2008), mencionando Eldridge (2004), observa que algumas pessoas adotadas têm sensação de que algo dentro delas está faltando. Esta sensação faz com que se envolvam em um processo de investigação, que pode incluir a procura pela família biológica, buscando preencher estes vazios e na ânsia de entender “quem sou” e a “quem pertencço”.

Levinzon (2020) menciona que depoimentos de adultos adotados expressam alívio ao saber de sua história, mesmo que ela seja muito dura, pois dados da realidade permitem a compreensão do que lhes aconteceu e do porquê do encaminhamento para a adoção. O estudo de Souza (2014) apresenta testemunhos de adotados que sentiam um vazio pelo desconhecimento de suas histórias pregressas. Da mesma forma, alguns participantes da pesquisa desta autora, relacionam o conhecimento de sua história com sentimento de completude.

No que se refere aos irmãos biológicos, Tulipa, afirma que sempre desejou ter irmãos e gostou de saber da existência deles. A participante tem o desejo de conhecê-los e mantém contato com pelo menos um deles, via rede social. Da mesma forma, alguns dos entrevistados de Souza (2014), manifestaram o desejo de se relacionar com os irmãos biológicos.

Ladvoat (2002) observa que o vínculo biológico faz parte da história e da identidade do sujeito; reconhecer-se como irmã ou irmão pressupõe identificar-se como membro de um grupo, de um conjunto fraterno (Santos, 2019). Também é possível considerar que entrar em contato com os irmãos biológicos não entra em conflito com a figura materna, havendo aceitação social para a existência de vários irmãos ou outros parentes; portanto, irmãos geram mais empatia que os pais biológicos (Jociles Rubio, 2022).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ambas as participantes narraram suas experiências de encontro com suas famílias biológicas e foi possível observar as especificidades vividas neste momento. Com relatos que ora se pareciam e ora se diferenciavam, houve aspectos relevantes das histórias a serem considerados.

As adoções ocorreram quando as participantes eram bebês e elas cresceram sabendo da sua condição de adotadas; no entanto, Gerbera desejou conhecer a família biológica apenas durante uma fase de sua vida e considerou o encontro como estranho, não desejando contato, por não nutrir sentimentos por eles. Tulipa, por outro lado, tinha o desejo de conhecer suas origens e considerou o fato de ter localizado seus genitores e conhecer sua história como bom.

Com relação às repercussões, ambas relataram que os sentimentos com relação a seus pais não se alteraram. Consideraram também que não houve repercussões em suas vidas. Apesar disso, Tulipa menciona ter percebido que sua mãe ficou enciumada e que o vazio que sentia foi preenchido, revelando também um sentimento de alívio.

A diferença encontrada pode estar relacionada ao desejo relatado. Gerbera não desejava o contato e, quando ele acontece, causa estranheza. Por outro lado, Tulipa almejava saber de suas origens e o encontro lhe trouxe alívio. Este aspecto faz pensar no impacto do desejo pelo encontro nos sentimentos gerados por este momento e na importância do respeito ao posicionamento do adotado.

Outro enfoque a ser considerado foi o sentimento de pertencimento às famílias adotivas, revelado pelas participantes. Sendo, portanto, possível perceber que não há necessidade de laços sanguíneos para que relações afetivas entre pais e filhos sejam estabelecidas; da mesma forma, o modo como a adoção foi iniciada não parece ser impeditivo de sucesso das relações familiares constituídas.

O principal aspecto deste trabalho é dar voz aos adotados no que concerne à sua experiência no encontro com sua família biológica. Por se tratar de um estudo qualitativo, é mister salientar a impossibilidade de generalização dos resultados. Espera-se que este trabalho contribua para novos estudos, tal como a experiência do encontro das famílias biológicas com seus filhos encaminhados para a adoção, em que o fenômeno possa ser estudado em sua especificidade, permitindo a expressão dos sujeitos e favorecendo a reflexão sobre o tema.

REFERÊNCIAS

BARBOSA-DUCHARME, Maria. Identidade, Adoção, Identidade Adotiva: Reflexão em torno de alguns resultados de investigação. **Cidade solidária**. 2012. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/66607/2/88063.pdf> . Acesso em: 03 fev. 2023.

BARBOSA-DUCHARNE, Maria; SOARES, Joana. Process of adoption communication openness in adoptive families: adopters' perspective. **Psicologia: Reflexão E Crítica**, v.29, 2016. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/prc/a/yrmLFhHj4MxF89V9h6WbtJz/?lang=en#>. Acesso em Acesso em: 03 fev. 2023.

BIASUS, Felipe; MENEGHETTI, Aldo D. Descobrir a Velhice: Um Estudo Fenomenológico com Mulheres da Terceira Idade. **Perspectiva**, Erechim, v. 28 n. 102, p. 55-70, 2004.

BREAKWELL, G. M. *et al.* **Métodos de pesquisa em psicologia**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

COMBIER, Claudine V. BINKOWSKI; Gabriel. Adoção e mito: os destinos do "mito familiar" na cena da família contemporânea. Estudo a partir de um caso clínico de adoção na França atual. **Ágora: Estudos em Teoria**

Psicanalítica, Rio de Janeiro, v. 20, n.1. 2017. Disponível em <https://www.scielo.br/j/agora/a/xJkHdQqVwWzfyTRYPR Yv9F/?lang=pt#>. Acesso em 05 fev. 2023.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento. **Crianças Adotadas a Partir de Janeiro de 2019**. 2023. Disponível em <https://paineisanalytics.cnj.jus.br/single/?appid=ccd72056-8999-4434-b913-f74b5b5b31a2&sheet=bd4aac53-8097-45df-83a9-6fcf49b2f506&lang=pt-BR&opt=ctxmenu,currsel&select=clearall>. Acesso em: 05 mar. 2023.

CRESWELL, J. W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

DIAS, Cristina M., QUEIROZ, Edilene. A Chegada de um Irmão Adotivo: Percepções e Experiências. **Revista Subjetividades**, v. 15, n. 2, 2016. Disponível em <https://ojs.unifor.br/rmes/article/view/5119/4140> Acesso em 26/03/23.

DUQUE, Amanda Marques; OLIVEIRA FILHO, Pedro de. A Construção Do Abandono Como Traço Identitário Dos Filhos Adotivos. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v.9 n2, p. 117-126. 2018.

FORGHIERI, Yolanda C. **Psicologia Fenomenológica, Fundamentos, Método e Pesquisas**. São Paulo: Pioneira, 1993.

GESTEIRA, Soledad. Secretos, mentiras y estigmas. La búsqueda del origen biológico como un tránsito del como si al cómo fue. **Antípoda. Revista de Antropología y Arqueología**, n. 21, 2015.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GREENHOW, Sarah *et al.* Adoptive Family Experiences of Post-Adoption Contact in an Internet Era. **Child & Family Social Work**, v 22, p 44-52, 2017. Disponível em <<https://core.ac.uk/reader/42477545>> Acesso em 07 mar. 2023.

JOCILES RUBIO, María Isabel. Su Familia Biológica Puede y Debe Estar Presente En Su Vida»: Apertura Estructural En Familias Monoparentales Españolas Que Han Adoptado Transnacionalmente. **Disparidades : Revista de Antropología**, v. 77, no. 1, 2022. Disponível em <https://dra.revistas.csic.es/index.php/dra/article/view/922/1139>. Acesso em 26 mar. 2023.

LADVOCAT, Cynthia. **Mitos e segredos sobre a origem da criança na família adotiva**. Rio de Janeiro: Booklink, 2002, 118 f. Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia.

LEVINZON, Gina Khafif. A curiosidade na adoção: terreno pantanoso ou saúde psíquica?. **DESIDADES: Revista Científica da Infância, Adolescência e Juventude**, v. 3, n. 7, p. 10-20, 2015.

LEVINZON, Gina Khafif. **Tornando-se pais: a adoção em todos os seus passos**. 2. ed. São Paulo: Blucher, 2020.

MACHADO, Rebeca Nonato *et al.* O mito de origem em famílias adotivas. **Psicologia USP**, Rio de Janeiro, v. 30, e160102, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-6564e160102> . Acesso em: 18 ago. 2022.

MAUX, Ana Andréa Barbosa; DUTRA, Elza. A Adoção no Brasil: algumas reflexões. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. Rio de Janeiro, n. 2, p.356-372, 2010.

OTUKA, Livia K.; SCORSOLINI-COMIN, Fabio; SANTOS, Manoel A. dos. Adoção suficientemente boa: experiência de um casal com filhos biológicos. **Psicologia: teoria e pesquisa**, Brasília, v. 28 n. 1, p. 55-63,

2012. Disponível em <https://periodicos.unb.br/index.php/revistapt/article/view/17552> . Acesso em: 25 ago. 2022.

ROSA, Daniela Botti da. A narratividade da experiência adotiva: fantasias que envolvem a adoção. **Psicologia Clínica**. Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 97-110, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-56652008000100007> . Acesso em 20 ago. 2022.

SAMPIERI, R. H. *et al.* **Metodologia de pesquisa**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

SANTOS, Michelle Joanny Zompero. **Vínculo fraterno e adoção**: um estudo documental da trajetória de irmãos, da medida protetiva à reinserção familiar. 2019, 149 f. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

SCHETTINI, Suzana S. M.; AMAZONAS, Maria C. L. de Almeida; DIAS, Cristina M. de Souza B., Famílias adotivas: identidade e diferença. **Psicologia em Estudo**. Maringá, v. 11, n. 2 p. 285-293, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722006000200007>. Acesso em 20 ago. 2022.

SCHETTINI, Suzana S. M. **Filhos por adoção**: um estudo sobre o seu processo educativo em famílias com e sem filhos biológicos. Recife, 2007, 207 f. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica, Universidade Católica de Pernambuco.

SILVA, Sanai da; SILVA, Marcel da L. P. da; BIASUS, Felipe. Adoção: uma análise assistemática da literatura científica brasileira. **Revista Perspectiva**, Erechim, v. 44, n. 168, p. 21-33, 2021. Disponível em <https://doi.org/10.31512/persp.v.44.n.168.2020.89> . Acesso em: 24 ago. 2022.

SOLON, Lilian de Almeida Guimarães. **A perspectiva da criança sobre seu processo de adoção**. Ribeirão Preto, 2006, 202 f. Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras de Ribeirão Preto/USP – Departamento de Psicologia e Educação.

SOUZA, Marciana da Silva. **Saber Sobre Sua Origem**: Reações e Mudanças Ocorridas na Vida do Filho Adotivo. Recife, 2014. 117 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica de Pernambuco. Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação.

WAGNER, Adriana. **Desafios psicossociais da família contemporânea: pesquisas e reflexões**. Artmed Editora, 2009.

WEBER, Lidia N.D. Adoção: breve análise das relações familiares. *In.*: BRANDÃO M.Z.S. e cols. (Orgs), **Comportamento e Cognição** Vol. 11 (pp. 512-526). Santo André: ESETEC, 2003.

O PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO E EXPERIÊNCIA VIVIDA PELA POPULAÇÃO VENEZUELANA NA MIGRAÇÃO PARA ERECHIM

Vinicius Eduardo Sarturi¹; Felipe Biasus²

¹ Acadêmico do Curso de Psicologia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - Câmpus de Erechim (URI). *E-mail: 091138@aluno.uricer.edu.br*

² Psicólogo, Mestre em Psicologia, Professor do Curso de Psicologia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - Câmpus de Erechim (URI). *E-mail: febiasus@uricer.edu.br*

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo descrever as características sociodemográficas e a experiência vivida na migração de venezuelanos residentes em Erechim, compreendendo a experiência vivida na decisão de migrar, processo de migração, até a chegada no Brasil e caracterizar o contexto atual de vida destes imigrantes na cidade de Erechim. A coleta de dados fora realizada em duas etapas. Considerando a existência de uma associação de venezuelanos em Erechim, foi solicitado auxílio na divulgação da pesquisa, com o objetivo da coleta de dados. A primeira ocorreu com a aplicação de um questionário com participação de 50 pessoas, após foram convidados aleatoriamente 5 indivíduos para realizar uma entrevista, com intuito de investigar as experiências vividas pelos participantes Venezuelanos com a vinda para o município de Erechim. A análise dos dados fora orientada pelo método fenomenológico, tendo por objetivo identificar aspectos da experiência vivida na decisão de migrar, no processo de migração desde a saída da Venezuela até a chegada ao Brasil.

Palavras-chave: imigração; venezuelanos; Brasil.

1. INTRODUÇÃO

Na atualidade, presenciamos o mais alto nível de deslocamento forçado na trajetória humana. Os números são alarmantes, segundo Egas (2018), das 65,8 milhões de pessoas deslocadas por guerra, conflito e perseguição, 25,4 milhões são refugiados ou requerentes de asilo, sendo que a maioria destes migrantes possuem menos de 18 anos. Por inúmeros motivos, os mecanismos para a cooperação internacionais são frágeis, o que leva ao surgimento zonas de extremismos e perseguição no planeta, que promovem a discriminação, a xenofobia e o racismo. Na qual, os migrantes e refugiados, são vítimas de estes regimes totalitários que buscam o poder. Por consequência, o agravamento de embates internos, motivados por ideais políticos e ideológicos, contribuem para o esfacelamento dos princípios e valores da cooperação entre os países.

A crise na Venezuela se agravou, especialmente após as eleições da oposição de 2015. Como afirma Simões (2017), o que Lander (2014, p. 1) chama de “Crise do Modelo de Petroleiro Rentista”, na qual atingiu seu pico. Decerto, a crise na Venezuela, embora possua profundas raízes econômicas, além de ter elementos sociais muito fortes, especialmente a escassez de alimentos e remédios, ainda possui um aspecto político fracassado que fora implementado por Hugo Chávez e que perdura até os dias atuais.

A Coalizão da Unidade Democrática, que se opôs ao regime de Chávez, conquistou uma maioria de dois terços nas eleições parlamentares, encerrando 16 anos de controle do Partido Socialista em 6 de dezembro de 2015. Com esta vitória, o regime de Chávez perdeu sua maioria parlamentar, o que provocou uma grave

crise institucional que perdura até hoje. Seguido por tentativas do governo de Maduro em conter os poderes constitucionais por meio de um decreto, para convocar uma Assembleia Nacional Constituinte, com o intuito de alterar a Constituição de 1999, caracterizado por uma legislação de reforma, que alteraria seus poderes executivos, afastando com isso o Poder Legislativo ordinário de maioria oposicionista, aumentando seu poder, taxado pela oposição como um golpe de estado. Em julho de 2017, as eleições para a Assembleia Constituinte iniciaram, apesar do grande descontentamento vindo da população e prelúdios de revoltadas, ocorrendo por detrimento das reformas que foram realizadas (Simões, 2017).

Em 2017 a ONG *HumanRights* em seu relatório, declara a situação da Venezuela nos seguintes termos:

Sob a liderança do presidente Hugo Chávez e agora do presidente Nicolás Maduro, as acumulações de poder no poder executivo e a erosão dos direitos humanos garantias permitiram ao governo intimidar, perseguir e até processar criminalmente seus críticos (HRW, 2017).

Neste contexto, as perseguições políticas ocorridas na Venezuela por parte de Nicolás Maduro a críticos e a oposição configuram uma queda da democracia no país em questão, caracterizado pela concentração de poder no executivo, iniciado no governo de Hugo Chávez culminado no governo de Maduro.

Além das preocupantes questões políticas ocorridas na Venezuela, a situação econômica no país se deteriorou e muito nos anos seguintes. Chegando em 2016, a uma inflação de 254%, em 2017 de 720% (IMF, 2022) encerrando em 2019 com uma inflação de 9.585,5%, segundo dados publicados 3ª (4.fev.2020) pelo Banco Central do País (BCV). Gerando principalmente uma escassez de alimentos e remédios que matam até os dias atuais.

Assim ocorreria um êxodo de pessoas, com o intuito de buscar melhores condições de vida e de sobrevivência para sua família e entes queridos, saindo da Venezuela para países como Colômbia, Equador, Peru, Estados Unidos e sobretudo o Brasil.

Nesse contexto, como referido por Egas (2018), valendo-se de uma longa tradição de hospitalidade, juntamente com a mistura étnico e cultural, o Brasil vive um momento único em sua história tratando-se da proteção de indivíduos que deixaram seu país em decorrência de conflitos, guerras, perseguições e violações generalizadas de direitos humanos, reafirmando sua liderança na proteção internacional de migrantes e refugiados, por meio de garantias de direitos individuais, fazendo uso do direito internacional dos refugiados, dos direitos humanos e do direito internacional humanitário.

Com isso em mente, fica claro que o processo de imigração se refere à adaptação dos indivíduos a uma cultura, língua e regras de funcionamento socioculturais, que às vezes são diferentes de sua origem. Um novo ambiente social, muitas vezes hostil, sendo necessário que o imigrante passe por diferentes fases e desenvolva estratégias de adaptação que lhe permitam fazer face às dificuldades associadas à situação imigrante, conduzindo a diferentes modos de aculturação (Ramos, 2008).

Diante desta perspectiva, este artigo que fora submetido ao Comitê de Ética da universidade, apresenta os resultados de uma pesquisa que teve como objetivo descrever as características sociodemográficas e a experiência vivida na migração de venezuelanos residentes em Erechim, compreendendo a experiência vivida na decisão de migrar, processo de migração e a chegada no Brasil, em especial na cidade de Erechim RS.

Ademais a escolha do tema fora por conta da experiência vivida no estágio de Psicologia Social e Comunitária, realizado ao longo do ano de 2022. Este estágio, fora realizado na Catedral São José de Erechim-RS, com o objetivo de acolher e mediar um grupo de venezuelanos em suas diversas demandas, sendo a principal, a formação de um grupo diretivo com estes membros, com o intuito de criar uma associação de apoio

aos imigrantes da Venezuela. Observou-se no decorrer dos trabalhos o interesse de aprofundar o tema, assim uniu-se o útil como agradável, escolhendo-se debruçar-se com mais afinco no tema, neste presente estudo.

2. METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida por meio de uma pesquisa qualitativa, exploratória e descritiva de corte transversal.

3. PARTICIPANTES

Participaram da pesquisa membros da comunidade venezuelana, com idade igual ou superior a 18 anos de qualquer sexo, que residissem na cidade de Erechim RS no período de coleta de dados. Na qual, 50 pessoas participaram da primeira etapa da coleta de dados e dessas, 5 foram convidadas a participar de uma entrevista.

4. PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS

A coleta de dados foi realizada em duas etapas. A primeira fora a aplicação do questionário. Considerando a existência de uma associação de venezuelanos em Erechim, foi solicitado auxílio na divulgação da pesquisa, com o objetivo da coleta de dados com 50 pessoas, onde os participantes receberam um link para acessar o formulário de coleta de dados online.

Após esta primeira etapa, foram convidadas 5 pessoas para participar de uma entrevista individual com intuito de investigar as experiências vividas pelos participantes Venezuelanos com a vinda para o município de Erechim. Esta segunda etapa da coleta de dados, teve por objetivo identificar aspectos da experiência vivida na decisão de migrar, no processo de migração desde a saída da Venezuela até a chegada ao Brasil, e como se encontravam no contexto atual. Nesta segunda etapa os 5 participantes receberam um termo de consentimento livre e esclarecido com informações referente aos objetivos da etapa do estudo, procedimentos e autorização de gravação da entrevista.

Os dados oriundos do questionário online, foram analisados com auxílio de estatísticas descritivas como frequência, medidas de tendência central, gráficos e tabelas.

Já os dados originados das entrevistas foram analisados por meio do método fenomenológico. Para tanto, inicialmente as entrevistas gravadas foram transcritas e compuseram o corpus de análise. A análise por meio do método fenomenológico, seguiu três etapas de acordo com Gomes (1997):

1º Descrição fenomenológica: visa revelar a intencionalidade do sujeito, o mundo que vive, portanto, sua experiência consciente, assim a descrição focaliza uma realidade específica vivenciada por alguém e faz dessa experiência o objeto de estudo.

2ª Redução fenomenológica: visa evidenciar os elementos básicos que compõem a descrição, suas diferentes partes, a fim de reduzir partes selecionadas, verificando a presença e ausência de elementos, para posterior análise da estrutura de pontos essenciais para a pesquisa.

3º Interpretação fenomenológica: focando-se na redução dos dados, compara-se as possíveis relações entre o sistema e suas partes, ou seja, a visão do pesquisador e a literatura presente.

5. RESULTADOS

Os resultados do estudo serão apresentados de acordo com o método de análise proposto, os dados oriundos do questionário online, foram analisados com auxílio de estatísticas descritivas como frequência, medidas de tendência central, gráficos e tabelas. Já as entrevistas foram analisadas de acordo com a metodologia fenomenológica caracterizados por descrições sequenciais, com o objetivo de revelar a experiência dos participantes durante o processo de migração. Inicialmente serão apresentados dos resultados levantados com auxílio do formulário eletrônico, tendo como participantes, 50 venezuelanos residentes em Erechim.

5.1 PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DE PARTICIPANTES DA POPULAÇÃO VENEZUELANA RESIDENTE EM ERECHIM

Fora proposto o questionário sociodemográfico, detalhado abaixo em quadros e textos descritivos, com objetivo de compreender o perfil da população residente na cidade de Erechim Rs. Participaram 50 pessoas, sendo 27 mulheres e 23 homens.

Quadro 1. Dados de Caracterização Sociodemográfica

| Variáveis | Faixa Etária | Nº | Estado Civil | Nº | Educação | Nº | Compreensão de Português | Nº | Provincia de Origem | Nª | |
|--------------------------|-----------------|----|--------------|----|----------------------------------|----|---|----|---------------------|----|----|
| PARTICIPANTES (n. 50) | 18 - 30 anos | 12 | Solteiro | 28 | Analfabeto | 0 | Abaixo o básico: entende pouco, não sabe ler nem escrever em português. | 3 | Anzoátegui | 15 | |
| | | | | | Primaria incompleto | 3 | | | Bolívar | 14 | |
| | 30 - 50 anos | 36 | Casado | 18 | Primaria completo | 2 | Básico: entende, sabe ler pouco e não sabe escrever em português. | 6 | Carabobo | 4 | |
| | | | | | Secundaria incompleto | 4 | | | DF – Caracas | 2 | |
| | < 50 anos | 2 | Divorciado | 4 | Secundaria completo | 12 | Médio: entende bem, sabe ler e escrever um pouco em português. | 31 | Monagas | 6 | |
| | | | | | Superior incompleto | 9 | | | Outros | 9 | |
| | | | | | Superior completo | 19 | Avançado: compreende bem, sabe ler e escrever português. | 10 | | | |
| | | | | | Pós-graduado (Esp/mestr/dout) | 1 | | | | | |
| | Total | | 50 | | 50 | | 50 | | 50 | | 50 |

Na pergunta, que profissão você exerceu na Venezuela, os participantes responderam funções variadas desde trabalhos manuais a trabalhos de teor intelectual.

Participantes do sexo feminino relataram trabalhos como, setor de agro alimentação, dona de casa, auxiliar administrativo, auxiliar de cervejaria, auxiliar de produção, cabeleireira, caixa de supermercado, caixa de padaria, atendimento ao cliente, caixa de loteria, estudante, operador de serviço de estação de metrô, psicólogo educacional, secretária, e professor, sendo a profissão mais citada.

Participantes do sexo masculino relataram trabalhos como administrador, policial, chofer, engenheiro civil e de sistemas, mestre de obras, taxista, padeiro, mecânico, trabalhador de minas de ouro, serviços gerais e braçais foram os mais citados.

Quadro2¹. Vida na Venezuela

| Variáveis | Tempo de Saída da Venezuela | Nº | Familiares na Venezuela | Nº | Plano de Regressar | Nº |
|--------------------------|-----------------------------|----|-------------------------|----|---|----|
| PARTICIPANTES (n. 50) | Menos de 1 ano | 6 | Sim | 45 | Sim | 11 |
| | De 1 ano a 2 anos | 4 | | | Não | 6 |
| | De 2 a 3 anos | 6 | Não | 2 | Sim, mas pretende ficar por tempo indeterminado no Brasil | 31 |
| | Mais de 3 anos | 32 | | | | |
| Total | | 48 | | 47 | | 48 |

Na pergunta, por que razão ou razões você decidiu deixar a Venezuela, os participantes responderam motivações variadas, sendo que para as participantes do sexo feminino, questões relacionadas a busca de uma melhor qualidade, um futuro para si e sua família, por causa da crise econômica do país, inflação, desemprego, instabilidade do país e insegurança, criminalidade e corrupção.

Já participantes do sexo masculino relataram uma busca de oportunidades de trabalho e melhor segurança para a família, oportunidade de crescimento, salários, devido ao problema econômico e sociopolítico que o país, pela crise, e citam também: “precariedade dos serviços básicos (Água, Eletricidade, Gás, Internet, Combustível, Saúde) e “sistema de saúde em declínio e os salários não são suficientes para manter um indivíduo, muito menos para uma família pequena”.

Notou-se que a questão socioeconômica, é citada na grande maioria dos relatos dos participantes.

¹ As variáveis com total de repostas inferior ao total de participantes devem-se a ocorrência de *missing* nas repostas.

Quadro 3. Vida no Brasil

| Variáveis | Atualmente vive com outras famílias | Nº | Quantas pessoas vivem em sua casa? | Nº | Há quanto tempo você vive em Erechim? | Nº |
|--------------------------|-------------------------------------|----|------------------------------------|----|---------------------------------------|----|
| PARTICIPANTES (n. 50) | Sim | 27 | 1 | 2 | Menos de 1 ano | 14 |
| | | | 2 | 7 | De 1 ano a 2 anos | 27 |
| | Não | 23 | 3 | 9 | De 2 anos a 3 anos | 8 |
| | | | 4 | 18 | Mais de 3 anos | 1 |
| | | | Mais de 4 | 14 | | |
| Total | | 50 | | 50 | | 50 |

Na pergunta, qual é seu trabalho atual, os participantes responderam funções variadas, contudo na sua grande maioria manuais.

Participantes do sexo feminino relataram, assistente de pintura, confeitaria em casa, cozinheira, limpeza, e em funções diversas, desde sala de montagens a cortes, na empresa Aurora Coop, e cinco responderam que estão sem ocupação laboral no momento. A profissão de operador de caixa e dona de casa foram as mais citadas.

Participantes do sexo masculino relataram, auxiliar de modelagem, auxiliar de produção, auxiliar técnico eletrônico, auxiliar na obtenção de mercadorias, carpinteiro, metalúrgico, faxineiro, operador de produção, pintor, projetista estrutural e em funções diversas, desde sala de montagens a cortes, na empresa Aurora Coop. A profissão soldador e de serviços gerais foram as mais citadas.

Quadro4². Trabalho e Residência

| Variáveis | Situação Laboral | Nº | Renda Mensal | Nº | Você aceitaria se mudar para outros estados e regiões do Brasil, se houver apoio do governo brasileiro? | Nº |
|--------------------------|----------------------------|----|--------------------------------|----|---|----|
| PARTICIPANTES (n. 50) | Trabalho de meio período | 4 | Até BRL 1 mil | 14 | Sim | 34 |
| | Trabalho em tempo integral | 33 | Acima de BRL 1 mil a BRL 2 mil | 24 | | |
| | Desempregado | 10 | Acima de BRL 2 mil a BRL 4 mil | 6 | Não | 6 |
| | Autônomo | 2 | Acima de BRL 4 mil a BRL 6 mil | 0 | | |
| | Estudante | 0 | Acima de BRL 6 mil | 0 | Não Sabe | 10 |
| | Aposentado | 0 | | | | |
| Total | | 49 | | 44 | | 50 |

² As variáveis com total de repostas inferior ao total de participantes devem-se a ocorrência de *missing* nas repostas.

Na pergunta, quais países migrou além do Brasil, notou-se que as repostas dos participantes seguiram padrões, de países que fazem fronteira ou próximos a nação de origem. Cinco repostas para Argentina, três para a Bolívia, cinco para a Colômbia, dois para o Equador, três para o Peru, uma para Trinidad e Tobago, e outras trinta e três nenhum outro país além do Brasil. Observa-se que houveram 52 repostas, pois a pergunta era aberta, assim alguns participantes inseriram mais de um país.

Na pergunta, por que decidiram imigrar para o Brasil, os participantes responderam motivações variadas, destacando o aspecto das oportunidades de emprego e renda, a proximidade com a Venezuela, o acolhimento ao povo Venezuelano, estabilidade e a facilidade em conseguir a documentação para permanecer no país de forma legal. Notou-se que questão da possibilidade de melhora da qualidade de vida e proximidade com a Venezuela, é citada na grande maioria dos relatos dos participantes.

5.2 DESCRIÇÃO FENOMENOLÓGICA

Os participantes deste estudo, revelaram sua subjetividade a partir de sua experiência desde a decisão de migrar, sua chegada ao Brasil e como se encontram atualmente. Optou-se por identificar os participantes através dos primeiros cinco códigos do alfabeto fonético da OTAN, com intuito de preservar suas identidades, conforme previsto nas normas de investigação com seres humanos (Resol.466/12 Conselho Nacional de Saúde).

Alpha (feminino 29 anos)

Alpha tem 29 anos, ensino superior incompleto, estudava na Venezuela engenharia elétrica e trabalhava em uma loja de materiais personalizados, sendo encarregado pela mesma, no momento trabalha como auxiliar projetista, em uma empresa de gestão de engenharia elétrica. Tem uma união estável, e possui um filho de três anos. Capacidade de entender português boa, entende tudo normal. Relata que no início foi difícil demorando aproximadamente seis meses para melhorar a língua, e treze meses já estava entendendo bem as pessoas, não falava, mas começou a falar porque via que precisava, pois era difícil para sair na rua, pois não sabia como se comunicar. Além do espanhol português, dava aula de inglês na Venezuela, não dá aulas mais, mas continua praticando.

A decisão de emigrar, no início, foi por conta da situação da Venezuela. Estando ruim há mais de 5 anos, estava estudando e trabalhava, mas não dava conta. Então assim decidiu migrar, em 2018, para procurar a melhor qualidade de vida. Decidiu migrar para o Brasil pois já conhecia o país, seu esposo viera ainda quando eram namorados, a convencendo a migrar para estado de Roraima. Relata que no início foi um pouco difícil para se adaptar a cultura diferente. Outra dificuldade referida foi o tratamento, muito diferente com os imigrantes no estado de Roraima, sentindo que havia um pouco de discriminação lá.

Por conta da pandemia, Alpha e seu esposo deixaram o estado de Roraima foram morar em São Paulo, residindo dois anos, mas com a pandemia o comércio ficou parado assim ficou sem serviço e precisava de emprego e dinheiro, então um amigo de Alpha que residia há algum tempo na cidade de Erechim, falou que a cidade tinha serviço, assim migraram para a cidade em busca de emprego, quando chega aqui sente boa receptividade, ao ponto de não se sentir discriminada, referindo que a cidade é boa para morar, onde se sente com mais liberdade, ainda que o custo de vida seja um pouco elevado, passível de manter o sustento da família pelo fato do casal trabalhar.

Relata que na época que saiu da Venezuela, em 2018, as situações estavam difícil agora está mais complicada, porque muitas pessoas estão passando fome. Não passou fome, pois viu a situação se agravando, sem empregos e então decidiu procurar uma melhor qualidade de vida, assim chegou no Brasil, por conta de

questões econômicas e porque seu namorado já residia a 10 anos, na qual não passou a crise do país de origem, migrando, pois, queria jogar futebol.

Tem ainda familiares na Venezuela, e familiares do pai na Colômbia, mas aqui no Brasil residindo apenas Alpha, seu esposo e seu filho atualmente. Seus irmãos já migraram da Venezuela, e juntamente com Alpha pretendem ajudar seus pais saírem do país, na qual seu irmão mais novo ficaria com o pai na Espanha e sua mãe viria para o Brasil, pois são separados. Residiu um ano em Roraima, dois em São Paulo e dois na cidade de Erechim.

Quanto ao futuro, Alpha refere desejar regressar ao curso de graduação que não encerrou na Venezuela. Conta que quando saiu de seu país não trouxe nenhum documento referente a graduação e histórico acadêmico. Em contato com universidades no Brasil, pensa em retomar a universidade para terminar seu curso que realizava, está equilibrando as contas pois tem um filho pequeno, mas agora talvez por conta de estar mais grandinho, possa entra.

Bravo (masculino 45 anos)

Bravo tem 45 anos, trabalhou em diversas profissões na Venezuela, como padeiro, soldador e taxista, no momento, em Erechim, trabalha em uma indústria local da área metal mecânica. É casado e possui três filhos, com seis, quatorze e dezessete anos, sendo que o mais velho mora em outra cidade. Seu filho mais novo, é deficiente visual e fora diagnosticado com autismo severo. Está há cinco anos no Brasil, seu processo de migrar fora muito conturbado relata. Sua compreensão de português é boa, dissera que o início fora complicado, mas logo aprendeu por conta própria.

Decidiu migrar pois seu país de origem há um processo político complicado, relata falta de trabalhado, por conta de fechamento de empresas e falta de comida, assim vendo sua família passar necessidades decidiu migrar, primeiramente teve a ideia de ir à Colômbia, mas devido às oportunidades migrou ao Brasil. Chega em Pacaraima sozinho apenas com uma muda de roupa, de ônibus, logo depois se dirige a Boa Vista, mas na cidade em quentão não conseguira trabalho, dormiu por um tempo na rua e tomava banho na rodoviária, assim não conseguindo lidar mais a situação conversando com um vizinho, convidou Bravo a morar com ele na cidade de Mucajaí, relata a dificuldade de conseguir 12 reais para a passagem até a cidade, o processo de ida até Mucajaí durou duas semanas. Chegando na cidade começou a residir na casa deste amigo que tinha esposa e três filhos, dormia no chão da casa, pois a casa era de um cômodo e banheiro.

Relata que começou a trabalhar “capinando” terrenos, dissera que nunca pensava na vida que um dia iria pegar em uma enxada, pois antes da crise, Bravo, pagava pessoas para realizar este serviço em sua casa na Venezuela. Também trabalhou como catador de latinhas em Roraima. Em certo momento decidiu fazer uma placa de papelão escrita “faço tudo, serralheiro, pedreiro, padeiro, eletricista”, uns dias depois quando estava na rua um senhor o abordou em uma moto, e perguntou se gostaria de ser caseiro de uma chácara, de pronto aceitou, mas deixou explícito para o amigo aonde iria trabalhar como precaução.

Chegando no local fora recebido bem, plantava e cuidava da chácara, relata que foi muito difícil no início, mas depois se acostumou com o trabalho. Oito meses se passaram e com ajuda deste senhor, conseguiu trazer sua família da Venezuela, sua esposa e 3 filhos. Residiram sem pagar aluguel em uma pequena casa do patrão, por dois anos.

Contudo, por conta da pandemia, os hospitais fecharam e os trabalhos diminuíram, assim ficara preocupado com seu filho mais novo, pois necessitava de acompanhamento médico regular, assim sondando cidades lembrou que tinha um amigo em Porto Alegre, contatando o mesmo dissera que não teria problema de o receber, contatou os serviços locais de migração interna do país, migra cidades, se inscreveu e logo fora chamado, alugou uma casa em Porto Alegre, mas residiu pouco tempo na cidade pois não encontrava trabalho. Um certo dia o contataram de uma empresa de Erechim para trabalho, sondando a cidade vira que tinha

hospitais próximos, assim conversado com a empresa acertou as negociações e se dirigiu para residir em Erechim. Relata que foi muito bem recebido, e com auxílio da empresa conseguiu alugar uma casa e se instalar facilmente na cidade. Gosta da cidade e se sente acolhido.

Charlie (masculino 43 anos)

Charlie tem 43 anos de idade, separado, mas no momento possui uma namorada há dois anos. Na Venezuela exercia a função de petroleiro e operador de máquina industrial, atualmente trabalha em uma indústria exercendo a função operador. Decidiu migrar pois seu país de origem está passando por uma situação econômica complicada, na qual não via oportunidades em seu emprego e formas de crescer financeiramente dentro do país. Migrou há 2 anos e está há 1 ano e 10 meses em Erechim, relata que passou dificuldades em ter deixado a família e sua filha. Atualmente em sua casa vive Charlie, sua namorada e seu cunhado. Por meio da igreja que frequenta conseguiu uma entrevista de emprego para a cidade de Erechim e fora selecionado, migrando e residindo atualmente. Compreende bem português, após um tempo de adaptação a língua.

Chegou em Pacaraima e saiu de Boa Vista para Porto Alegre em refúgio e conseguiu uma vaga de emprego em Erechim, dissera que fora muito bem recebido. No início estava um pouco desmotivado pois não encontrava trabalho, mas logo que conseguiu se empenhar no motivo de ter migrado, passou a exercer sua profissão com o objetivo de crescer na empresa. Sente-se bem no trabalho atual, e pretende crescer na empresa e agarrar oportunidades que virão.

No momento não pensa em retornar para a Venezuela, pois dissera que sabe que é difícil o país retornar o que era, dizendo que sua vida agora é aqui no Brasil, se focando no presente.

Delta (feminino 48 anos)

Delta tem 48 anos, na Venezuela exerceu a profissão de professora por 12 anos. Atualmente trabalha em um frigorífico da cidade, é casada, mas não tem filhos biológicos, mas por ter educado três sobrinhos, os considera filhos. Vive com seu esposo e seus sobrinhos na casa, onde todos são adultos. Sua capacidade de entender português é mediana, está no Brasil há quatro anos e meio e em Erechim há um ano e meio.

Falar sobre a decisão de migrar a deixou emocionada, por recordar da situação do país muito ruim em relação a falta de segurança e empregos. Narrou que com o salário que recebiam não conseguiam comer, além do fato de encontrarem os supermercados vazios. Para conseguir um pacote de alimento haviam filas enormes de alcançavam 2 quadras, bem como muita delinquência, e corrupção na polícia e no governo. Ainda que considera receber pouco atualmente, refere que consegue comer, comprar suas coisas, e sobra um dinheiro para enviar para sua mãe que ainda está na Venezuela.

Relata que seu esposo viera primeiro ao Brasil e a convenceu a migrar. Delta tem seis irmãos e sua mãe na Venezuela, ao longo de sua entrevista refere a dificuldade e a tristeza de os deixar, uma vez que foi a única que migrou. Tivera muita dificuldade no trajeto até chegar no Brasil, por conta dos policiais de seu país, que barravam e subornavam as pessoas para seguirem caminho.

Quando atravessara a fronteira para o Brasil em Roraima se sentiu muito segura e tranquila, contudo vira “um mar venezuelanos” na cidade em todo o lugar, nas praças, nas matas, e a noite se via inúmeras pessoas dormindo na rua. Viveu com seu esposo e mais 4 pessoas em uma pequena casa em Roraima para dividir os custos. Vendia sacolas de vime na rua por três reais, vendia também bolos e quindim.

Contatou os serviços locais de migração interna do Brasil, “migra cidades” em parceria com a ONU, para se direcionar a uma cidade com mais empregos, contudo a prioridade eram homens. Como havia um

familiar seu em Erechim e seguindo o processo reunificação de famílias, conseguiram mudar para Erechim Delta seu esposo e seus sobrinhos.

Relata ter sido muito bem recebida na cidade de Erechim, sendo uma cidade com pessoas muito educadas, que cumprimentam as outras, não se sentindo discriminada pela população. Contudo está vivendo uma situação conturbada no trabalho atualmente que a está deixando cansada, pois é um trabalho com uma função repetitiva e manual.

Echo (feminino 52 anos)

Echo tem 52 anos, possui três filhos e é viúva. Na Venezuela exercia a profissão de enfermeira e é graduada em jornalismo. No momento trabalha como auxiliar de cozinha no refeitório de uma indústria. Relata a dificuldade do idioma, no início sendo muito complicado até de comprar algo e sair de casa, sua capacidade de entender o português atualmente é mediana de 0 a 10 relata estar em 5. Vive atualmente com dois filhos e outra pessoa, reside há 4 anos no Brasil.

Decidiu migrar da Venezuela porque a situação estava difícil, também não tinha trabalho, seu esposo ficara sem emprego, conseguir comida também não era fácil. Neste sentido explica que existiam filas para conseguir alguma coisa no supermercado, assim Echo e seu esposo decidiram migrar para o Brasil, vieram por meio da sua igreja com tudo pago, chegaram em Pacaraima Roraima sem nenhuma documentação, depois pularam de refúgio a refúgio que a sua igreja proporcionava de Pacaraima para Boa Vista, depois para Manaus e Rondonópolis no Mato Grosso, isto em poucos dias. Logo que chegaram em Rondonópolis seu esposo fora diagnosticado com câncer e faleceu. Depois de dois meses que havia chegado no Brasil seu pai faleceu na Venezuela. Devido às perdas e das dificuldades que passava em Rondonópolis decidira mudar de cidade. Sondando lugares, entrou em contato com uma amiga que reside em Lagoa Vermelha e a mesma dissera da cidade de Erechim como um lugar bom de morar, informação que a fez pesquisar e decidir migrar novamente. Saiu de Rondonópolis só com a roupa do corpo, com suas economias conseguiu apenas comprar as passagens do ônibus para ela e seus 3 filhos, dissera que muitas pessoas a ajudaram no caminho, os motoristas se solidarizaram e ajudaram na alimentação. Narra que sua acolhida no Brasil, fora muito boa, e em Erechim se sentiu em casa, e muito feliz, em poucos dias seu filho mais velho conseguira emprego e pouco mais de um mês, Echo estava empregada.

5.3 REDUÇÃO FENOMENOLÓGICA

A partir da Descrição Fenomenológica foi possível realizar o processo denominado Redução Fenomenológica a fim de reduzir as descrições a temáticas, ou núcleos de sentido. As temáticas acabaram emergindo da estruturação da entrevista, podendo ser identificadas três temas principais: tema I: A decisão de migrar, tema II: A chegada ao Brasil e temas III: Contexto atual.

Temas I: A decisão de migrar

Com base nas leituras das descrições das entrevistas, o fator determinante dos participantes migrarem de seu país de origem fora, a crise socioeconômica vivida na Venezuela, desde a falta de alimentos à empregos, como exemplificado abaixo:

“Sai da Venezuela porque a situação estava difícil, também não tinha trabalho, meu esposo ficou sem trabalho, ficou complicado para conseguir comida já não havia comida e havia que fazer fila para comprar comida, havia coisas que não tinham nos mercados e estava bastante difícil a situação (Echo)”

“Eh bom, faz aí porque o Venezuela tá passando tal, tá passando por um processo político muito forte né, e a economia é a de Venezuela caiu muito. Salário não cobria a necessidade. Tem serviço, mas o dinheiro não tem valor para comprar a coisas. Aí as empresas começaram a fechar, comércio de comida, começaram a fechar e era difícil consumir alimento. Então assim, eu vendo a necessidade em casa, vendo meu filho que não conseguia comer, aí tomei a decisão... (Bravo)”.

“Eu estava pensando a dois anos se saía do meu país ou não, chegamos aqui em 2018, pela situação do país, da comida e a segurança, o salário não dava para fazer nada, eu me lembro que anos atrás o salário básico dava para comprar suas coisas, moveis e roupas, depois foi tudo decaindo ao ponto do salário não dar para comer... (Delta)”.

Notou-se outro fator para a saída da Venezuela, a busca de melhores oportunidades, e qualidade de vida, como exemplificado abaixo:

“A decisão de emigrar no início para mim foi pôr à situação do meu país. Como é que ele estava ruim mais de cinco anos atrás. Aí eu estava estudando e trabalhava, mas não dava conta. Então assim eu decidi sair pra procurar melhor qualidade de vida (Alpha)”.

“...meu país está passando por uma situação econômica, questões com o governo, e o trabalho estava difícil, eu estudei e para assumir minha carreira, eu sou profissional petroleiro e operador de máquina industrial, não tinha oportunidade de trabalhar, e assim tomei minha decisão de sair (Charlie)”.

Temas II: A chegada ao Brasil

Os participantes relatam diversas experiências vividas na chegada do Brasil, contudo as dificuldades são as mais evidentes, na qual a primeira colocada em ênfase nos relatos fora, a dificuldade em falar uma língua estrangeira, percebe-se que mesmo sendo línguas latinas irmãs, ao chegar no Brasil os participantes viram-se sem vocabulário para se expressarem, conforme excertos que seguem:

“Deixei meu país, era difícil, não entendia o português e os outros não entendiam o espanhol. Então fazia isso, saía um dia sim, e outro dia não, para tentar um serviço (Bravo)”.

“Quando chegamos aqui pela igreja, eh não podemos nos queixar a acolhida, foi muito boa, chegamos em uma casa toda mobiliada e com comida, por três meses a igreja nos ajudou com alimentação e lugar, mas não tínhamos trabalho ainda, passamos bastante necessita de em Rondonópolis, eu chorava todos os dias em Rondonópolis, as vezes não tínhamos comida, tínhamos que os ajudar porque não sabíamos falar. Com um amigo Colombiano que falava português foi que aprendi (Echo)”.

“Eu acho fiquei boa. Eu entendo tudo normal. No início assim foi difícil, mas eu demorei mais ou menos para entender tudo bem certo, para aprender, uns seis meses, né? E com treze já estava entendendo as pessoas, né? E eu não falava. E comecei a falar porque vi que precisava. Então era difícil para sair na rua e não achava como me comunicar e as pessoas não me entendiam. Então eu comecei a ir atrás. (Alpha)”.

Outra dificuldade, relatada pelos participantes quando chegaram no solo Brasileiro fora a de encontrar empregos, entre elas pelas quantidades de venezuelanos no estado de Roraima, como exemplificado abaixo:

“Quando chegamos aqui pela igreja, eh não podemos nos queixar a acolhida, foi muito boa, chegamos em uma casa toda mobiliada e com comida, por três meses a igreja nos ajudou com alimentação e lugar, mas não tínhamos trabalho ainda, passamos bastante necessita de em Rondonópolis, eu chorava todos os dias em Rondonópolis (Echo)”

“...eu vim sozinho primeiro, eu deixei minha esposa com meu filho, meu filho é deficiente visual e ele tem autismo ele estava pequenininho, acho que tinha nem um ano quando eu sai, minha esposa e meus outros dois filhos. Então assim, eu via as pessoas falando vem o Brasil é bom, mas era difícil conseguir serviço porque estava cheio de venezuelanos, ai comecei a sair de manhã procurar serviço, capinar um quintal e outro, nunca na minha vida pensei que ia acontecer, porque quando chegava em casa eu pagava outro porque não dava tempo quando estava trabalhando. Então assim comecei a sair na rua procurar serviço, no início catando latinha, em Boa Vista (Bravo)”.

Outros participantes vieram a cidade de Erechim pelo fato de já estarem com emprego encaminhado, por conta da ligação de um empregado ou de uma instituição, como exemplificam os excertos abaixo:

“...eu cheguei quando já era a pandemia, estava um pouco ruim, mas assim eu decidi sair do meu país, e lá em Pacaraima, por meio da ONU sai de Boa Vista para Porto Alegre, e em Porto Alegre acharam uma vaga de emprego em Erechim para mim. Por um meio de uma vaga de emprego pela Igreja Pompéia. Que foi lá que deu a oportunidade na vaga emprego. Ai fizemos uma entrevista e eu fui selecionado eu e mais cinco companheiros, chegamos aqui e deu certo na empresa, e estamos ali trabalhando, muito bem (Charlie)”.

“me fizeram outra ligação, ah seu Luis, aqui é uma empresa de Erechim e tal. Ai falei para minha esposa, para procuramos onde ficava Erechim. Bom, o dia da entrevista chegou e falei que não tinha condições de pagar uma passagem, ela disse não tem problema, vamos fazer entrevista por telefone. Daqui a pouco me ligou ... fizemos a entrevista para mim e para minha esposa. Uma montadora de ônibus e tal e começa a falar, perguntou quanto tempo estava no Brasil, quanto filho tem etc. Dai falaram, tá bom, qualquer coisa ligamos pra você e assim foi. Outro dia me ligou de novo. No sábado, você vem para Erechim fazer um teste, me pagaram passagem e tudo, para eu e minha esposa (Bravo)”.

Um dos participantes relatou, que quando chegara no Brasil a dificuldade inicial para adaptação a cultura diferente, como explicado abaixo:

“Eu e meu marido já tínhamos namoro e ele já estava morando aqui então ele me falou pra vir e aí eu fui pra Roraima e então assim o início eh foi um pouco difícil eh pra gente se adaptar a cultura diferente, o trato também é muito diferente com os imigrantes então eu sinto que há um pouco mais discriminação para a gente tem lá no estado em Roraima (Alpha)”.

Os participantes revelam também a dificuldade de lidar com a distância de familiares que estão ainda residindo na Venezuela, como explicado abaixo:

“Minha família, quando eu saí tuda ela ficou lá, saudades, eu tenho família fora e tenho familiares do meu pai que é da Colômbia, mas aqui no Brasil não tem nada de família. Tem uns familiares, meus irmãos, saíram da Venezuela por uma situação, mas eles estão na Espanha, acho que esse ano a gente está fazendo, né, minhas irmãs e eu, ajudar eles pra sair da Venezuela, teria no caso minha mãe viria pra cá comigo porque é separada, e meu

pai iria pra a Espanha com meu irmão mais novo. Isso que a gente tá programando pra fazer (Alpha).”

“...meu pai já morreu e minha mãe vive sozinha, um irmão que migrou para a Colômbia, e minha filha da minha primeira mulher que eu me separei ela está ficando também na Venezuela. Penso em trazer minha filha para cá, é muita saudade, mas estou vendo (Charlie).”

“...minha mãe fez 83 anos agora, é uma pessoa que está muito enferma, está solo a 25 anos, estou preocupada, sou a filha mais pequena, que estava sempre com ela (Delta).”

Tema III: Contexto atual

No contexto atual relatam diversas vivencias, mas no geral positivas, saída cidades e contextos de outros municípios complicadas por conta da pandemia e da não adaptação da cultura local, como exemplificados abaixo:

“Na verdade, a gente vem aqui, pela pandemia, deixamos Roraima, fomos morar em São Paulo, a gente morou lá há dois anos, mas com a pandemia ficou parado muito comércio, o trabalho ficou parado, o serviço, e em vista disso a gente estava procurando serviço, a gente precisava o trabalho porque precisávamos do dinheiro pra viver né? Então foi um amigo do meu marido que morava aqui já tinha mais tempo, e falou que a cidade tinha serviço então assim a gente vem aqui principalmente pro serviço, quando chegamos aqui a receptividade boa. Eu não sinto discriminação aqui, eu acho que é uma cidade ótima para a gente morar. Ela é de custo de vida um pouco elevado, caro, mas a gente se adapta trabalhando juntos, dá como se virar aqui, a cidade boa, e a gente tem mais liberdade pra estar aqui. Me sinto assim (Alpha).”

“...aqui em Brasil há 2 anos migrei do meu país por melhor qualidade de vida, eu consegui uma vaga emprego aqui em Erechim graças a Deus, tenho 1 ano 10 meses trabalhando..., agradeço todas as pessoas que fizeram esta oportunidade para mim.... eu agradeço todas as pessoas que fizeram o possível eu estar aqui, e falar para outra pessoa que pela oportunidade que eu recebi que também pela associação de venezuelanos... estou trabalhando e penso em ficar por aqui agora, pode ser que volte para a Venezuela, mas já mentalizei que minha vida mudou. Quero conseguir minha casa e minhas coisas aqui (Charlie).”

“Faz um ano e dez meses que sai de Porto Alegre e estou aqui, hoje estou muito contente e feliz...(Charlie).”

Notou-se também como muitos dos participantes tiveram ajuda de outros migrantes para se alojarem na cidade, pela disponibilidade de emprego e solidariedade do povo local, como exemplificado abaixo:

“Quando chegamos aqui tivemos uma acolhida muito boa, ficamos em uma casa de uma amiga venezuelana da igreja quatro dias depois nos alugaram uma casa com todas as coisas, amo Erechim é uma cidade muito boa, bonita, são muito carinhosa, melhor que Rondonópolis aqui somos acolhidos. Meu filho começou a trabalhar quatro dias depois de ter chegado aqui e eu comecei a trabalhar no mesmo mês (Echo).”

5.4 INTERPRETAÇÃO FENOMENOLÓGICA

Por meio da redução fenomenológica permitiu-se identificar a experiência vivida por migrantes venezuelanos com a chegada no Brasil. Pode-se notar que os conteúdos apresentados na redução, por meio de três temas, foram caracterizados para melhor entendimento e visibilidade das vivencias dos participantes a partir da chegada no Brasil e seu contexto atual de vida.

Na compilação dos dados no formulário do perfil sociodemográfico e na descrição dos relatos, os participantes narraram suas vidas e suas experiências na emigração da Venezuela, dentre elas o fator determinante para saída, a crise socioeconômica vivida na Venezuela, desde a falta de alimentos e empregos, à busca de melhores oportunidades, e qualidade de vida. Nota-se que no quadro 2, em sua grande maioria, os participantes migraram há mais de 3 anos do país de origem, confirmado assim, pelo período de maior tensão do país.

Nas descrições das entrevistas percebe-se que, a grande maioria dos participantes são pessoas jovens abaixo dos 50 anos de idade, e em sua maioria solteiros (quadro 1). Ademais nos relatos confirma-se que em todos os casos, possuem familiares na Venezuela, geralmente idosos, pais, mães e avôs, como observado no quadro 2 que, 45 dos participantes responderam possuir familiares ainda residentes da Venezuela.

Segundo Pussetti (2010, p.96), o próprio processo migratório representa um fator de risco porque “reúne os sete elementos perdidos: família e amigos, língua, cultura, família, condição social e contato com grupos étnicos e religiosos. Essa série de perdas se manifesta no luto e vem sempre acompanhada de maior vulnerabilidade a distúrbios mentais e/ou emocionais”. Neste contexto os participantes expõem diversas experiências vividas na chegada do Brasil, sendo a dificuldade mais evidente a da comunicação, falar uma língua estrangeira, neste caso o português. Contudo após algum tempo residindo no Brasil a compreensão de português dos participantes melhorara, como relatado por *Alpha*, *Bravo* e *Charlie* nas descrições e salientado no quadro 1, na qual a maioria dos participantes possui compressão mediana ou superior no português.

Os participantes, em sua maioria, possuem ensino secundário completo a superior completo (quadro 1), como demonstrado também nos relatos das entrevistas. Ademais a procura de empregos, exercer uma nova atividade de trabalho, adaptação a cultura diferente, e a dificuldade de lidar com a distância de familiares que estão ainda residindo na Venezuela, foram outras experiências dificultosas relatadas.

Segundo dados da Polícia Federal, em 2003, o Brasil recebeu apenas 190 imigrantes da Venezuela, em 2015 foram 28.670, um crescimento de 14.989%, gerando um estoque migratório de 102 mil imigrantes em catorze anos, dos quais 92 mil chegaram apenas durante o governo da ex-presidente Dilma Rousseff. (Uebel, 2019).

Carvalho (2020) salienta que esta situação provocou um verdadeiro êxodo em massa de cidadãos venezuelanos em busca de melhores condições de vida fora de seu país de origem. Como resultado, no início de 2020, mais de 5 milhões de venezuelanos deixaram seu país, cerca de 250 mil deles migraram para o Brasil, segundo as ações do Governo Federal. Migrantes buscam comida, segurança e trabalho no Brasil, cada vez mais distante de sua realidade na Venezuela (ACNUR, 2020). Como exemplificado nos relatos abaixo:

“Sai da Venezuela porque a situação estava difícil, também não tinha trabalho, meu esposo ficou sem trabalho, ficou complicado para conseguir comida já não havia comida e havia que fazer fila para comprar comida, havia coisas que não tinham nos mercados e estava bastante difícil a situação (Echo)”

“Eh bom, faz aí porque o Venezuela tá passando tal, tá passando por um processo político muito forte né, e a economia é a de Venezuela caiu muito. Salário não cobria a necessidade. Tem serviço, mas o dinheiro não tem valor para comprar a coisas. Aí as empresas começaram a fechar, comércio de comida, começaram a fechar e era difícil consumir alimento. Então assim, eu vendo a necessidade em casa, vendo meu filho que não conseguia comer, aí tomei a decisão... (Bravo)”

“Eu estava pensando a dois anos se saia do meu país ou não, chegamos aqui em 2018, pela situação do país, da comida e a segurança, o salário não dava para fazer nada, eu me lembro que anos atrás o salário básico dava para comprar suas coisas, moveis e roupas, depois foi tudo decaindo ao ponto do salário não dar para comer... (Delta)”

Várias organizações religiosas instalaram-se em Pacaraima e Boa Vista, e formaram uma rede de indivíduos envolvidos em operações humanitárias, desenvolvendo uma rede complexa que integra o Exército, as organizações de natureza religiosa e agências das Nações Unidas. As acomodações agora são organizadas de acordo com a experiência desenvolvida pelo ACNUR (Alto Comissariado para Refugiados da ONU) em colaboração com o Exército Brasileiro. A equipe operacional é recrutada entre universitários, missionários, jovens, migrantes, militares e profissionais das agências das Nações Unidas (Lopes, 2018). Como exemplificado nos relatos abaixo:

“Quando chegamos aqui pela igreja, eh não podemos nos queixar a acolhida, foi muito boa, chegamos em uma casa toda mobiliada e com comida, por três meses a igreja nos ajudou com alimentação e lugar, mas não tínhamos trabalho ainda, passamos bastante necessitada de em Rondonópolis, eu chorava todos os dias em Rondonópolis (Echo)”

“...eu cheguei quando já era a pandemia, estava um pouco ruim, mas assim eu decidi sair do meu país, e lá em Pacaraima, por meio da ONU sai de Boa Vista para Porto Alegre, e em Porto Alegre acharam uma vaga de emprego em Erechim para mim. Por um meio de uma vaga de emprego pela Igreja Pompéia. Que foi lá que deu a oportunidade na vaga emprego. Aí fizemos uma entrevista e eu fui selecionado eu e mais cinco companheiros, chegamos aqui e deu certo na empresa, e estamos ali trabalhando, muito bem (Charlie)”.

O estado brasileiro na qual a maioria da população Venezuelana se desloca, para adentrar no território nacional, é do de Roraima, sobretudo nas cidades de Pacaraima e Boa Vista. Como observado nos relatos em sua totalidade, todos os participantes entraram no Brasil via Roraima.

Segundo dados de Simões (2017):

O número de solicitantes de refúgio venezuelanos passou de 2802 em 2015, para 2.233 em 2016 e até junho de 2017, 6.438 venezuelanos pediram refúgio na capital roraimense. Para todo o Brasil, esses números são respectivamente de 829, 3.368 e 7.600 para os anos de 2015, 2016 e 1º semestre de 2017. Percebe-se com isso, que a grande maioria dos venezuelanos recém-chegados solicitaram seu pedido de refúgio em Roraima, especialmente em 2016 e 2017. A partir daí, pode-se concluir que boa parte dos venezuelanos que pedem refúgio vem por uma migração terrestre oriunda da fronteira Santa Elena de Uairén-Pacaraima. A esse respeito, o saldo líquido dos números de entrada e saída dos venezuelanos no Brasil aproxima-se dos números de pedidos de refúgio. Em 2016, entraram pelo ponto de migração terrestre na fronteira 56.800 venezuelanos e retornaram a 47.108, o que permite uma aproximação em torno de 9.700 venezuelanos que ficaram em território brasileiro. Em 2017, entraram por Pacaraima 24.379 (até 10.07.2017) e retornaram 13.868, o que contabiliza, em termos líquidos, 10.511 venezuelanos, número mais próximo aos 7.600 pedidos de refúgio contabilizados no primeiro semestre de 2017. Além disso, esses números mostram que a migração venezuelana é muito pendular, ou seja, muitos entram e muitos saem, o que reforça algumas questões. (SIMÕES, 2017, p. 2)

Ainda segundo Simões (2017), a maioria dos migrantes chega de ônibus, levando em média de 1 a 2 dias para chegar a Pacaraima, na fronteira brasileira, como relatado pela experiência de *Bravo*. O autor supracitado afirma que (82,4% do total de participantes da sua pesquisa) eram solicitantes de refúgio, e a maioria já possuía alguns documentos brasileiros. Ressalta que, a escolha das rotas de asilo direcionadas para o Brasil explicam-se especialmente porque os pedidos de asilo são gratuitos, na qual permitem que os solicitantes permaneçam regularmente no país e obtenham documentos, em particular a carteira de trabalho. Para alguns, é por isso que a rota do asilo é escolhida, embora esta rota seja difícil de ser feita.

No contexto, atual os participantes relatam que chegaram a Erechim há pouco tempo, de 1 a 2 anos (quadro 3), residindo em famílias numerosas de 3 a mais pessoas, muitas vezes dividindo a residência com outras famílias, por conta do custo, (quadro 3). Na questão laboral relatam em sua maioria não exercer a

profissão que desempenhavam na Venezuela, sendo em muitos dos casos atualmente trabalho braçal de pouca renda, como demonstrado no quadro 4. Afirmam também que foram muito bem recebidos e acolhidos pelo povo na cidade de Erechim, referem que em outras localidades não foram tão bem acolhidos; contudo atualmente sentem-se bem e felizes na cidade, como relatado por diversos participantes, entres eles Charlie, que narra: “Faz um ano e dez meses que sai de Porto Alegre e estou aqui, hoje estou muito contente e feliz”.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou explorar a vivência da migração do povo Venezuelano para o Brasil, desde a decisão de migrar até o contexto atual. Esta compreensão fora possível a partir da perspectiva dos imigrantes residentes na cidade de Erechim no Estado do Rio Grande do Sul.

Na pesquisa, pode-se observar que as respostas dos participantes em relação à experiência vivida pelos mesmos na vinda para o Brasil são semelhantes no que diz respeito à decisão de migrar, a chegada no Brasil e como se encontram atualmente, destacando aspectos de busca de oportunidades de emprego e renda, estabilidade, melhor qualidade de vida, para si e sua família, por conta da crise econômica, inflação, desemprego, instabilidade, insegurança, criminalidade e corrupção do país. Os participantes relatam ainda dificuldades com a distância familiar e a adaptação cultural, desde o momento em que decidiram emigrar até a chegada ao Brasil.

Percebe-se que esta migração apresenta certas dificuldades e sofrimentos aos indivíduos em relação a sua vida anterior, como a separação de famílias e da cultura de origem. Contudo expõe também ganhos que podem ser percebidos, como na criação de novos vínculos, na proximidade de costumes e tradições, e na forma atual de relacionamento com as comunidades em que estão inseridos.

Ademais notou-se que na coleta dados houvera certas dificuldades em relação a comunicação, por conta de que a fluência do português não era presente em todos os participantes. Sendo assim, ocorreu determinadas adversidades em compreender a fala, para após realizar a transcrição das entrevistas. Pode-se destacar também, como fora possível chegar até este grupo de venezuelanos, por conta do estágio no âmbito da Psicologia Social e Comunitária, realizado ao longo do ano de 2022, oferecido pela Universidade, com o objetivo de acolher e mediar um grupo de venezuelanos em suas diversas demandas, sendo a principal, a formação de um grupo diretivo com estes membros, com o intuito de criar uma associação de apoio aos imigrantes da Venezuela. Por meio do apoio da associação de venezuelanos em Erechim, fora possível a divulgação da pesquisa, aplicação do questionário e a realização das entrevistas.

A partir do tema escolhido do perfil sociodemográfico e experiência vivida pela população venezuelana na migração para Erechim, evidenciou-se a vontade por parte destes sujeitos na procura de uma melhor qualidade de vida, segurança para si e sua família, a busca por liberdade de pensamento e renda, narrada nos relatos, por conta da crise socioeconômica vivida na Venezuela.

Em suma, é importante ressaltar a importância de mais pesquisas sobre migração para que se possa compreender os aspectos sociopsicológicos do processo migratório e, assim, gerar intervenções com vistas a ajudar este grupo, assim como em outros grupos de migrantes, a se estruturarem fora de seu país de origem, em solo brasileiro, por meio de políticas públicas. É de extrema importância um olhar acolhedor e receptivo para estes indivíduos, pois acarreta novas oportunidades de trocas culturais no convívio habitual do dia a dia.

REFERÊNCIAS

ACNUR/UNHCR, World at War, Global Trends, Forced Displacement in 2014, Alto Comissariado da ONU para Refugiados - ACNUR, 18 June de 2015.

ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA OS REFUGIADOS (ACNUR). Brasil. **Venezuela**, 2020a. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/venezuela/> Acesso em: 28 mar. 2020.

CARVALHO, Renato Grillo de. **Os impactos da migração de venezuelanos para o Brasil, no tocante à Segurança Nacional**. 2020.

EGAS, José. A Solidariedade como os refugiados começa com todos nós. In: BAENINGER, Rosana; JAROSHINSKI, João Carlos, (Coord) **Migrações Venezuelanas**. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp, 2018. p.31-37

GOMES, Wiliam B. A entrevista fenomenológica e o estudo da experiência consciente. **Psicologia USP**, v. 8, n.2, p. 305-336, 1997.

HUMAN RIGHTS WATCH. **World Report 2017: Venezuela** Disponível em: <https://www.hrw.org/world-report/2017/country-chapters/venezuela>. Acesso em 16 out.2022

IMF. **Country Data: Venezuela**. Disponível em: <http://www.imf.org/en/Countries/VEN>. Acesso em: 16 out. 022.

LANDER, Edgardo. **Venezuela: Crisis terminal del modelo petrolero rentista?** Tiempo de Crisis: Caracas, 2014.

LÓPEZ MAYA, Margarita , “La crisis del chavismo en la Venezuela actual”. **Estudios Latinoamericanos**, no. 38, julio-diciembre. México, D.F., p. 159-185, 2016.

MESSIAS, José Flávio. A inclusão e a questão dos refugiados no Brasil e no mundo. **Revista Internacional**, v. 1, n. 3, 2016.

PUSSETTI C. Identidades em Crise: imigrantes, emoções e saúde mental em Portugal. **Saúde Soc.** São Paulo, v. 19, n.1, p. 94-113, 2010

RAMOS, N. Migração, aculturação e saúde. In N. Ramos, (Org.). **Saúde, migração e interculturalidade: perspectivas teóricas e práticas** (pp. 45-96). João Pessoa, PB: Editora Universitária. UFPB.2008.

ROIG, Jaime Nadal. Migrações Internacionais e a garantia de Direitos. In: BAENINGER, Rosana; JAROSHINSKI, João Carlos, (Coord) **Migrações Venezuelanas**. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp, 2018.p.27-30.

LOPES, Cristiane Maria Sbalqueiro. Uma Janela de Oportunidades: A Migração Venezuelana como Fator de Desenvolvimento, In: Migrações Internacionais e a garantia de Direitos. In: BAENINGER, Rosana; JAROSHINSKI, João Carlos, (Coord) **Migrações Venezuelanas**. Campinas, SP: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp, 2018. p.113.

SIMÕES, Gustavo da Frota. **Venezuelanos em Roraima: Características e Perfis da Migração Venezuelana para o Brasil**. 2017. Disponível em: https://www.kas.de/c/document_library/get_file?uuid=fa9065e2-c184-5655-0c04-1381156aca09&groupId=265553. Acesso em: 25 set. 2022.

UEBEL, Roberto Rodolfo Georg. Migração Venezuelana para o Brasil: considerações geopolíticas e fronteiriças sobre a atuação governamental brasileira. **Aldea Mundo: Revista sobre Fronteiras e Integración Regional**, año 24, n. 48, p. 69-80, 2019.

O PAPEL DOS PROCESSOS PSICOLÓGICOS ATENÇÃO E EMOÇÃO NO COMPORTAMENTO ALIMENTAR

Fernanda Lira¹; Juliana Raquel Jaboinski²

¹Acadêmica de Psicologia - Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI - Erechim/RS. *E-mail: fernandalira90@hotmail.com*

²Psicóloga, Mestra em Psicologia, Professora do Curso de Psicologia - Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI - Erechim/RS. *E-mail: julianajaboinski@uricer.edu.br*

RESUMO

Objetivo: Identificar o papel dos processos psicológicos (atenção e emoção) envolvidos no comportamento alimentar. **Método:** Refere-se a uma pesquisa de revisão integrativa da literatura, com busca no banco de dados do Google Acadêmico. Foram utilizados os descritores: Comportamento Alimentar. Alimentação Emocional. Comer Intuitivo. Bariátrica. Artigos publicados entre 2005 e 2022, em língua portuguesa, contendo título, resumo e texto na íntegra alinhado com o tema do trabalho, apresentando estudos empíricos. **Resultados:** Sete artigos compuseram a amostra do estudo. O fator emocional relaciona-se ao comer porque está frustrado, com raiva ou medo. Estes estados emocionais podem afetar diretamente as escolhas alimentares. O fator atencional trata-se de um processo cognitivo, que poderá influenciar de maneira automática um comportamento alimentar, aumentando significativamente a probabilidade de o indivíduo reagir a estímulos do ambiente que sinalizam recompensa, e passam a comer por prazer para aliviar sentimentos ruins, têm relação com a percepção de cada indivíduo.

Palavras-chave: comportamento alimentar; alimentação emocional; comer intuitivo; bariátrica.

1. INTRODUÇÃO

A alimentação sempre foi um fator importante para a sobrevivência do ser humano. Nossos antepassados viviam em tempos de incertezas, se tratando da disponibilidade de alimento, quando era possível encontrá-lo buscavam por alimentos que o organismo pudesse armazenar sob forma de energia, de preferência para alimentos mais gordurosos, contendo sal, açúcares e proteínas. Hoje em dia, essa procura por alimentos mais calóricos ainda está relacionada com a preferência alimentar evolutiva. Contudo o homem, na atualidade, tem a disposição de alimento muito próximo de si, não necessitando caminhar grandes distâncias, passando a ingerir mais alimentos calóricos e gastando menos energia. Este fato, passou a contribuir para o ganho de peso e problemas de saúde, decorrentes da alimentação e sedentarismo, como por exemplo, a questão da obesidade (Santos, 2017).

A obesidade apresenta-se como um importante problema de saúde pública, os custos com o tratamento são elevados, sendo que no Brasil os gastos com o tratamento chegam a somar em 5% dos gastos que são destinados à saúde (Rech *et al.*, 2016). Em 2018 a Organização Mundial de Saúde fez uma projeção em que no ano de 2025 haverá 2,3 bilhões de pessoas com excesso de peso, e 700 bilhões com obesidade em todo mundo (Marcon; Sanches; Virtuoso, 2022).

A obesidade é caracterizada como uma doença que tem como característica o acúmulo de gordura corporal, envolve aspectos biológicos, históricos, ecológicos, políticos, socioeconômicos, psicossociais e culturais, ou seja, um caráter multifatorial. Existem grupos de obesos que apresentam padrões anormais de

alimentação, possuem o transtorno de Compulsão Alimentar Periódica (TCAP). O TCAP é caracterizado por episódios de compulsão alimentar onde o indivíduo consome grande quantidade de alimento em um curto espaço de tempo. Sentimentos de desconforto físico, angústia, vergonha e culpa permeiam a vida do sujeito que apresenta o TCAP (Wanderley; Ferreira, 2010).

Beja, Ferrinho e Craveiro (2014), salientam que a obesidade é uma doença crônica, que está vinculada a diversas causas, destacando o padrão alimentar e o sedentarismo, que impactam negativamente na saúde. Reis e Madalena (2021), salientam que a ansiedade e a depressão se apresentam como as patologias psíquicas mais estudadas nos casos que compõem a obesidade, proporcionando um panorama sobre as atitudes de se alimentar excessivamente o quanto elas podem estar relacionadas a adoecimentos psicológicos como a ansiedade e a depressão.

Uma das intervenções possíveis, porém, mais invasivas para o tratamento da obesidade é a cirurgia bariátrica. Para que este procedimento seja realizado de forma adequada, apresentando uma determinada eficácia, é de extrema importância que venha acompanhado de processo psicológico desde o pré até o pós-operatório (Reis; Madalena, 2021).

Para o eventual sucesso, o paciente pós-bariátrica necessita tanto do acompanhamento psicológico, como da adequação na ingestão alimentar para a manutenção do tratamento. O paciente poderá desenvolver pensamentos disfuncionais e comportamentos instáveis, os quais podem atrapalhar o tratamento, e como consequência o paciente pode voltar a alimentar-se de forma errônea, e conseqüentemente, ganhar peso facilmente (Mello *et al.*, 2014).

Um fator que contribui para o ganho de peso é a ingestão demasiada de alimentos. A ingestão alimentar, conforme Moura e Nava (2020), é influenciado diretamente por fatores fisiológicos como a fome e saciedade, fatores psicológicos como um estado emocional, e fatores cognitivos e comportamentais. O estudo feito pelos autores, apresenta a discussão de que o estresse, emoções negativas e desregulação emocional impactam diretamente nos comportamentos ligados ao comer, e de certa forma ao índice de massa corporal (IMC), o que é um fator de risco para sobrepeso, obesidade e para as comorbidades oriundas do excesso de peso.

Vieira (2014) diz que, o desejo ou necessidade por comida pode ser compreendida como fome. A fome resulta em um desconforto gástrico, e o fenômeno que põe fim à fome é a saciedade. Este processo de sentir-se saciado ou com fome é medido por um conjunto de fatores gastrointestinais, sensoriais, neuronais e psicológicos. Logo, a saciedade considera-se como a principal motivação para o indivíduo parar de comer.

Ainda Vieira (2014), salienta que fatores sociais, ambientais e psicológicos passam a desempenhar um papel importante na escolha dos alimentos. Sendo assim, fatores cognitivos como a memória e as representações afetivas inferem no valor da recompensa e prazer proporcionado pelo alimento. O significado cognitivo e afetivo ligado a certos alimentos se sobressaem aos sinais fisiológicos da fome e saciedade, os quais regulam a ingestão alimentar. Desde criança somos instruídos a pensar no alimento como uma recompensa quando, por exemplo, os pais utilizam a barganha “se comeres os vegetais, podes comer uma sobremesa”.

A tendência ao ato de comer, conforme Santos (2017), poderá estar inteiramente ligada à percepção do indivíduo, através da visão, do cheiro ou sabor, mesmo na ausência da fome fisiológica, este comportamento denomina-se alimentação externa. O sujeito passa a ser mais sensível a estímulos alimentares externos e hipersensível aos sinais fisiológicos internos de fome e saciedade. Este estímulo externo, que influencia no comportamento alimentar, apresenta-se como um fator de vulnerabilidade para a obesidade e descontrole alimentar.

Portanto, prestar atenção no ato de comer, sentar, mastigar, e sentir o gosto do alimento contribui para um certo grau de satisfação. Uma das principais funções da atenção, conforme o estudo de Santos (2017), é

realizar a seleção de estímulos que sejam considerados relevantes no ambiente, para uma análise mais profunda e ignorar os que são menos importantes, logo, o fato de ocorrer uma maior ou menor busca e consumo de determinado alimento relaciona-se com a capacidade que esse estímulo alimentar terá de captar a atenção do indivíduo. As perturbações alimentares neste sentido podem ser o resultado de estruturas mal adaptativas, como esquemas que estão relacionados na direção da atenção, na memória e na forma como o indivíduo recebe e interpreta algo.

Castro (2020), nomeia este comportamento motivado pela percepção através do termo Viés Atencional (VA). Alterações cognitivas apresentadas por indivíduos com obesidade, por exemplo, facilitam o comportamento de comer em excesso, o VA é uma tendência a voltar a atenção do indivíduo para determinados estímulos do ambiente em detrimento de outros, e ainda o VA poderá influenciar de maneira automática um comportamento alimentar, este fato aumenta significativamente a probabilidade de o indivíduo reagir a estímulos do ambiente que sinaliza recompensa, por exemplo como ocorre com as drogas, onde sistemas de recompensas são ativados.

Conforme salientam Leitão *et al.* (2013), o comportamento alimentar está relacionado com o humor e as emoções. Estes possuem um papel importante na escolha dos alimentos, assim como nos hábitos alimentares, geralmente as pessoas buscam no alimento o bem estar. Desta forma o humor e as emoções influenciam na hora de escolher o que comer, dando preferência a certos tipos de alimentos, e do contrário também é válido, o consumo de certos alimentos podem alterar o humor. Emoções intensas poderão suprir o apetite, contudo da mesma forma elas podem perturbar o controle cognitivo, e conseqüentemente reguladas pela ingestão de alimentos muito energéticos. Visto que, um indivíduo associa a comida a conforto ou a ideia de que representa uma recompensa, quando existe a privação de alimento, a fome passa a gerar um sofrimento psicológico, logo a restrição alimentar não é indicado e pode agravar a obesidade.

Outra questão sobre o alimento, é que este representa papéis distintos na vida do ser humano como o de alimentar-se, acalmar-se, dar prazer e fornecer segurança. Existem também, momentos propícios para o consumo do doce, do salgado, da fatura e da restrição alimentar, os quais são inundados de significados culturais, incluindo a identidade cultural, a memória familiar e condição social. Desta forma, a alimentação racional, a qual leva em conta as necessidades do organismo, compreendida com as propriedades benéficas e protetoras do alimento, é um aspecto importante para uma alimentação consciente e saudável (Leitão *et al.*, 2013).

Neste aspecto, o comer consciente possibilita que as pessoas sejam fiéis as suas sensações internas de fome e saciedade, para que possam saber o que comer, quando comer e quando parar de comer. De Almeida e De Carvalho Furtado (2018), salientam que dietas tradicionais não estão sendo tão eficientes para o comportamento alimentar, contudo, é notório orientar as pessoas para confiarem em seu próprio corpo e seguirem uma intuição ao comer, manter sintonia entre comida, mente e corpo é o objetivo primordial, onde conforme os autores, gera resultados positivos para o indivíduo que pratica o comer intuitivo.

Uma prática muito estudada atualmente, conforme Vargas (2020), é a prática de Mindful Eating. Utilizada como uma proposta para tornar consciente as cognições e afetos, sensações físicas e emocionais ao comportamento de comer. A fome, sendo uma necessidade fisiológica de comer, não se relaciona a nenhum alimento específico, porém mediante emoções negativas e estressoras, e de comidas altamente palatáveis, as pessoas fazem escolhas mais impulsivas, desenvolvendo outro tipo de fome, que não a fisiológica. Alimentos que contêm alto teor doce, por exemplo, podem proporcionar prazer para o indivíduo, logo ele alimenta-se por prazer, outro fator importante é o estresse ligado a uma rotina acelerada, que envolve decisões automáticas na forma de se alimentar. O comer consciente ou Mindful Eating, considera-se um processo de tomada de consciência sobre o comportamento alimentar. Estabelece conexão com sinais internos, como emoções, e assim pode-se promover regulação emocional, e conseqüentemente consciência ao comer.

Almeida e Assumpção (2018), salientam que intervenções com o Mindful Eating apresentaram benefícios como o autocontrole, aumento da autoeficácia para perda de peso, influência da escolha na

quantidade de comida, redução da impulsividade ao escolher os alimentos, redução do IMC e promoção de mudanças saudáveis no comportamento.

Dantas *et al.* (2021), relatam que a consciência em Mindfulness proporciona ao sujeito não reagir aos gatilhos alimentares, interrompendo o ciclo que era habitual ao alimentar-se. Com isso, o comportamento alimentar, não saudável, perde a força, dando lugar a comportamentos e respostas mais funcionais.

Barbosa, Penaforte e Silva (2020), ao iniciar uma prática do comer, através das habilidades desenvolvidas pela consciência em Mindfulness, o indivíduo poderá reconhecer a fome física, e posteriormente diferenciá-la dos estados emocionais que levariam ao comer emocional.

Desta forma, a atenção plena ao comer, juntamente com aconselhamento nutricional, pode influenciar de forma positiva o comportamento alimentar dos indivíduos. Ao desenvolver consciência alimentar, os indivíduos conseguem perder peso, fazer escolhas de alimentos mais saudáveis, moderar a quantidade dos alimentos nas refeições, reconhecimento do nível de fome e saciedade, relacionando que ao comer com atenção plena, possa desenvolver uma maior consciência ao momento presente, diminuindo a impulsividade, e consequentemente reduzindo o comer excessivo e emocional (Araujo; Costa; De Melo, 2021).

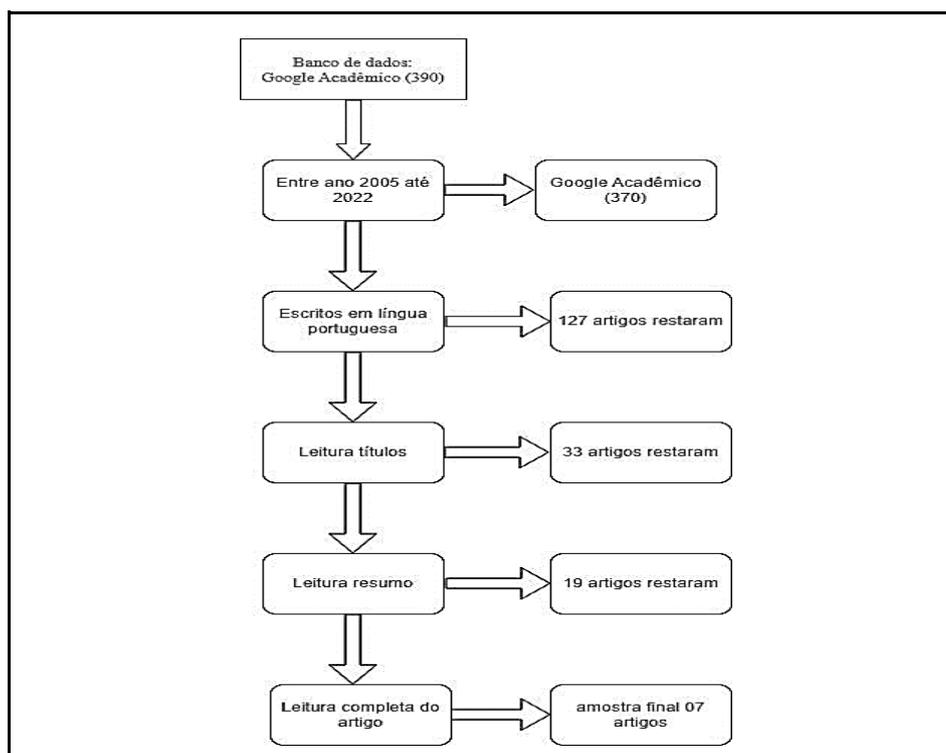
Partindo dessa consideração teórica, este trabalho visou investigar por meio da literatura o papel dos processos psicológicos atenção e emoção envolvidos no comportamento alimentar.

2. MÉTODO

Trata-se de um trabalho de revisão integrativa da literatura, que visa mapear a produção científica. A revisão integrativa da literatura, como método de pesquisa, possibilita a organização e apresentação do conhecimento, permite reunir e sistematizar resultados de pesquisas, de maneira sistemática e ordenada. Inclui análise dos trabalhos de pesquisas realizados na atualidade e mais antigos, os quais orientam para o desenvolvimento do conhecimento sobre uma pergunta em si, que se deseja pesquisar. Através da revisão integrativa, é possível pesquisar e compreender um determinado fenômeno, embasando-se em estudos anteriores, e por conseguinte formular sínteses para o conhecimento (Mendes; Silveira; Galvão, 2008).

O procedimento da revisão ocorreu através de seis passos que possibilitaram a clareza e especificidade da pesquisa e dos resultados encontrados, conforme descrevem os autores Souza, Silva e Carvalho (2010): (1) identificar o tema ou questão de pesquisa; (2) estabelecimento dos critérios de inclusão e exclusão; (3) categorização dos estudos; (4) avaliação dos estudos; (5) interpretação dos resultados e por fim (6) síntese do conhecimento. A questão norteadora deste trabalho foi: Qual o papel dos processos psicológicos (atenção e emoção) no comportamento alimentar?

O desenvolvimento da pesquisa de literatura foi realizado através da busca sobre o tema na plataforma Google Acadêmico, através dos descritores: “Comportamento Alimentar” or “Alimentação Emocional” or “Comer Intuitivo” or Bariátrica. Os critérios de inclusão: Artigos publicados entre 2005 a 2022, em língua portuguesa, apresentando o título, resumo e texto na íntegra alinhado com o tema do trabalho, apresentar estudos empíricos. O último passo foi feito através da leitura total dos dezenove artigos restante, o critério de exclusão foi por não constar o tema a ser investigado, por serem artigos de revisão de literatura e apresentarem questões voltadas a validação de escalas relacionados a alimentação e de técnicas da terapia cognitiva comportamental e Mindfulness. A Figura 1 apresenta o fluxograma, onde consta as etapas de inclusão e exclusão dos artigos até a amostra final dos artigos incluídos para este trabalho.

Figura 1: Fluxograma demonstrativo de exclusão dos artigos

Fonte: Elaborado pelo autor

3. RESULTADOS

A amostra final desta revisão foi constituída por sete artigos científicos, selecionados pelo critério de inclusão e exclusão. A tabela 1 apresenta as especificações dos artigos selecionados, contendo informações como autor/ano e título dos artigos.

Mediante os artigos analisados verificou-se os fatores psicológicos preponderantes que estão relacionados à motivação do comportamento alimentar. Os artigos publicados trazem as questões envolvidas no comportamento alimentar e sua relação com os processos psicológicos.

Tabela 1. Autor, ano e título dos artigos utilizados para a revisão de literatura.

| Autor/Ano | Título |
|------------------|---|
| NOVAIS, 2020 | Adição alimentar, corpo e regulação emocional: um estudo com perturbações do comportamento alimentar. |
| DOS SANTOS, 2016 | Sistema de recompensa alimentar e domínio emocional em indivíduos submetidos a cirurgia bariátrica: um estudo longitudinal. |
| CASTEDO, 2019 | Como, logo sinto: a relação das emoções com o consumo de alimentos saudáveis e não saudáveis. |

| | |
|-------------------------------|---|
| LOPES, 2022 | Fatores de estudo de nutrição como alimentos de estudo: uma análise por gênero. |
| DE JESUS <i>et al.</i> , 2017 | Comportamento alimentar de pacientes de pré e pós-cirurgia bariátrica. |
| MACHADO <i>et al.</i> , 2008 | Compulsão alimentar antes e após a cirurgia bariátrica. |
| OLIVEIRA; DA SILVA, 2014 | Fatores que dificultam a perda de peso em mulheres obesas de graus I e II. |

Fonte: Elaborado pelo autor.

O quadro 1 apresenta os papéis dos processos psicológicos de emoção e atenção no comportamento alimentar.

Quadro 1. Artigos e os processos psicológicos emoção e atenção

| Autor | Processo psicológico Emoção | Processo psicológico Atenção |
|------------------------|---|--|
| NOVAIS | Comer para aliviar a tensão, mediante dificuldade na vida. | - |
| DOS SANTOS | Comer gera prazer, pois o alimento é de grande palatabilidade. | Percepção e agradabilidade. |
| CASTEDO | Emoções negativas sentidas ao comer algo não saudável. | Reaprender a criar um mecanismo de percepção da comida. |
| LOPES | O estado emocional afeta a escolha alimentar. Procurar alimentos mais saudáveis e autopercepção do corpo. | - |
| DE JESUS <i>et al.</i> | Humor, ansiedade, alimentação emocional. | Fome em excesso ao ver outras pessoas comendo. |
| MACHADO <i>et al.</i> | Alimentação como forma de mascarar as emoções. | - |
| OLIVEIRA; DA SILVA | Questões de descontrole emocional, ansiedade, baixa autoestima. | Questões socioeconômicas, falta de tempo para preparar a alimentação, ter em casa alimentos altamente calóricos. |

Fonte: Elaborado pelo autor

Através da análise dos artigos, observa-se que o comportamento alimentar apresenta-se tanto por um fator emocional (comer quando está triste, ansioso, humor negativo, raiva e agressividade, como algo que proporciona prazer, alívio), quanto por um fator atencional (dificuldade de se concentrar ao se alimentar,

consciência dos alimentos que são naturais e não naturais, controle de peso, perda de controle, clareza das emoções, sistema de recompensa, motivação, falta de tempo para preparo e para as refeições, questões econômicas que levam o indivíduo a comprar comidas mais baratas e mais calóricas, escolha por alimentos mais palatáveis).

3.1 FATORES EMOCIONAIS ENVOLVIDOS NO COMPORTAMENTO ALIMENTAR

As emoções apresentam uma grande influência na hora da escolha dos alimentos, e conseqüentemente moldam um hábito alimentar na vida dos indivíduos (Leitão *et al.*, 2013, p. 62). Os autores a seguir apresentam seus estudos e achados sobre os fatores psicológicos emocionais que estariam envolvidos no comportamento alimentar.

Dos Santos (2016), acompanhou o pré e pós-cirurgia bariátrica de quarenta e quatro pessoas, e constatou que quando existe uma estabilização do humor por parte do indivíduo ocorre uma diminuição da ingestão emocional. O motivo para esse fato ocorrer está vinculado à estabilização do humor, e conseqüentemente a redução da necessidade de usar o alimento como uma estratégia de regulação emocional decorrente da cirurgia bariátrica. A cirurgia por sua vez pode ter reduzido a percepção subjetiva do estigma social associado a obesidade, promovendo diminuição do isolamento social e o aumento da percepção de valor pessoal, contribuindo para redução dos níveis da ingestão decorrente do viés emocional. Este estudo relaciona alimentos hiperpalatáveis com possíveis alterações em determinadas áreas neurais, quando ocorre liberação de dopamina. A liberação de dopamina juntamente com a estabilização do humor contribui para diminuição da necessidade da procura de meios prazerosos, como a comida. Santos (2016) conclui que é de suma importância a intervenção psicológica no domínio emocional/humor, onde se trabalha a redução do componente querer, o qual é um potencial fator de risco e de manutenção da obesidade, pois o indivíduo está motivado para procurar e consumir alimentos hiperpalatáveis. Dados encontrados pelo autor sugerem que a fome hedônica, ou seja, a vontade de comer algo específico, apresenta relação estreita com humor negativo, mas não com o humor positivo.

Novais (2020), avaliou quarenta e um pacientes com perturbações do comportamento alimentar, cerca de 56% dos participantes da pesquisa apresentaram adição alimentar, ou seja, apresentaram comportamento de dependência pela comida. Pacientes com adição alimentar demonstram dificuldade em se concentrar e realizar tarefas quando experimentam emoções negativas, dificuldade de regular o comportamento quando estão sob sofrimento emocional, apresentam sentimentos negativos acerca de respostas emocionais, menor consciência do significado das emoções, menor capacidade de mudar a maneira como se sentem e menor compreensão acerca dos seus sentimentos. Desta forma, ingerir alimentos gratificantes poderá ser uma estratégia para mascarar essas emoções. O estudo apontou que pacientes com a adição alimentar apresentam maior dificuldade em compreender seus sentimentos, desta forma, quanto maior dificuldade na clareza emocional maior é a probabilidade de ter uma adição alimentar.

Machado *et al.* (2008), investiga cinquenta pacientes submetidos a cirurgia bariátrica antes e após procedimento de cirurgia, com objetivo de analisar os indícios de compulsão alimentar. Constataram que os pacientes apresentaram indícios de compulsão alimentar antes e após o procedimento, relacionados a aspectos psicológicos. Os hábitos e preferências alimentares passam a se modificar após cirurgia, os pacientes adotam o hábito de consumir alimentos que possuem fácil ingestão e adotaram este comportamento alimentar frente a situações que os faziam comer compulsivamente. Constataram a relação entre a necessidade de comer e a dificuldade de lidar com os conflitos, reforçando desta forma a obesidade necessária à manutenção do equilíbrio, cuja ruptura pode predispor a transtornos psiquiátricos graves. Mediante a pesquisa, os participantes responderam que sentem desejo de comer mesmo sem sentir fome, e diante de situações que exigem organização emocional eles apresentam padrões de reações orientados pela comida. Uma diferença significativa é apresentada pelos autores, no pós-operatório os pacientes apresentam uma expressão inadequada da raiva e agressividade, contudo no pré-operatório não houve relatos desses sentimentos, os

autores argumentam que esses sentimentos apresentados nos pós podem sim estar presente no pré-operatório, contudo estão encobertos pela ingestão excessiva de alimentos, visto que o ato de se alimentar, está ligado a uma forma de mascarar as emoções. Mediante a frustração que esses sentimentos geram, os pacientes recorrem à comida como forma de compensação a sensação de incapacidade.

De Jesus *et al.* (2017), investigaram quarenta e nove pacientes, sendo dezenove pacientes no pré-operatório e trinta pacientes do pós operatório da cirurgia bariátrica. Objetivaram avaliar a presença de restrição cognitiva, alimentação emocional, e descontrolar alimentar em pacientes candidatos ao procedimento da cirurgia bariátrica e nos que já realizaram a cirurgia, com a finalidade de observar o perfil comportamental e reganho ponderal. O estudo dos autores mostra que 33,3% dos indivíduos da amostra que passaram pelo procedimento da cirurgia bariátrica voltam a ganhar peso, a restrição cognitiva destaca-se como o comportamento mais presente, e os que voltam a ganhar peso apresentam maior sinal de alimentação emocional. A alimentação motivada pela ansiedade pode ser apontada como um fator que está relacionado com reganho de peso. Pacientes no pré-operatório se apresentaram mais vulneráveis ao comer excessivo, com ou sem a presença de fome e influenciados pela alteração de humor.

Castedo (2019), realizou um estudo com quatrocentos e oitenta e um participantes, buscou investigar as emoções associadas ao consumo alimentar, assim como o processo emocional envolvido no ato de comer saudável e não saudável, e se essa associação é medida pela percepção de autocontrole. Constatou que existe relação entre emoções sentidas no consumo de alimentos saudáveis e não saudáveis e os hábitos alimentares dos indivíduos. Alimentação saudável, como por exemplo, a salada foi relacionada a emoções positivas, alimento não saudável como o bolo de chocolate, foi relacionado com emoções negativas. Pessoas que não estão em uma dieta restritiva, não relacionaram o bolo como algo não saudável ou ainda com a ideia de que se comerem o bolo sentem emoções negativas, muito pelo contrário, elas não sentem culpa por comer o bolo.

Lopes (2022), realizou um estudo com cento e oitenta e sete estudantes do curso de nutrição, com objetivo de comparar os fatores que influenciam as escolhas alimentares de homens e mulheres. O primeiro destaque foi a procura por alimentos naturais não industrializados, a alimentação mais natural buscada pelas mulheres, por segundo foi o controle de peso que é mais procurado pelos homens do que pelas mulheres, e por último o fator controle de emoções. O fator controle emocional relaciona-se ao comer porque está frustrado, com raiva ou medo, estes estados emocionais podem afetar diretamente as escolhas alimentares das mulheres, conforme o estudo.

Oliveira e Da Silva (2014), realizam um estudo com cinco mulheres, buscam encontrar questões motivacionais influenciadas na busca pela comida. Os resultados indicam que elas buscam pelo alimento quando estão passando por questões emocionais como ansiedade, baixa autoestima, além da falta de autocontrole nos momentos difíceis, os quais motivam a busca pelo alimento para suprir as demandas emocionais.

3.2 FATORES ATENCIONAIS ENVOLVIDOS NO COMPORTAMENTO ALIMENTAR

Outro aspecto psicológico que envolve o hábito de comer, está relacionado ao fator atencional, indivíduos com comportamento alimentar são mais sensíveis aos estímulos externos, ou a situação social em que estão inseridos (LEITÃO *et al.*, 2013, p. 64). Desta forma, os artigos citados a seguir retratam aspectos atencionais do comportamento alimentar.

De Jesus *et al.* (2017), salientam que ver alguém se alimentando pode ser um fator importante envolvido com o ganho de peso, os resultados da amostra pesquisada evidenciaram a fome em excesso ao ver outras pessoas se alimentando.

Oliveira e Da Silva (2014), em seu estudo para investigar fatores que dificultam a perda de peso evidenciam as questões socioeconômicas como um fator que interfere no comportamento alimentar e ganho

de peso. As questões econômicas estão relacionadas como a falta de dinheiro e falta de tempo para preparo das refeições levam os participantes ao consumo de alimentos de fácil preparo e altamente calóricos. Pular refeições devido à falta de tempo também foi um fator apontado. Neste caso, conforme os autores, um padrão alimentar onde existe o consumo de refeições menores e mais vezes ao dia auxiliaria na perda de peso, visto que o aumento na frequência de ingestão de alimento auxilia no controle de peso e a sensação de fome, e redução da quantidade dos alimentos nas refeições subsequentes.

Conforme Dos Santos (2016), o comportamento alimentar está influenciado pela modulação do sistema de recompensa, mecanismos neuroquímicos atuam em áreas neurobiológicas distintas, desta forma influenciam três componentes psicológicos: gostar, querer e a aprendizagem. (1) Gostar: (padrões sensoriais e áreas corticolímbicas) percepção e agradabilidade, atribuída ao sabor básico do alimento; (2) Querer: (ativada pelo sistema dopaminérgico mesolímbico) motivação para procurar e consumir alimentos com elevada palatabilidade; (3) Aprendizagem: (reforçada por estruturas corticais) associação das vertentes gostar e querer. A aparência e o olfato percebidos pelo nosso sistema perceptivo faz com que adquirimos uma capacidade atrativa que impele os sujeitos a procurar e consumir os alimentos. Este ciclo do comportamento de ingestão alimentar é incentivado para obter recompensa.

Oliveira e Da Silva (2014), participantes da pesquisa relatam que muitas vezes não conseguem ter autocontrole ao se alimentar, quando pensam em comer pouco ou se privar de determinados alimentos acabam burlando a dieta, principalmente ao comer massas e doces. O descontrole apresenta-se como um fator importante, pois aumenta a dificuldade para elas manterem o peso quando perdiam alguns quilos. Os autores enfatizam que quando ocorre a evitação para ingerir alimentos, este fato desencadeia o aumento da ansiedade e frustração. Na evitação o indivíduo passa a não mais ter o alimento como forma para descarregar suas tensões. Para que o emagrecimento aconteça de fato, exige-se um longo período de tempo, muitos indivíduos podem perder a motivação ao longo do processo, acabam desanimando e recaindo as tentações da comida para suprir a frustração.

Castedo (2019), relata que mudanças no estilo de vida, que objetivam reaprender a comer e não apenas a autocontrolar-se podem contribuir e ser um fator de sucesso na prática alimentar. O objetivo no reaprender é criar um mecanismo de percepção da comida como apenas uma necessidade de alimentação e cuidado da saúde, não sendo mais utilizada como busca de prazer e satisfação.

Enfim, conforme as referências analisadas existe uma associação entre o comportamento alimentar e os fatores psicológicos emoção e atenção. A procura pelo alimento pode ser feita de forma automática onde o sujeito come porque está triste, ansioso, pois o alimento lhe proporciona recompensa e prazer. Outras vezes, o comportamento alimentar ocorre face a estímulos encontrados em alimentos mais calóricos, como por exemplo um bolo de chocolate, escolher o bolo como alimento pois está relacionado a uma recompensa imediata para um sentimento negativo. Esta compreensão torna-se uma contribuição importante para entendermos o papel do processo psicológico de atenção como fator de risco no desenvolvimento e manutenção do comportamento alimentar não saudável.

A partir da realização e análise desta revisão de literatura, observou-se que os processos emocionais e atencionais estão relacionados com escolha e comportamento alimentar. Intervenções com técnicas que desenvolvem consciência ao se alimentar demonstram um resultado positivo na redução de peso e escolha alimentar. Questões de nível socioeconômico também são encontradas nos estudos, os quais estão relacionados ao comportamento alimentar, visto que muitas pessoas não têm condições financeiras para se alimentar adequadamente e passam a consumir alimentos calóricos. A restrição alimentar também se apresenta como um importante fator de ganho de peso, as pessoas ao iniciarem uma dieta restritiva tendem a sentirem-se mais ansiosos e necessitantes da comida para compensar o que sentem. Este fato pode ser melhor explicado pela compreensão de como a comida pode atuar nas alterações em determinadas áreas neurais, quando ocorre liberação de dopamina pelo comportamento do comer alimentos altamente palatáveis, estes agem no sistema de recompensa liberando dopamina, proporcionando ao indivíduo uma sensação de prazer, muito visto nos

casos de pessoas que fazem uso abusivo de drogas, onde existe sempre uma ativação do sistema de recompensa envolvido.

Por fim, este estudo possibilitou ressaltar a importância da temática para saúde pública, visto que o problema com a obesidade no mundo vem aumentando, fazendo-se necessário pensar em intervenções e formas de compreender os processos psicológicos envolvidos no comportamento alimentar.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, C. C.; ASSUMPTÇÃO, A. A. A eficácia do Mindful Eating para transtornos alimentares e obesidade: revisão integrativa. **Pretextos - Revista da graduação em Psicologia da PUC Minas**, v. 3, n. 6, p. 25-36, 2018. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/18403>. Acesso em: 02 out. 22.

ARAÚJO, M. P. D.; COSTA, R. A. F.; DE MELO, L. G. S. N. Atenção plena e aconselhamento nutricional na promoção da consciência do comportamento alimentar: revisão integrativa. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, v. 10, n. 16, pág.3, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/23003>. Acesso em: 02 out. 22.

BARBOSA, M. R.; PENAFORTE, F. R. de O.; SILVA, A. F. de S. Mindfulness, Mindful Eating e comer intuitivo na abordagem da obesidade e transtornos alimentares. **SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog. (Ed. port.)**, Ribeirão Preto, v. 16, n. 3, p. 118-135, set. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1806-6976.smad.2020.165262>. Acesso em: 06 out. 22.

BEJA, A.; FERRINHO, P.; CRAVEIRO, I. Evolução da prevenção e combate à obesidade de crianças e jovens em Portugal ao nível do planeamento estratégico. **Revista Portuguesa de Saúde Pública**, v. 32, n. 1, p. 10-17, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.rpsp.2014.02.003>. Acesso em: 02 out. 22.

CASTEDO, M. T. S. **Como, logo sinto**: a relação das emoções com o consumo de alimentos saudáveis e não saudáveis. Porto, 2019. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10216/124065>. Acesso em: 02 out. 22.

CASTRO, M. L. D. **Contribuições do viés atencional no comportamento alimentar em obesos graves**. UFRS. Porto Alegre, 2020. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/205916/001112486.pdf?sequence=1>. Acesso em: 23 maio 23.

DANTAS, A. E. C. *et al.* Mindfulness como terapêutica nos distúrbios alimentares: uma revisão integrativa de literatura. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 2, p. 9076-9093, 2021. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/28644>. Acesso em: 20 out. 2022.

DE ALMEIDA, C. B.; DE CARVALHO FURTADO, C. Comer intuitivo. **UNILUS Ensino e Pesquisa**, v. 14, n. 37, p. 38-46, 2018. Disponível em: <http://revista.unilus.edu.br/index.php/ruep/article/view/925/u2017v14n37e925>. Acesso em: 06 out. 22.

DE JESUS, A. D. *et al.* Comportamento alimentar de pacientes de pré e pós-cirurgia bariátrica. **RBONE-Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento**, v. 11, n. 63, p. 187-196, 2017. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6125029>. Acesso em: 23 out. 2022.

DOS SANTOS, A. V. **Sistemas de recompensa alimentar e domínio emocional em indivíduos submetidos a cirurgia bariátrica**: um estudo longitudinal. Dissertação de mestrado, out. Porto, 2016. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/86465/2/166647.pdf>. Acesso em: 02 out. 2022.

LEITÃO, M. *et al.* Comportamento Alimentar: Ingestão Emocional, Ingestão Externa e Restrição Alimentar. **Sintomas Alimentares, Cultura, Corpo e Obesidade**, p. 57-72, 2013. Disponível em: https://www.sp-ps.pt/uploads/publicacoes/126_c.pdf#page=58. Acesso em: 06 out. 22.

LOPES, L. H. C. **Fatores de estudo de nutrição como alimentos de estudo**: uma análise por gênero. Trabalho de conclusão de curso. Uberlândia, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/35243/3/FatoresInfluenciamEscolhas.pdf>. Acesso em: 06 out. 2022.

MACHADO, C. E. *et al.* Compulsão alimentar antes e após a cirurgia bariátrica. **ABCD. Arquivos Brasileiros de Cirurgia Digestiva**. São Paulo, v. 21, p. 185-191, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/abcd/a/TkLH9rCYQg5LGRMCBJKqLbM/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 20 out. 2022.

MARCON, G. M.; SANCHES, A. C. C.; VIRTUOSO, S. Atualizações sobre os medicamentos da Diretriz Brasileira de Obesidade: uma revisão de literatura. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 4, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i4.27139>. Acesso em: 23 maio 2023.

MELO, W. V. *et al.* A terapia cognitivo-comportamental e a cirurgia bariátrica como tratamentos para a obesidade. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, v. 10, n. 2, p. 84-92, 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872014000200004. Acesso em: 20 out. 2022.

MENDES, K. D. S.; SILVEIRA, R. C. C. P.; GALVÃO, C. M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto & contexto-enfermagem**, v. 17, p. 758-764, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-07072008000400018>. Acesso em: 02 out. 2022.

MOURA, A.; NAVA, A. **Comer emocional**: uma análise através de uma visão comportamental. UniCeub. 2020. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/prefix/14766>. Acesso em: 02 out. 2022.

NOVAIS, A. S. B. **Adição alimentar, corpo e regulação emocional**: um estudo com perturbações do comportamento alimentar. Tese de Doutorado. 2020. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1822/67606>. Acesso em: 06 out. 2022.

OGDEN, J. **A psicologia das dietas**. Editora Blucher, 2022. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=X0OMEAAQBAJ&lpg=PT7&ots=9HIClheURu&dq=porque%20pessoas%20que%20fazem%20cirurgia%20bariatrica%20voltam%20ganhar%20peso&lr=lang_pt&hl=pt-BR&pg=PT7#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 06 out. 22.

OLIVEIRA, A. P. S. V.; DA SILVA, M. M. **Fatores que dificultam a perda de peso em mulheres obesas de graus I e II**. **Revista psicologia e saúde**, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.20435/pssa.v6i1.326>. Acesso em: 10 out. 2022.

RECH, D. C. *et al.* As políticas públicas e o enfrentamento da obesidade no Brasil: uma revisão reflexiva. **Revista de Epidemiologia e Controle de Infecção**, v. 1, n. 1, p. 192-202, 3 out. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.17058/reci.v1i1.7974>. Acesso em: 22 set. 2022.

REIS, G.; MADALENA, T. A correlação da terapia cognitiva comportamental (TCC) e a cirurgia bariátrica. **Cadernos de Psicologia**, v. 3, n. 6, 2021. Disponível em: <http://seer.uniacademia.edu.br/index.php/cadernospsicologia/article/view/3163/2163>. Acesso em: 02 out. 22.

SANTOS, I. O. F. **Com mais olhos que barriga**: a importância da atenção no comportamento alimentar. Tese de doutorado. Lisboa, 2017. Disponível em: https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/19350/4/phd_isabel_figueiredo_santos.pdf. Acesso em 18 jun. 2023.

SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. de. **Revisão integrativa**: o que é e como fazer. Einstein, vol. 8, n. 1, pp. 102-106, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1679-45082010RW1134>. Acesso em: 02 out. 2022.

VARGAS, V. **Estudo da influência de afetos, Mindful Eating e ambiente sobre o comportamento alimentar através da Avaliação Momentânea Ecológica**. UFRGS. 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/214037>. Acesso em: 06 nov.2022.

VIEIRA, F. E. M. **Da ação à emoção**: o psicodrama no tratamento da obesidade. Estudo da eficácia e do processo terapêutico. Tese de doutorado. Universidade de Porto, 2014. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/78301/2/34111.pdf>. Acesso em: 28 out. 2022.

WANDERLEY, E. N.; FERREIRA, V. A. Obesidade: uma perspectiva plural. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, p. 185-194, 2010. Disponível em: https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/csc/v15n1/a24v15n1.pdf. Acesso em: 18 out. 2022.

CUIDADOS PALIATIVOS: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DE LITERATURA ACERCA DA IMPORTÂNCIA DO PSICÓLOGO NA EQUIPE MULTIDISCIPLINAR

Júlia Luíza Baldissera Perdoncini¹; Mariana Alievi Mari²

¹Acadêmica de Psicologia - Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI - Erechim/RS. E-mail: 094505@aluno.uricer.edu.br

²Psicóloga, Dra. Em Ciências da Saúde, Professora do Curso de Psicologia - Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI - Erechim/RS. E-mail: marianamari@uricer.edu.br

RESUMO

Cuidado Paliativo é a prática multiprofissional que busca oferecer ao paciente fora de possibilidade de cura, um atendimento que proporcione qualidade de vida tanto a ele quanto aos familiares, com sensibilidade de considerar a subjetividade de cada paciente. A psicologia desempenha um papel crucial nos cuidados paliativos, fornecendo suporte emocional não apenas aos pacientes, mas também às suas famílias e à equipe de saúde. Este estudo teve como objetivo realizar uma revisão sistemática acerca das contribuições do profissional da psicologia dentro da equipe multidisciplinar de Cuidados Paliativos e assim compreender a importância do mesmo nesse meio. A pesquisa é de natureza qualitativa e para obtenção dos artigos analisados nesse estudo, foram utilizadas as seguintes bases de dados: PubMed, SCIELO, PEPSIC, LILACS e Google Acadêmico. Foram selecionados 10 artigos para análise de dados. Os resultados desta revisão sistemática reforçam o padrão do papel do psicólogo na equipe de cuidados paliativos. A atuação desse profissional é essencial para promover o bem-estar emocional dos pacientes, suas famílias e os demais membros da equipe de saúde.

Palavras-chave: tratamento paliativo; psicologia hospitalar; equipe de saúde; assistência psicológica.

1. INTRODUÇÃO

A terminologia de Cuidados Paliativos (CP) vem do termo *hospice*, antigos abrigos destinados ao conforto e a cuidados com peregrinos e doentes que muitas vezes morriam nesses locais, e de *pallium*, que em latim significa manto (Frankling *et al.*, 2021). O Movimento Hospice Moderno foi introduzido por uma médica inglesa com formação humanista, Cicely Saunders, que fundou em 1967 a instituição “St. Christopher’s Hospice”, onde a estrutura não só permitiu a assistência aos doentes, mas o desenvolvimento de ensino e pesquisa na área. Cicely auxiliou os estudos, preparou equipes, familiares e a sociedade para lidar com o processo de morte e luto (Saunders, 2004).

No Brasil, a implementação dos CP é algo recente, foi no final da década de 1990 que surgiram os primeiros serviços nesse ramo da saúde. Assim, em 1997 foi criada a Associação Brasileira de Cuidados Paliativos (ABCP), composta por um grupo de profissionais interessados no tema, que sugerem a prática de divulgação da filosofia dos cuidados paliativos no Brasil (Brasil, Lei nº 8.142, de 1990). Já no ano de 2005 foi fundada a Academia Nacional de Cuidados Paliativos (ANCP). Essa é de extrema importância para o Brasil e para os paliativistas, já que a fundação da academia é um marco não só para os cuidados paliativos no Brasil como para a medicina que é praticada no mesmo. O principal objetivo proposto pela academia foi o de contribuir para o ensino, pesquisa e otimização dos cuidados paliativos no país (ANCP, 2009).

De acordo com Figueiredo (2006), apesar de lento, ainda é expressivo o crescimento dos CP no Brasil, e que é necessário que sejam incluídas nas grades curriculares temáticas nesse assunto, e não apenas a experiência se dar através da prática, sendo que a falta de informação e conhecimento dificulta o trabalho da equipe. Ainda no que diz respeito ao Brasil, o tema alcança mais visibilidade no ano de 2018, onde é aprovada a resolução nº 41/2018, que estabelece diretrizes para a oferta e organização dos cuidados paliativos no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), e também reconhecendo sua importância pelos três níveis de governo do poder executivo. A resolução define que os cuidados paliativos precisam estar disponíveis em toda a rede, na atenção básica, domiciliar, ambulatorial, hospitalar, urgência e emergência (Brasil, Resolução nº 41, de 2018).

Segundo o Manual de cuidados Paliativos (2012), os princípios bioéticos visam pela autonomia dos pacientes, onde os mesmos possam tomar suas próprias decisões, assim, focando na qualidade de vida e a manutenção da dignidade humana, seja na terminalidade da vida, na morte ou no período de luto. Nesse sentido, segundo a Organização Mundial da Saúde, os Cuidados Paliativos são vistos por uma perspectiva qualitativa de vida onde o objetivo principal é a prevenção e o alívio do sofrimento dos pacientes que possuem alguma doença que ameace sua vida. Além disso, engloba cuidados de esfera de ordem física, psicológica, social e espiritual, precisando assim, de um cuidado multidisciplinar feito por uma equipe que tenha como objetivo a melhoria na qualidade de vida tanto do paciente, como de seus familiares (OMS, 2002).

No que diz respeito à qualidade de vida que os CP buscam oferecer aos pacientes, Ribeiro (2008) aborda que não há um conceito único e universal do que é qualidade de vida, mas sim, há um conceito pessoal que varia entre cada indivíduo. Além de que, é preciso considerar os aspectos existenciais individuais de cada paciente e família.

Cabe salientar, que os cuidados paliativos são mais fortemente recomendados quando todas as demais alternativas e medidas de tratamento já foram descartadas e o sofrimento e dor do paciente está em um estágio intensivo onde a alternativa mais viável é optar pela manutenção do conforto e dignidade da vida. Para isso, é feita uma avaliação funcional do estado do paciente, a fim de garantir o melhor tratamento a ser aplicado. Os CP no contexto brasileiro, é adaptado à realidade cultural ao qual se encontra, portanto, segundo a Academia Nacional de Cuidados Paliativos (ANCP), a maior demanda é de pacientes oncológicos, todavia, são estendidos aos demais pacientes com doenças com impossibilidade de cura (Mendonça, 2018).

Dessa forma faz-se necessário então, um trabalho de uma equipe multiprofissional, na qual se tem um objetivo em comum, que é o bem-estar do paciente, mas cada profissional dentro da sua especificidade, prestando a assistência integral ao paciente em CP, complementando seus conhecimentos, compartilhando responsabilidades e resolvendo as demandas em comum acordo. Profissionais esses que geralmente são médicos, enfermeiros, psicólogos, fisioterapeutas, entre outros (Hermes; Lamarca, 2013). Para os profissionais que atuam na equipe de Cuidados Paliativos espera-se alguns requisitos como: desenvolver habilidades de escuta ativa, de suporte diante dos limites do adoecimento, de comunicação, conhecimento técnico das situações que irá enfrentar junto ao paciente e sua família e ainda criar estratégias de enfrentamento no que se refere ao fim da vida (CREMESP, 2008). A equipe tem o desafio de avaliar o paciente e a família de forma integral, manter o foco nas suas queixas principais sempre tentando aliviar seu sofrimento, e buscando sua qualidade de vida (Mendonça, 2018).

É imprescindível que haja clareza ao Psicólogo sobre o seu papel não focalizando somente no paciente, mas também na família e na própria equipe que acompanha o processo, e como membro participante da equipe, evitando exercer um papel que não lhe pertence. Chiararia (2015) pontua que cabe ao profissional da psicologia, atuar junto desse coletivo, buscando as práticas preventivas e de tratamento, tendo em vista o diagnóstico e a compreensão do conteúdo envolvido nas queixas, sintomas e patologias.

Assim, cabe a esse profissional, unir teoria e prática a fim de garantir que as necessidades do paciente sejam percebidas e alcançadas em todas as ações de trabalho. Importante mencionar sobre a necessidade de transmitir as informações corretas tanto para paciente como para família, e o profissional intercede no sentido

de encorajar pensamentos e falas sobre a situação e também vivências e conhecimentos sobre o processo de adoecimento, morte e luto (Nunes, 2012).

Partindo disso, pode ser considerado algumas das funções norteadoras do psicólogo na equipe multiprofissional: promoção ao controle da dor e de outros sintomas estressantes; o manejo da morte como um processo natural; um sistema de suporte à família, que possibilite o entendimento do processo da doença em suas fases; ofertar um sistema ao paciente de viver tão ativamente quanto possível, buscando constantemente sua autonomia; integrar a visão clínica com os aspectos psicológico, familiar, social e espiritual ao trabalho; possibilitar e ofertar um cuidado abrangente e multidisciplinar; manter o foco que a melhora da qualidade de vida pode proporcionar no tempo que resta ao doente (ANCP, 2007).

Para Melo, Valero e Menezes (2013) o psicólogo paliativista aspira colaborar com o paciente e seus familiares, prestando o apoio durante a progressão da doença, incluindo o processo de luto se assim o estiverem vivenciando. São amplas as possibilidades de atuação da psicologia no âmbito dos CP, tanto em equipes multidisciplinares como no serviço especializado. A prática da intervenção psicológica por profissionais capacitados para o processo de CP é orientada a minimizar o sofrimento inerente a essa fase da vida, na elaboração das eventuais sequelas emocionais decorrentes deste processo. Ao passo que, é imprescindível a participação do psicólogo na equipe interdisciplinar, pois enquanto busca atenuar o sofrimento emocional dos envolvidos em toda essa dinâmica, também trabalha com o paciente em prol da qualidade de vida e melhor aceitação da morte, caso assim ocorra (Rezende; Gomes; Machado, 2014).

Sendo assim, considerando o exposto, este estudo teve como objetivo compreender a importância da atuação do Psicólogo na equipe multidisciplinar de cuidados paliativos por meio de uma revisão sistemática de literatura.

2. MÉTODOS

Esse estudo trata-se de uma pesquisa com delineamento qualitativo e para a obtenção dos artigos analisados foi realizado uma revisão bibliográfica do tipo sistemática. A revisão sistemática, segundo Cook, Mulrow e Haynes (1997) é um tipo de investigação científica que tem por principal objetivo reunir, avaliar, selecionar e conduzir uma síntese dos resultados de múltiplos estudos bibliográficos. Esse método de revisão, permite ao pesquisador distinguir e reunir evidências adequadas para o refinamento da pesquisa. Dessa forma, foram utilizadas as seguintes bases de dados: PubMed, SCIELO, PEPSIC, LILACS e Google Acadêmico, utilizando-se as palavras-chaves do DeCS: Psicologia e Cuidados Paliativos (Psychology and Palliative care), com cruzamento entre o conjunto de palavras-chaves utilizou-se AND e OR a fim de refinar a pesquisa. A seleção dos artigos se deu por quatro etapas, sendo a primeira: leitura de todos os títulos; a segunda: leitura de resumos e palavras-chaves; a terceira: leitura completa dos textos e; a quarta: análise dos textos segundo os critérios de inclusão e exclusão. Os textos selecionados foram lidos por um segundo avaliador que os certificou de acordo com os critérios de inclusão e exclusão pré-definidos.

Adotou-se os seguintes critérios de inclusão: artigos que trazem a atuação do Psicólogo dentro da equipe multidisciplinar, sendo artigos do tipo Pesquisa clínica, Metanálise, Estudos Clínicos Randomizados e artigos de revisão, todos eles escritos em Português ou em Inglês, com disponibilidade de texto completo com data de publicação entre 2012 e 2022. E como critério de exclusão: dissertações, teses, livros, capítulos de livros, relatórios e textos incompletos para *download*, além de artigos que contemplam a temática em questão, mas estivessem identificados em duplicidade.

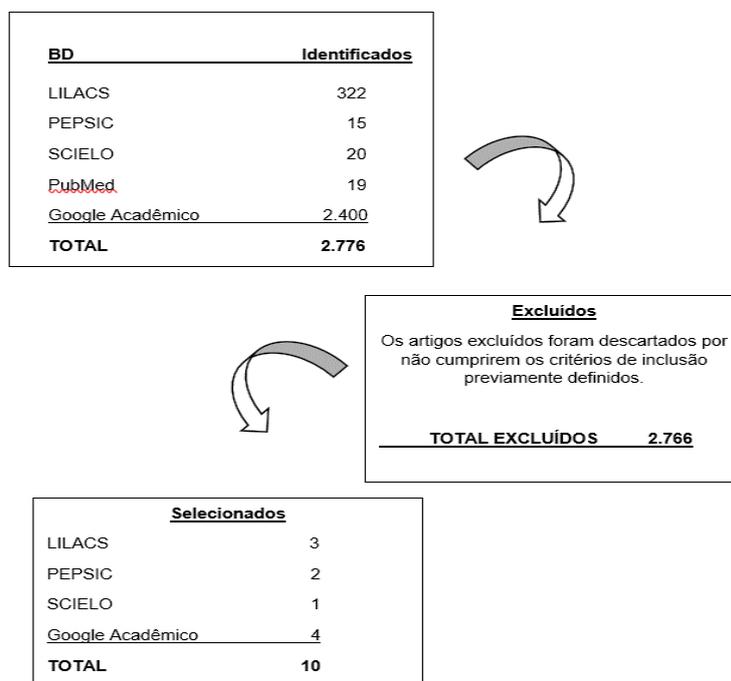
Por fim, a seleção dos artigos de acordo com os critérios de inclusão e exclusão buscou analisar os dados encontrados a fim de compreender o objetivo proposto, ou seja, da importância do profissional da Psicologia para a equipe multidisciplinar de Cuidados Paliativos, possibilitando uma síntese dos resultados

obtidos nos artigos selecionados, a qual possibilitou um amplo mapeamento bibliográfico que garantiu a compreensão e observação dos elementos caracterizadores do objeto de estudo, previamente definido.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O mapeamento dos artigos selecionados, encontram-se na Figura 1.

Figura 1. Organograma de refinamento.



Fonte: a autora (2023)

Tabela 1. Informações dos artigos selecionados

| Título | Autores | Ano | Tipo de estudo | Base de Dados | Objetivos |
|--|------------------------------|------|-------------------|---------------|---|
| A Atuação do Psicólogo no Tratamento de Pacientes Terminais e seus Familiares | Domingues, G. <i>et al.</i> | 2013 | Artigo de revisão | Pepsic | Compreender como o psicólogo pode ajudar o paciente terminal e seus familiares a elaborar os sentimentos decorrentes dessa situação limite. |
| A Finitude da Vida e o Papel do Psicólogo: Perspectivas em Cuidados Paliativos | Rezende, L. C. <i>et al.</i> | 2014 | Artigo de revisão | Pepsic | Compreender as contribuições da assistência psicológica aos pacientes fora de possibilidades terapêuticas de cura. |

| | | | | | |
|--|----------------------------|------|-------------------------------|--------------|--|
| Cuidados paliativos na terminalidade: Revisão Integrativa no campo da Psicologia Hospitalar | Lucena L. <i>et al.</i> | 2020 | Artigo de revisão | Lilacs | Analisar artigos publicados acerca da atuação do psicólogo voltada ao paciente terminal em cuidados paliativos. |
| A Psicóloga no Contexto dos Cuidados Paliativos: Principais Desafios | Edington, R. <i>et al.</i> | 2021 | Pesquisa clínica | Lilacs | Identificar os principais desafios percebidos por psicólogas(os) que atuam no contexto dos cuidados paliativos em Salvador/BA. |
| Contribuições do profissional de psicologia para o paciente em cuidados paliativos | Sassani, L. <i>et al.</i> | 2022 | Artigo de revisão | Lilacs | Compreender o processo da morte e sua implicância psíquica na vida do paciente em cuidados paliativos para, posteriormente, elencar as possíveis contribuições do profissional de psicologia ao mesmo. |
| Cuidados Paliativos: A Atuação do Psicólogo com Pacientes com Câncer sem Expectativa de Vida | Torres, A. | 2017 | Artigo de revisão | Google Acad. | Conhecer a atuação do Psicólogo com pacientes que tenham câncer sem expectativa de cura, utilizando os cuidados paliativos. |
| A importância da psicologia na percepção de pacientes em cuidados Paliativos. | Pinto, F. <i>et al.</i> | 2021 | Pesquisa clínica | Google Acad. | Conhecer a realidade dos pacientes com doenças que ameacem a vida, seu processo de adoecimento, sua visão de como a psicologia poderia contribuir para seu momento de vida e, por fim, conhecer as alternativas que esses pacientes utilizam para conforto emocional. |
| Reflexões Acerca da Psicologia nos Cuidados Paliativos | Carvalho, N. <i>et al.</i> | 2022 | Artigo de revisão | Google Acad. | Descrever o que são os cuidados paliativos e como a equipe multidisciplinar atua em tal caso dando ênfase ao papel do psicólogo atuante nos cuidados paliativos. |
| Apoio psicológico na terminalidade: ensinamentos para a vida | Oliveira, E. <i>et al.</i> | 2014 | Pesquisa clínica | Scielo | Relatar uma experiência de intervenção psicológica junto a um paciente portador de leucemia linfóide aguda, focalizando o acompanhamento proporcionado ao longo do seu tratamento, do diagnóstico à ausência de possibilidades terapêuticas, até o momento de sua morte. |
| Psychosocial Care and the Role of Clinical Psychologists in Palliative Care | Fan, S. Y., <i>et al.</i> | 2015 | Experimental (relato de caso) | Google Acad. | Realizado com 9 Psicólogos qualificados, no sentido de explorar/analisar a sua auto percepção sobre funções/competências do psicólogo, assim como as suas dificuldades em cuidados paliativos. |

Fonte: a autora (2023)

A busca dos artigos científicos para este trabalho aconteceu nos meses de março e abril de 2023. Após a aplicabilidade dos critérios, restaram 10 artigos selecionados para o estudo. Informações detalhadas dos artigos selecionados estão na Tabela 1.

Os resultados obtidos através da busca listados na Tabela 1, permitem observar que a maioria dos artigos selecionados versa sobre artigos de revisão, o que mostra uma dificuldade em elaborar estudos clínicos com pacientes, familiares e até mesmo equipe, no que tange os CP. Além do mais, é possível visualizar que os estudos no período de 10 anos ficam concentrados em sua maioria, nos anos de 2020, 2021 e 2022, sendo mais recentes e atualizados, talvez por conta do período da pandemia da COVID-19, que gerou mais interesse científico para a área.

A psicologia desempenha um papel crucial nos CP e no apoio aos pacientes que se enquadram nesse tipo de cuidado, assim como às suas famílias e à equipe multidisciplinar. Os estudos mencionados fornecem insights valiosos sobre os desafios enfrentados por profissionais que atuam em cuidados paliativos e destacam a importância do psicólogo na equipe de saúde. A falta de disciplinas relacionadas à morte na formação acadêmica pode tornar o início da prática em CP difícil e estressante para os psicólogos. Os mesmos precisam lidar com situações que requerem controle emocional para amenizar o sofrimento causado pela perda.

Como citado anteriormente, o paliativismo tem como prioridade a aceitação da condição humana frente à morte, oferecendo ao paciente sem possibilidades de cura e aos seus familiares, condições adequadas ao entendimento de sua finitude, logo, nesta perspectiva a morte não é uma doença a ser curada, mas o fim do ciclo vital. Assim, as práticas ao final da vida devem priorizar o interesse do paciente, respeitando seus sentimentos, os desejos de seus familiares e a adequada comunicação entre todos os envolvidos no processo. Nesse sentido, as ações paliativas representam medidas terapêuticas, sem a intenção de cura, que objetivam diminuir os efeitos negativos da doença sobre o bem-estar do paciente (Moritz *et al.*, 2008).

Pensando nisso, Lucena *et al.* (2020) em seu trabalho destacam que o profissional de psicologia tem o papel de identificar e facilitar a comunicação entre o paciente, a família e a equipe, visando promover uma boa adesão à assistência proposta. Eles também mencionam que a atuação dos psicólogos na atenção primária está voltada para a prevenção e tratamento de doenças agudas ou crônicas, com o objetivo de maximizar a qualidade de vida independentemente do prognóstico do paciente.

Assim, os CP podem propiciar ao paciente e seus familiares, além das condutas médicas baseadas em medidas científicas, a promoção de intervenções de proximidade e valorização da vida, fora todo conhecimento sobre a morte, como entender esse processo de forma natural e assim atingir o objetivo principal que é a qualidade de vida, enquanto vida houver, e o conforto para o paciente e seu familiar e para a equipe que o acompanha (Bifulco; Caponero, 2016).

Já Sassani *et al.* (2022) apontam a importância da escuta e do suporte ativo oferecidos pelo psicólogo, que pode ajudar o paciente a lidar com as turbulências e inconstâncias emocionais causadas pela doença. Assim como Lucena *et al.* (2020) eles também reforçam a relevância da comunicação aberta e informal, que permite ao paciente expressar seus sentimentos. Visto que a boa comunicação contribui para conhecer os problemas e expectativas do paciente, aliviar os sintomas, oferecer informações adequadas, identificar formas de apoio e promover o enfrentamento do processo de morrer.

Domingues *et al.* (2017) enfatizam que o psicólogo desempenha um papel importante como mediador nas relações entre os profissionais da equipe e nas relações da mesma com os pacientes. Eles mencionam que o trabalho do psicólogo leva em consideração a instituição, a equipe, o paciente, sua doença e sua família. O foco está nos cuidados do paciente até a morte, dando voz à sua subjetividade e oferecendo atenção e escuta às suas aflições. O artigo destaca três momentos principais de intervenção do psicólogo: antes, durante e após a morte do paciente.

Quando falamos de finitude da vida, Rezende *et al.* (2014) mencionam que o suporte emocional oferecido pelo psicólogo é fundamental para promover uma boa comunicação, acolher o medo da morte e melhorar a qualidade de vida dos pacientes. Eles destacam que lidar com a morte é um desafio para a maioria das pessoas e que o psicólogo auxilia o paciente a lidar com seus sentimentos de impotência e tristeza diante da situação adversa. Além disso, de encontro com Rezende, Domingues *et al.* (2017), evidenciam que uma equipe de CP também precisa de cuidados psicológicos, pois lidar com a morte constantemente pode afetar emocionalmente os profissionais de saúde.

Focado em pacientes com câncer sem expectativa de vida, Torres (2017) ressalta a importância de compreender a morte e os sentimentos associados a ela. O artigo destaca que a psico-oncologia desempenha um papel importante na avaliação dos aspectos psicológicos no tratamento e prognóstico de pacientes com câncer, auxiliando no enfrentamento da doença e buscando promover a qualidade de vida dos pacientes. O texto ainda destaca a necessidade de compreender as angústias e os sentimentos associados à morte, uma vez que a sociedade tende a enfrentar a doença e a morte como algo a ser rejeitado e assustador. Além disso, são mencionados os sentimentos propostos por Kübler-Ross, como negação, raiva, barganha, depressão e aceitação, que podem variar de acordo com a subjetividade de cada pessoa.

Uma pesquisa realizada por Edington *et al.* (2021) frisa os desafios específicos enfrentados pelos psicólogos em CP. Entre eles, a comunicação e a atuação com a equipe multiprofissional se destacam, com dificuldades relacionadas à falta de consideração da opinião da equipe médica e à falta de preparo técnico e emocional de outros profissionais. Além disso, o atendimento aos pacientes e familiares também apresenta desafios, como a falta de compreensão da gravidade da situação por parte da família e a dificuldade de aliviar o sofrimento. Também, condições de trabalho precárias e falta de reconhecimento profissional também são mencionadas como desafios enfrentados por psicólogos em CP.

No entanto, além dos desafios enfrentados pelos profissionais, mencionados em Edington *et al.* (2021), os estudos também destacam a importância do papel do psicólogo nessa equipe. Pinto e cols. (2021) mencionam recursos terapêuticos, como técnicas de relaxamento mental e visualização de imagens mentais, que podem aliviar o sofrimento psicológico dos pacientes. Além disso, a inclusão de aspectos religiosos e espirituais é considerada essencial para melhorar a qualidade de vida e enfrentar a doença. A comunicação afetuosa e o bom relacionamento entre os profissionais de saúde e os pacientes são fundamentais para confortar e aliviar o estresse psicológico.

Efetivamente, faz-se necessário que o profissional da Psicologia estabeleça um vínculo sólido, e além de auxiliar nas informações pertinentes, compreender a visão do próprio indivíduo acerca da sua condição real, possibilitando a percepção dos sentimentos que surgem junto com as incertezas e receios durante o tratamento. Assim, Torres (1999) salienta que o psicólogo auxilia tanto paciente como familiar na compreensão dos tratamentos, desmistificando a doença.

Visto isso, na revisão realizada por Carvalho *et al.* (2022) destaca-se o papel complementar do psicólogo na equipe de saúde, prestando atenção, escuta e apoio emocional aos pacientes, suas famílias e à equipe multidisciplinar. Os psicólogos têm a função de mediar as relações entre os membros da equipe e entre o paciente e os demais profissionais de saúde. Recomenda-se que o acompanhamento psicológico comece o mais cedo possível, não se limitando aos pacientes em fase terminal. Assim como visto nos demais artigos já mencionados, Carvalho *et al.* (2022) também abordam que a comunicação é um desafio nesse contexto, envolvendo expressões ansiosas, olhares e toques. A comunicação emotiva, empática, cuidadosa e humana é essencial.

Oliveira *et al.* (2014) trazem uma perspectiva mais focada na experiência do paciente em situações de terminalidade e destaca a importância da intervenção psicológica nesse contexto. Os resultados destacam a necessidade de compreender o processo de morrer e as possibilidades de intervenção psicológica na proximidade da morte. A presença do psicólogo, tanto no ambulatório quanto na enfermaria, proporciona suporte emocional e ajuda os pacientes a enfrentarem essa fase da vida.

Já que as intervenções psicológicas em CP também auxiliam o paciente no exercício de pensamentos reconfortantes sobre o morrer, elaborando os aspectos que o cercam, como despedidas, silêncios e pendências. Outro recurso que pode auxiliar o psicólogo é explorar fantasias geradas diante das perdas e medos do paciente, já que isso, além de beneficiar na elaboração desses conteúdos, das expectativas e frustrações, oportuniza novas perspectivas em uma adaptação funcional à situação (Prade; Casellato; Silva, 2008).

Fan *et al.* (2015), em concordância com Carvalho *et al.* (2022), também exploram o trabalho dos psicólogos clínicos em CP e enfatizam a importância do cuidado baseado no conhecimento psicológico e na conexão humana. Para eles, os psicólogos usam uma abordagem integrativa, adaptando técnicas de psicoterapia às necessidades e problemas dos pacientes e suas famílias. Acompanham os pacientes em diferentes contextos, seja no hospital ou em suas casas, fornecem companhia e apoio emocional durante a jornada final da vida. Enfrentam desafios externos, como resistência dos pacientes e estereótipos associados ao psicológico, e desafios internos relacionados ao desenvolvimento profissional e reflexão sobre seu papel nesse contexto.

Para tanto, o psicólogo desempenha um papel fundamental na promoção do bem-estar psicológico dos pacientes e suas famílias, auxiliando na comunicação entre os membros da equipe e desejando uma melhor qualidade de vida durante o processo de adoecimento e no luto. Embora cada autor aborde aspectos específicos, todos eles convergem para a importância do psicólogo nos cuidados paliativos e no enfrentamento da terminalidade. Eles ressaltam a necessidade de uma abordagem integral, que considera as dimensões emocionais, psicológicas e existenciais dos pacientes, oferecendo suporte emocional, facilitando a comunicação e auxiliando na resignificação das emoções associadas à doença e à morte. Além de abordarem as dificuldades enfrentadas pela equipe multiprofissional e a importância do psicólogo na mesma. Em todos eles, é possível observar a relevância do trabalho ofertado pela Psicologia em prol tanto do paciente, como da família e da equipe de saúde.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na revisão sistemática realizada, é possível concluir que a atuação do psicólogo é fundamental na equipe multidisciplinar de cuidados paliativos. Os resultados mostram que a maioria dos estudos selecionados consiste em artigos de revisão, indicando uma limitação na realização de estudos clínicos nesta área. No entanto, os artigos revisados fornecem uma visão abundante sobre o papel do psicólogo e os desafios enfrentados por esses profissionais em cuidados paliativos.

A revisão também destacou a importância de considerar as dimensões emocionais, psicológicas e existenciais dos pacientes em cuidados paliativos. Visto que o psicólogo desempenha um papel fundamental na resignificação das emoções relacionadas à doença e à morte, auxiliando os pacientes a encontrar significado e qualidade de vida durante esse processo. Além disso, a intervenção psicológica também é essencial para auxiliar os profissionais de saúde a lidar com o estresse e as emoções inerentes ao trabalho em cuidados paliativos.

A psicologia desempenha um papel crucial nos cuidados paliativos, fornecendo amparo não apenas aos pacientes, mas também às suas famílias e à equipe de saúde. Os estudos examinados enfatizam a importância da comunicação efetiva, da escuta ativa e do suporte emocional oferecido pelo psicólogo. Essas intervenções são fundamentais para ajudar os pacientes a lidar com as emoções e desafios associados à doença terminal, assim como para auxiliar a equipe de saúde no manejo adequado desses pacientes.

Os resultados ressaltam a importância de incluir disciplinas relacionadas à morte e aos cuidados paliativos na formação acadêmica dos psicólogos, a fim de prepará-los para lidar com os desafios específicos dessa área. Também evidencia a necessidade de melhorar as condições de trabalho e o reconhecimento profissional dos psicólogos que estão inseridos em cuidados paliativos.

Em suma, os resultados desta revisão sistemática reforçam o padrão do papel do psicólogo na equipe de cuidados paliativos. A atuação desse profissional é essencial para promover o bem-estar emocional dos pacientes, suas famílias e os demais membros da equipe de saúde. É fundamental que os serviços de cuidados paliativos reconheçam a importância do suporte psicológico e garantam a presença do psicólogo como parte integrante da equipe multidisciplinar. Espera-se que essa revisão contribua para a ampliação do conhecimento nessa área e para o aprimoramento dos cuidados oferecidos aos pacientes em cuidados paliativos.

REFERÊNCIAS

- Academia Nacional de Cuidados Paliativos. **Crítérios de qualidade para os cuidados paliativos no Brasil**. Rio de Janeiro: Diagraphic. 2007.
- Academia Nacional de Cuidados Paliativos. **Manual de cuidados paliativos**. Rio de Janeiro: Diagraphic. 2009.
- BIFULCO, V.A.; CAPONERO, R. **Cuidados Paliativos**. Conversas sobre a vida e morte na saúde. Editora Manole LTDA, 2016.
- BRASIL. Ministério da Saúde . **Lei nº 8.142 de 28 de dezembro de 1990**. Brasília, v. 128, n. 249, dez. 1990.
- Academia Nacional de Cuidados Paliativos. Ministério da Saúde. **Resolução nº 41, de 31 de outubro de 2018**. Brasília. Out. 2018.
- CARVALHO, N. de O.O. .; Vargas, T. B. T.. Reflexões Acerca Da Psicologia Nos Cuidados Paliativos. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 8, n. 10, p. 451-467. 2022.
- COOK D.J; MULROW C.D; HAYNES R.B. Systematic reviews: synthesis of best evidence for clinical decisions. **Ann Intern Med**. p.376-80, 1997.
- CREMESP, Conselho Regional de Medicina do Estado de Minas Gerais. **Cuidado paliativo**. Coordenação Institucional de Reinaldo Ayer de Oliveira. São Paulo: Cremesp. 2008.
- DOMINGUES, G.R. *et al* . A atuação do psicólogo no tratamento de pacientes terminais e seus familiares. **Psicol. hosp. (São Paulo)**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 02-24, jan. 2013 .
- EDINGTON, R. N. *et al*. A Psicóloga no Contexto dos Cuidados Paliativos: Principais Desafios. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, 10, 398-406. 2021.
- FAN, S.; LIN, W.; LIN, I. Psychosocial Care and the Role of Clinical Psychologists in Palliative Care. **American Journal Of Hospice And Palliative Medicine®**, [S.L.], v. 32, n. 8, p. 861-868, 14 jul. 2014. SAGE Publications.
- FIGUEIREDO, M.T.de A. Reflexões Sobre os Cuidados Paliativos no Brasil. **Revista Prática Hospitalar**. São Paulo, v. 47, n. 8, p. 36-40, out. 2006.
- FLORIANI, C.A.; SCHRAMM, F.R. Cuidados paliativos: interfaces, conflitos e necessidades. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 2123-2132, nov. 2008.

FRANKLING, M.H. *et al.* 'Palliative-D'—Vitamin D Supplementation to Palliative Cancer Patients: a double blind, randomized placebo-controlled multicenter trial. **Cancers**, [S.L.], v. 13, n. 15, p. 3707, 23 jul. 2021. MDPI AG.

HERMES, H.R.; LAMARCA, I.C.A. Cuidados paliativos: uma abordagem a partir das categorias profissionais de saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 9, p. 2577-2588, set. 2013.

LUCENA, L. L. *et al.* Psychological assistance for end-of-life patients under palliative care in the hospital environment: an integrative review / Cuidados paliativos na terminalidade: revisão integrativa no campo da psicologia hospitalar. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online**, [S. l.], v. 12, p. 1253–1259, 2021.

MATSUMOTO, D.Y. Cuidados Paliativos: conceitos, fundamentos e princípios. *In*: CARVALHO, Ricardo Tavares de; PARSONS, Henrique Afonseca (org.). **Manual de Cuidados Paliativos**: ampliado e atualizado. 2. ed. São Paulo: ANCP, 2012. p. 26.

MENDES, J. A.; LUSTOSA, M. A.; ANDRADE, M. C. M. Paciente terminal, família e equipe de saúde. **Revista SBPH**, v.12, p.151-173. 2009.

MENDONÇA, R. K. Princípios dos cuidados paliativos. **Sagar Educação S.A.** Grupo A, 2018.
MELO, A. C. de; VALERO, F. F.; MENEZES, M. A intervenção psicológica em cuidados paliativos. **Psic., Saúde & Doenças**, Lisboa, v. 14, n. 3, p. 452-469. 2013.

MORITZ, R. D., et al. Terminalidade e cuidados paliativos na unidade de terapia intensiva. **Revista Brasileira de Terapia Intensiva**, v.20, p.422-428. 2008.

NUNES: L. V. A equipe multiprofissional em cuidados paliativos. O papel do psicólogo na equipe. org. Ricardo Tavares de Carvalho: Henrique Afonso Passos. **Manual de Cuidados Paliativos ANCP**. 2 ed.: ampliado e atualizado. São Paulo, p.258, 2012.

OLIVEIRA, A. C. de; SILVA, M.J.P. da. Autonomia em Cuidados Paliativos: conceitos e percepções de uma equipe de saúde. **Acta Paul Enferm**, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 212-217, fev. 2010.

OLIVEIRA, É. A. DE .; SANTOS, M. A. DOS .; MASTROPIETRO, A. P.. Apoio psicológico na terminalidade: ensinamentos para a vida. **Psicologia em Estudo**, v. 15, n. 2, p. 235-244, abr. 2010.

OMS, **Organização Mundial da Saúde**. Programas nacionais de controle do câncer: políticas e diretrizes gerenciais, 2ª ed. Geneva, 2002.

PRADE, C. F.; CASELLATO, G.; SILVA, A. L. M. Cuidados Paliativos e comportamento perante a morte. *In*: E. Knobel. Atheneu. **Psicologia e humanização**: Assistência aos pacientes graves. São Paulo, p. 149-158, 2008.

PINTO, Fernanda do Amaral et al. A importância da psicologia na percepção de pacientes em cuidados paliativos. **Anais da XV Mostra Científica do Cesuca**, Cachoeirinha - Rs, v. 1, n. 1, p. 1-6, nov. 2021.

REZENDE, L.C.S.; GOMES, C. S.; MACHADO, M.E. da C. A finitude da vida e o papel do psicólogo: perspectivas em cuidados paliativos. **Revista Psicologia e Saúde**, Campo Grande, p. 28-36, jul. 2014.

RIBEIRO, E. E. **Tanatologia**: vida e finitude. Rio de Janeiro: Unati, 2008.

RODRIGUES, L. F.; SILVA, J. F. M. da; CABRERA, M. Cuidados paliativos: percurso na atenção básica no Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**. v. 38, n. 9, 2022.

SAPORETTI, L. A. Diagnóstico e abordagem do sofrimento humano. org. Ricardo Tavares de Carvalho: Henrique Afonso Passos. **Manual de Cuidados Paliativos ANCP**. 2 ed.: ampliado e atualizado. São Paulo, p.592, 2012.

SASSANI, L. M.; SANCHES, D. Contribuições do profissional de psicologia para o paciente em cuidados paliativos. **Arquivos de Ciências da Saúde da UNIPAR**. Umuarama. v. 26, n. 3, p. 705- 724, set./dez. 2022.
SAUNDERS, D. C. Introduction Sykes N., Edmonds P., Wiles J. **Management of Advanced Disease**. p.3-8, 2004.

TORRES, T. de L. O Psicólogo centrado na pessoa e a instituição hospitalar. **Associação Paulista da Acp**, Ouro Preto, v. 1, n. 1, p. 1-2, out. 1999.

TORRES, A. A. Cuidados Paliativos: A Atuação Do Psicólogo Com Pacientes Com Câncer Sem Expectativa De Vida. Pretextos - **Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, v. 3, n. 6, p. 361 - 376, 12 set. 2018.

A ESCOLHA DE ESTUDO DE ENSINO SUPERIOR: UMA REVISÃO ASSISTEMÁTICA DA LITERATURA

João Caetano Nodari Giollo¹; Felipe Biasus²

¹ Acadêmico do Curso de Psicologia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - Câmpus de Erechim (URI). *E-mail:* 027463@aluno.uricer.edu.br

² Psicólogo, Mestre em Psicologia, Professor do Curso de Psicologia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - Câmpus de Erechim (URI). *E-mail:* febiasus@uricer.edu.br

RESUMO

Com o aumento do número de alunos no ensino superior, mostra-se necessário entender os motivos que fazem os alunos ingressarem na graduação de ensino superior. O artigo tem como objetivo analisar os materiais publicados nos últimos 5 anos acerca do tema escolha de estudo de ensino superior por meio de uma revisão assistemática da literatura. É possível perceber que vários fatores afetam a escolha de continuar estudando. Percebe-se que a condição socioeconômica do indivíduo é um grande fator, uma vez que famílias de condições socioeconômicas distintas atribuem valores diferentes para educação de ensino superior.

Palavras-chave: ingresso no ensino superior; escolha do ensino superior; escolha de curso.

1. INTRODUÇÃO

É possível ao longo do tempo um aumento na procura de uma educação de ensino superior. Com base nos dados fornecidos pelo resumo técnico do censo da educação superior 2021 do Inep, fica evidente um aumento no número de matrículas e ingressantes. Em 2021, o número de ingressantes era de 3.944.897, dos quais 87,5% estão na categoria privada e 12,5%, na categoria pública, mantendo a tendência de crescimento de 4,8% do ano de 2020 para 2021, sendo essa elevação apenas observada na categoria privada. Quanto à modalidade de ensino, o número de ingressantes a distância segue crescendo, representando, em 2021, 62,8% do total. O número de ingressantes presenciais, por sua vez, caiu de 1.756.496, em 2020, para 1.467.523, em 2021 (Brasil. Inep, 2023). Com as formações a distância ficando cada vez mais difundidas, é de grande importância que se entenda os motivos pelos quais os alunos escolhem seguir uma formação acadêmica (Brasil. Inep, 2023).

O processo da escolha profissional é sobreposto a uma complexa rede de fatores que comporta tanto uma dimensão individual quanto social, envolvendo influências do meio familiar, dos grupos de pares, da formação educacional, do mundo do trabalho e do contexto social, político, econômico e cultural. Todos esses fatores atuam continuamente, influenciando e sendo influenciados pela trajetória vocacional humana (Almeida; Melo-Silva, 2011).

Sabe-se que o primeiro fator para a escolha inicial de ingressar em um curso de ensino superior é a possibilidade de ingresso na universidade (Dias; Soares, 2012). É possível notar nos últimos anos um aumento de ingressantes de condições socioeconômicas menores e de grupos minoritários (Casanova; Araújo; Almeida, 2020). Outrossim, as condições socioeconômicas e de educação do indivíduo influenciam a possibilidade de escolha. (Cavalheiro; Mendes; Corrêa; Ferreira; Berretin-Felix; Silverio, 2018). Percebe-se que a escolha pode ser afetada devido uma questão de *status* ou posição que alguém ocupa dentro de um sistema social. O *status* pode inclinar o jovem a uma escolha profissional, mirando um lugar de destaque e respeito na sociedade

(Camacho, 2016).

É possível perceber a existência de muitos fatores que afetam a escolha de uma educação continuada na vida de uma pessoa. Família, condições socioeconômicas, *status* e educação são alguns dos principais motivos que afetam essa escolha. Por isso, com o aumento na busca por uma educação de ensino superior é importante entender se esses motivos ainda são os que afetam a escolha ou se podem existir novos motivos. Desta forma, buscou-se analisar, por meio de um estudo de revisão da literatura sobre o tema, o que tem sido publicado nos últimos anos a respeito da escolha de ensino superior.

2. METODOLOGIA

2.1 Procedimento de coleta dos dados

O presente artigo tem como objetivo apresentar um levantamento do que está sendo publicado sobre a escolha de ensino superior nos últimos 5 anos, seguindo um delineamento de pesquisa bibliográfica, configurando-se como uma revisão assistemática da literatura.

O levantamento compreendeu os anos de 2019 a 2023 dos artigos presentes na base Scielo, perfazendo os últimos 5 anos. Os termos de busca utilizados foram os seguintes: “escolha de curso”; “carreira de ensino superior”; “escolha de ensino superior”; “escolha de curso de graduação”. Após o levantamento inicial, foram adicionadas novas palavras-chave: “ingresso no ensino superior”, “ingresso acadêmico” e “ingresso na educação de ensino superior”.

Foram incluídos na análise artigos escritos em inglês e/ou português. A primeira classificação para inclusão ou exclusão foi concentrada na leitura dos títulos dos artigos. Aqueles que indicavam a temática de estudo foram incluídos para leitura dos resumos. Esta etapa teve a finalidade de averiguar com maior profundidade a presença do tema de estudo na publicação em análise, e aqueles que confirmaram a presença do tema foram incluídos para análise geral dos resultados do artigo, com a leitura na íntegra.

2.2 Procedimentos de análise dos dados

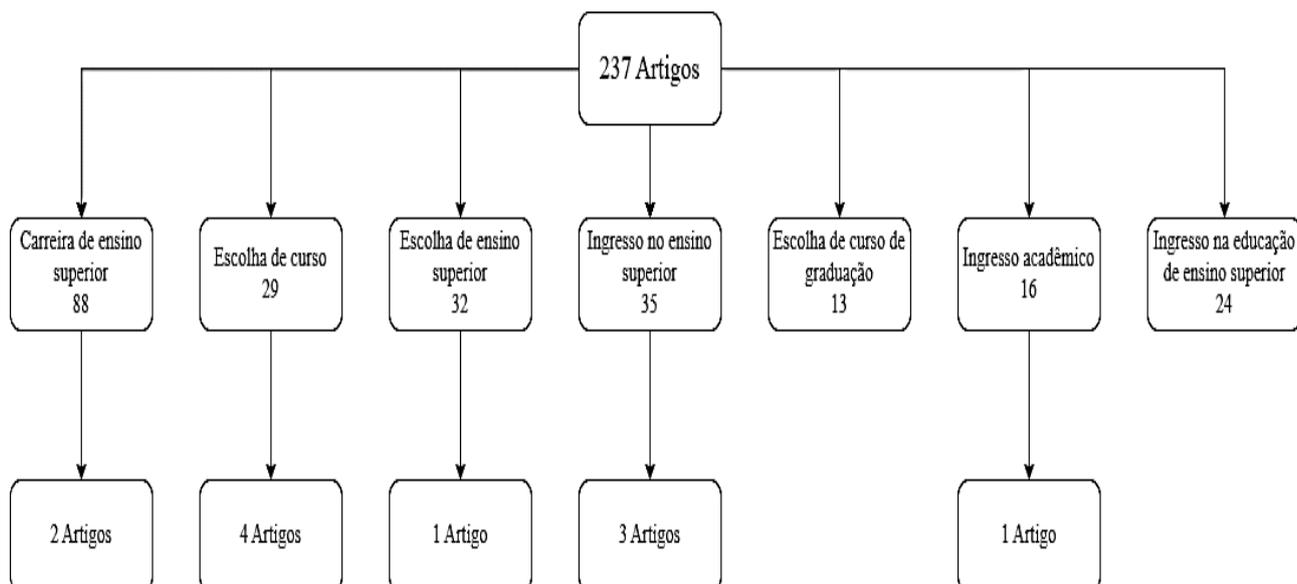
O processo de análise seguiu as seguintes etapas:

- 1) Levantamento e coleta dos artigos, por referir-se a um estudo de revisão de literatura. Desde o levantamento aconteceu um processo de análise, pois os títulos e resumos dos artigos localizados foram lidos para a composição da base de dados para análise integral;
- 2) Os artigos que se adequaram ao tema foram integrados no corpus de análise;
- 3) Foi realizada a leitura do artigo na íntegra e observados: ano de publicação, periódico de publicação, e resultados do estudo;

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao pesquisar as palavras-chave na plataforma SCIELO, foi obtido um total de 237 artigos, dos quais 29 são da palavra-chave “escolha de curso”, 88 com “carreira de ensino superior”, 32 através de “escolha de ensino superior”, 13 da “escolha de curso de graduação”, 35 com “ingresso no ensino superior”, 16 utilizando as palavras “ingresso acadêmico” e 24 artigos com “ingresso na educação de ensino superior”.

Figura 1. Processo de análise.



Dos 237 artigos, apenas 11 foram selecionados. Levando em consideração o fato de que alguns artigos apareceram em diferentes palavras-chave, os artigos duplicados foram apenas contabilizados para a primeira forma de busca. Foram obtidos 2 artigos com a palavra-chave "carreira de ensino superior", 4 com "escolha de curso", 1 por meio de "ingresso acadêmico", 3 foram encontrados com "Ingresso no ensino superior" e 1 por "escolha de ensino superior". Ressalta-se que no caso da pesquisa "escolha de curso de graduação" foram encontrados artigos relevantes, porém eles já haviam sido contabilizados com a busca utilizando-se outra palavra-chave. No caso da busca "ingresso na educação de ensino superior", não foi encontrado nenhum artigo que condizia com o tema. Nota-se também a presença de 1 artigo em inglês.

Quando observado os anos de publicação, é possível perceber que o ano 2019 detém a maioria das publicações, 5 das 11 publicações, enquanto os outros anos ficam entre uma ou três publicações durante o ano. Em 2020 foi publicado 1 artigo, já em 2021 foram publicados 3 artigos e em 2022 foram publicados 2 artigos, entre os quais 2 dos artigos escolhidos têm o mesmo autor. Estes dados podem ser observados no Quadro 1.

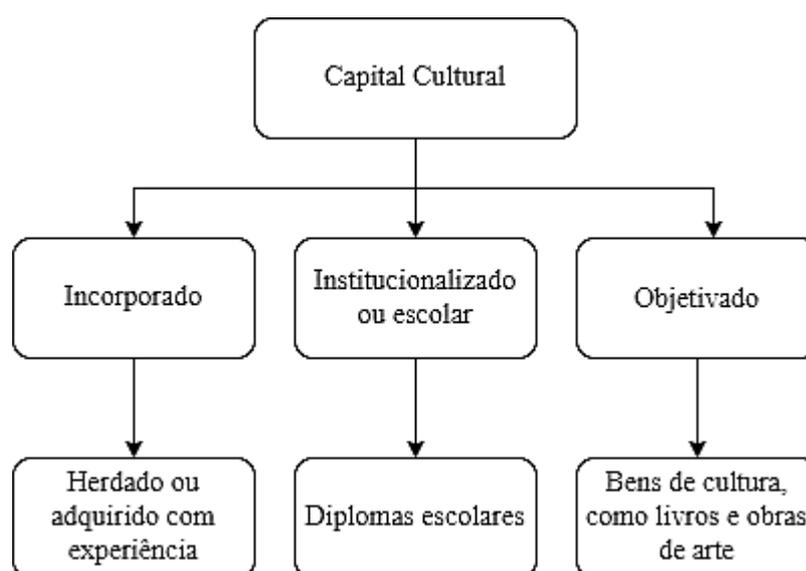
Quadro 1. Dados dos Artigos

| Título | Periódico | Autor | Ano da publicação | Fatores identificados |
|---|---|---|-------------------|--|
| EXPANSÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR E CONSTRUÇÃO DE CARREIRA: ESTUDO MULTICASOS COM GRADUANDOS | Psicologia Escolar e Educacional | Zatti, Luna | 2022 | Influência familiar |
| BATALHADORES CULTURAIS: TRAJETÓRIAS DE MOBILIDADE ASCENDENTE NOS MEIOS POPULARES | Educação e Pesquisa | Alves | 2022 | Influência familiar |
| REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE A ESCOLHA DA ENFERMAGEM NA PERSPECTIVA DE ESTUDANTES DO SEXO MASCULINO | Revista cubana de enfermagem | Sousa; Siqueira; Silva; Passos; Oliveira; Frazão; Silva | 2021 | Influência do Gênero |
| ESCOLHAS POSSÍVEIS: NARRATIVAS DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS | Educação & Realidade | Macedo | 2021 | Influência das condições socioeconômicas |
| PROTAGONISTAS PARA O MUNDO: MERCADO ESCOLAR E ASPIRAÇÕES DAS ELITES PELO ENSINO SUPERIOR | Educação & Sociedade | Caldeira; Alves | 2021 | Influência familiar |
| PERFIL SOCIOECONÔMICO E EXPECTATIVA DE CARREIRA DOS ESTUDANTES DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA | Revista Brasileira de Educação Médica | Veras; Fernandez; Feitosa; Fernandes | 2020 | Influência do Gênero |
| MOTIVAÇÃO INTRÍNSECA DO ESTUDANTE DE MEDICINA DE UMA FACULDADE COM METODOLOGIA ATIVA NO BRASIL: ESTUDO TRANSVERSAL | Revista Brasileira de Educação Médica | Azevedo, Caminha, Andrade, Godoy, Monteiro, Falbo | 2019 | Influência do Gênero |
| RESISTÊNCIA E RESIGNAÇÃO: NARRATIVAS DE GÊNERO NA ESCOLHA POR ENFERMAGEM E PEDAGOGIA | Cadernos de Pesquisa | Macedo | 2019 | Influência do Gênero |
| STUDENT'S ACCESS AND PERFORMANCE IN THE PORTUGUESE HIGHER EDUCATION: ISSUES OF GENDER, AGE, SOCIO-CULTURAL BACKGROUND, EXPECTATIONS, AND PROGRAM CHOICE | Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas) | Ferrão; Almeida | 2019 | |
| CONDIÇÕES SOCIAIS, ESCOLARIZAÇÃO E HÁBITOS DE ESTUDO NO DESEMPENHO ACADÊMICO DE CONCLUINTE DA ÁREA DA SAÚDE | Trabalho, Educação e Saúde | Noro; Moya | 2019 | Influência das condições socioeconômicas |
| SUCESSO NO CAMPO ESCOLAR: CONDICIONANTES PARA ENTRADA NA UNIVERSIDADE NO BRASIL | Educação & Sociedade | Gonçalves; Ramos | 2019 | Capital Cultural e Social |

A dificuldade no acesso à educação superior no Brasil tem como fator determinante a desigualdade social marcada pela diferença de capital (Noro; Moya, 2019). Ao analisar o conteúdo dos artigos, a escolha de uma educação continuada possui uma relação direta com a condição socioeconômica do indivíduo, influência dos familiares, o capital cultural e social de cada indivíduo, a localização geográfica e interesse pela área.

É possível compreender o capital cultural em 3 dimensões: incorporado, institucionalizado e objetivado. O capital cultural objetivado ocorre na forma de bens de cultura, como livros e obras de arte. O capital cultural incorporado é aquele herdado ou adquirido com experiência. Já o capital cultural institucionalizado ou escolar ocorre por meio de diplomas escolares. O capital social é o conjunto das relações que um indivíduo pode ter ou manter que podem ser convertidas em outro tipo de capital (Gonçalves; Ramos, 2019).

Figura 2. Capital cultural.



As demandas de ordem social afetam as oportunidades de construção de carreira, uma vez que incorporadas pelo sujeito desenvolvem crenças, expectativas e valores sobre o mundo (Zatti; Luna, 2022). Enquanto a classe média é caracterizada pelo domínio de capital cultural, nas suas diferentes formas, em especial na forma institucionalizada, a partir de títulos, embora alguma forma de capital econômico esteja presente, é o capital cultural por meio em grande parte do sistema escolar. Na condição de baixa renda, as classes populares são marcadas pela ausência ou quase ausência de capital impessoais. (Gonçalves; Ramos, 2019).

Em muitos casos, o indivíduo é o primeiro de sua família a entrar na faculdade, ou em alguns casos, é o primeiro a concluir o ensino médio (Macedo, 2019). Assim, uma parcela da população atribui maior importância a ingressar em uma universidade do que a entrar em um determinado curso de graduação. Deixando de lado a escolha de um curso compatível com as preferências pessoais (Zatti; Luna, 2022). Renata Mourão Macedo em seu artigo, "Escolhas Possíveis: narrativas de estudos universitários", aponta casos em que muitos universitários tiveram que abdicar o desejo de fazer uma formação específica em uma universidade específica devido aos valores da mensalidade (Macedo, 2021). Para famílias de baixa renda, a oportunidade de uma graduação é uma possibilidade de ascender socialmente (Alves, 2022). Essa mudança vem muitas vezes vinculada ao sistema de cotas, já que oportuniza o acesso para alunos que, sem o sistema, dificilmente teriam acesso à educação superior (Noro; Moya, 2019). Mesmo que a Lei de Cotas oportunize a entrada de ingressantes provenientes de condições socioeconômicas vulneráveis, cursos como medicina não apresentam números expressivos de inclusão. Sendo que no curso de medicina se apresentam as maiores rendas familiares em comparação com os demais cursos de graduação (Veras; Fernandez; Feitosa; Fernandes, 2020). Da

população estudantil os cotistas ocupam apenas 15,6 %, ou seja, menos que os 20% que são disponibilizados por lei (Noro; Moya, 2019).

Por vezes, a possibilidade de cursar o ensino superior vem acompanhada de imposições familiares. Alguns alunos acabam por escolher cursos em instituições perto de casa por influência de aspectos financeiros e familiares, optando por instituições públicas e gratuitas (Zatti; Luna, 2022). As famílias afetam as decisões de muitos alunos que acabam por escolher universidades perto de casa por insegurança ao considerar outras cidades como opção (Zatti; Luna, 2022).

Em muitos casos, alunos têm suas possíveis escolhas de graduação reduzidas devido a questões financeiras (Zatti; Luna, 2022). A renda familiar é uma variável com um grande impacto, rendas entre 10 e 30 salários mínimos aumentam as chances do indivíduo quando comparado a rendas até 2 salários mínimos em 553% no caso do curso de medicina (Gonçalves; Ramos, 2019). Muitas vezes, mesmo que a universidade seja gratuita, existe um gasto em manter-se, além da necessidade da oferta de cursos noturnos para que o aluno possa conciliar trabalho e estudo. Isso faz com que muitos escolham cursar universidades em que possam ficar em casa (Zatti; Luna, 2022).

Os indivíduos que almejam crescer socialmente através da educação de ensino superior utilizam de múltiplos recursos para a realização dessa tarefa. Candidatos com renda típica da classe média (entre 10 e 30 salários-mínimos) têm uma chance maior, no caso do curso de medicina em 2019 a chance era 21,5 vezes maior que candidatos com renda inferior a 2 salários mínimos (Gonçalves; Ramos, 2019). Dentre os possíveis recursos, temos a aquisição de capital escolar e cultural aumentado a chance de ingressar numa universidade (Alves, 2022). As famílias populares por vezes adotam estratégias de ascensão social por meio do sistema escolar, investindo fortemente seus recursos no sistema escolar e esperando que gere resultados (Gonçalves; Ramos, 2019). Noro e Moya afirmam que existe importância das origens sociais no processo de construção do conhecimento no espaço escolar de crianças e jovens, Entretanto também indicam a existência de uma relação entre desempenho acadêmico e as características pessoais dos estudantes e das escolas frequentadas (Noro; Moya, 2019).

Percebemos que as famílias dos alunos que conseguiram ingressar no ensino superior apresentam algumas características específicas. Essas famílias passam para seus filhos através do capital cultural valores relacionados ao trabalho duro. Disposição para disciplina, autocontrole, capacidade de concentração, pensamento prospectivo, capacidade de conciliar trabalho e faculdade e capacidade para autossuperação (Alves, 2022).

As famílias desses batalhadores são geralmente bem estruturadas: com pai e mãe ou outro membro que se faça presente. Essa organização familiar, transmite valores por meio do exemplo, orientação, conselhos e estimulação afetiva e o estabelecimento de uma rotina de estudo junto com sacrifícios feitos pelos familiares com objetivo de manter os filhos estudando de forma prolongada (Alves, 2022).

O turno de frequência escolar impacta o ingresso no ensino superior, alunos do turno noturno apresentam uma chance significativamente menor que estudantes do turno do dia, 40% no curso de pedagogia e 55% no curso de administração (Gonçalves; Ramos, 2019).

Pela inserção precoce no mundo do trabalho e as imposições socioculturais, é importante que o indivíduo desenvolva o ato de estudar. Uma vez que ter estudo em uma escola particular quase dobra a às chances de ingressar no curso de pedagogia e aumenta em mais de 80% as chances no caso do curso de administração (Gonçalves; Ramos, 2019). Porém este não depende só da vontade de estudar, mas de um contexto social anterior, predominantemente familiar, qual indivíduo pode incorporar os pressupostos para ter “gosto” pelo estudo. Tais dificuldades socioeconômicas atrapalham a incorporação do gosto de estudar, complicando o ingresso no ensino superior (Alves, 2022).

Vemos que às famílias de maior renda também influenciam a tomada de decisão de seus membros na

hora de escolher suas formações. Quando entramos no assunto das famílias “elite”, percebemos que elas são definidas com base no recurso mais elevado com relação aos seus outros recursos: econômico, cultural, social e simbólico, diferenciando assim às elites: elite econômico, elite cultural, elite social e elite simbólica. Para essas famílias, as estratégias educacionais e percursos acadêmicos distinguem as frações das elites (Caldeira; Alves, 2021).

Para as elites econômicas, o percurso acadêmico se distancia da ideia de excelência escolar. Existe uma preparação dos filhos para suceder às empresas familiares, sendo orientados por cursos de negócios e gestão em muitas vezes em instituições privadas. Famílias que apresentam um grande recurso econômico são capazes de fornecer, através dos seus recursos, um maior acesso ao capital cultural (Caldeira; Alves, 2021). O capital econômico incha um aumento considerável nas chances do candidato chegando a elevar em mais de 500% a possibilidade de um concorrente atingir uma vaga no curso de medicina, sendo muito superior do que a influência de qualquer indicador de capital cultural (Gonçalves; Ramos, 2019).

Já em famílias de “elite” intelectual, representadas muitas vezes por professores universitários, a conversão de capital cultural para capital escolar favorece a escolarização dos filhos. Sendo assim, carreiras educacionais tendem a ser bem-sucedidas até o ensino superior em instituições e posição de maior prestígio (Caldeira; Alves, 2021). Quando considerado às famílias com rendas que passam 30 salários-mínimos, acontece uma queda nos dados acerca da possibilidade de ingresso quando comparada às famílias de renda típica da classe média (Gonçalves; Ramos, 2019). Vemos que, por vezes, as altas classes sociais, com seu alto capital econômico, apresentam outros investimentos além da educação de ensino superior. Famílias investem em recursos simbólicos internacionais, preparando seus filhos para realização de formações no exterior (Caldeira; Alves, 2021). Vemos que esse fenômeno afeta os estabelecimentos de ensino, forçando uma adaptação nos projetos pedagógicos e abertura de horizontes acadêmicos. As escolas agora sinalizam qual o tipo de formação será oferecida, já que as escolas são mais que ensino do conhecimento. A escola propaga uma cultura de status, comunica vocabulário, gostos estéticos, valores e maneiras. Habilidades não tangíveis destacam-se mais como conteúdo escolar. Os alunos agora saem do colégio com aptidões desejadas pelo mercado de trabalho (Caldeira; Alves, 2021).

Pode ser visto também o impacto dos filhos na possibilidade de ingressar no ensino superior. O impacto de cuidar dos filhos sobre as mulheres pode diminuir o tempo de estudo substancialmente, diminuindo as chances de passar em uma universidade em até 15% quando considerado o curso de medicina (Gonçalves; Ramos, 2019).

Outro fator importante visto nos artigos é o gênero dos indivíduos. Vemos no artigo “Student’s access and performance in the Portuguese Higher Education: Issues of gender, age, socio-cultural background, expectations, and program choice”, que trata de uma pesquisa com alunos da Universidade do Minho, em Portugal uma divisão baseada no sexo. O artigo afirma que a maioria dos alunos do sexo masculino, de qualquer condição sociocultural, optam por cursar cursos de engenharia (entre 64,18% e 67,49%), e são a minoria em qualquer condição sociocultural nos cursos de ciências sociais e econômicas (32,82% e 36,96%) (Ferrão; Almeida, 2019, p. 434, tradução nossa)³. O mesmo artigo afirma também que, nos programas de ciências da saúde, o número também é favorável aos alunos do sexo feminino. Entre 47 estudantes de baixa condição sociocultural, 91,49% eram mulheres; entre 92 alunos do grupo de classe média 81,52% eram mulheres e no alto grupo, 76,6% eram mulheres dos 47 estudantes (Ferrão; Almeida, 2019, p. 434, tradução nossa)⁴.

Vemos uma significativa mudança em relação ao gênero. Cursos como Medicina e Direito estão cada

³ No original: while most of the male students from any socio-cultural background attend engineering courses (between 64.18% and 67.49%), they are minority in the social and economic sciences courses from any socio-cultural group (between 32.82% and 36.96%).

⁴ No original: In health science programmes the ratio is also in favor of the female students. Among the 47 students in the low socio-cultural group, 91.49% are female; among the 92 in the middle socio-cultural group, 81.52% are women and, finally, in the “high” group, the percentage of women is 76.6% among the 47 students.

vez mais femininos, além de manter a presença de mulheres nos cursos da área da saúde que são associadas ao cuidado, como Enfermagem e Pedagogia (Macedo, 2019). Vemos no artigo “Perfil Socioeconômico e Expectativa de Carreira dos Estudantes de Medicina da Universidade Federal da Bahia” a presença expressiva feminina no curso de medicina. Dos 381 estudantes, 193 (50,7%) são do sexo feminino. Ao observar os dados do artigo “Motivação Intrínseca do Estudante de Medicina de uma Faculdade com Metodologia Ativa no Brasil: Estudo Transversal” vemos que as mulheres representam 72,8% dos estudantes (Azevedo *et al.*, 2019).

Vemos uma mudança em relação ao gênero feminino, com a presença cada vez maior de mulheres em profissões “masculinas”. Quanto aos homens em profissões tipicamente “femininas”, vemos uma situação parecida, de forma que os homens sofrem preconceito sendo “taxados” como homossexuais, ou têm sua masculinidade questionada (Sousa *et al.*, 2021).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o aumento da procura pela educação de ensino superior e as diversas possibilidades de ensino, é de grande importância entender os fatores que levam os alunos a cursarem um curso superior. A partir do conteúdo dos artigos, é possível perceber a existência de 5 fatores que influenciam a escolha de uma educação continuada: condição socioeconômica do indivíduo; influência dos familiares; capital cultural e social de cada indivíduo; localização geográfica; e interesse pela área. Dos 5 fatores que influenciam a escolha de fazer uma formação de ensino superior, a família, as condições socioeconômicas e culturais e os capitais cultural e social são as que exercem maior influência na decisão de escolher continuar estudando após o ensino médio.

Os fatores que influenciam a decisão da educação continuada não podem ser considerados de forma independente, uma vez que agem simultaneamente na vida dos alunos. Quando comparado às famílias de alta renda com as de baixa renda, é possível perceber como as condições socioeconômicas distintas influenciam os outros fatores, facilitando ou adicionando empecilhos quanto à graduação, a necessidade ou não de ficar em casa ou de estudar em um curso noturno em uma instituição gratuita, além da possibilidade de receber um educação básica particular.

A partir do artigo, é possível concluir a necessidade de serem feitas mais pesquisas acerca do tema uma vez que foram desenvolvidos poucos trabalhos nos últimos 5 anos. O artigo também mostrou a possibilidade de pesquisar os motivos que levam os alunos a escolherem uma educação de ensino superior a distância, uma vez que nenhum dos 11 artigos selecionados abordaram a educação a distância.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, F.H. de; MELO-SILVA, L.L. Influência dos pais no processo de escolha profissional dos filhos: uma revisão da literatura. **Psico-USF** [online], v. 16, n. 1, pp. 75-85. 2011. Acesso em: 23 nov. 2022.

ALVES, A. R. C.. Batalhadores culturais: trajetórias de mobilidade ascendente nos meios populares. **Educação e Pesquisa**, v. 48, p. e254909, 2022.

AZEVEDO, P. T. Á. C. C. DE. *et al.*. Intrinsic Motivation of Medical Students from a College with Active Methodology in Brazil: a Cross-Sectional Study. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 43, n. 1, p. 12–23, 2019

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Censo da Educação Superior 2021: notas estatísticas. Brasília, 2023.

CAMACHO, H. **Escolha profissional e satisfação pessoal**: um estudo com jovens profissionais egressos de

uma universidade em São Paulo. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Programa de Pós-Graduação, da Antonio Meneghetti Faculdade (AMF), como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Gestão do Conhecimento e o Paradigma Ontopsicológico. Restinga Seca, RS 2016

CASANOVA, J. R., ARAÚJO, A. M., & ALMEIDA, L. S. (2020). Dificuldades na adaptação acadêmica dos estudantes do 1.º ano do Ensino Superior. **Revista E-Psi**, 9(1), 165–181.

CAVALHEIRO, M. G.; MENDES, C. A.; CORRÊA, A. P. C.; FERREIRA, F. M.; BERRETIN-FELIX, G.; SILVERIO, K. C. A. O que os Estudantes Consideram na Escolha do Curso de Graduação?. **Revista de Graduação USP**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 63-69, 2018. DOI: 10.11606/issn.2525-376X.v3i2p63-69.

CALDEIRA, B. DE F.; ALVES, M. T. G. Protagonistas para o mundo: mercado escolar e aspirações das elites pelo ensino superior. **Educação & Sociedade**, v. 42, p. e239138, 2021.

DIAS, M.S. de L.; SOARES, D. H. P. A escolha profissional no direcionamento da carreira dos universitários. **Psicologia: Ciência e Profissão** [online]. 2012, v. 32, n. 2 [Acessado 23 Novembro 2022], pp. 272-283

FERRÃO, M. E.; ALMEIDA, L. S.. Student's access and performance in the Portuguese Higher Education: Issues of gender, age, socio-cultural background, expectations, and program choice. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)**, v. 24, n. 2, p. 434–450, jul. 2019.

GONÇALVES, F. G. DE .RAMOS, M. P.. Sucesso no campo escolar: condicionantes para entrada na universidade no brasil. **Educação & Sociedade**, v. 40, p. e0188393, 2019.

MACEDO, R. M. Resistência e resignação: narrativas de gênero na escolha por enfermagem e pedagogia. **Cadernos de Pesquisa**, v. 49, n. 172, p. 54-76, abr. 2019.

MACEDO, R. M. Escolhas Possíveis: narrativas de estudantes universitários. **Educação & Realidade**, v. 46, n. 3, p. e105800, 2021.

NORO, L. R. A.; MOYA, J. L. M. Condições sociais, escolarização e hábitos de estudo no desempenho acadêmico de concluintes da área da saúde. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 17, n. 2, p. e0021042, 2019.

SOUSA, A. M. *et al.* Representações sociais sobre a escolha da enfermagem na perspectiva de estudantes do sexo masculino. **Rev Cubana Enfermer vol.37 no.3 Ciudad de la Habana jul.-set. 2021** Epub 15-Nov-2021

VERAS, R. M. *et al.* Perfil Socioeconômico e Expectativa de Carreira dos Estudantes de Medicina da Universidade Federal da Bahia. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 44, n. 2, p. e056, 2020.

ZATTI, F.; LUNA, I. N. Expansão da educação superior e construção de carreira: estudo multicaseos com graduandos. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 26, p. e241763, 2022.

FATORES PSICOSSOMÁTICOS ASSOCIADOS À DOENÇA CARDÍACA: REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA

Milena Samoyedem¹; Mariana Alievi Mari²

¹ Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade Regional e Integrada do Alto Uruguai e das Missões - Erechim/RS. *E-mail:* 094507@aluno.uricer.edu.br

² Psicóloga, Doutora em Psicologia, Professora do Curso de Psicologia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - Câmpus de Erechim (URI). *E-mail:* marianamari@uricer.edu.br

RESUMO

As doenças cardíacas representam um desafio significativo para a saúde global, com um número crescente de pessoas afetadas a cada ano. Enquanto os fatores de risco tradicionais para essas doenças são bem conhecidos, uma área de investigação emergente está relacionada à influência dos fatores psicossomáticos, ou seja, a maneira pela qual as condições mentais e emocionais podem afetar a saúde física. Esta revisão integrativa da literatura tem como objetivo investigar a presença e a natureza dos fatores psicossomáticos em pacientes com doenças cardíacas, identificando quais são esses fatores e por que eles influenciam a condição cardíaca. A pesquisa é de natureza qualitativa e para obtenção dos artigos analisados nesse estudo, foram utilizadas as seguintes bases de dados: PubMed, Scielo e PsycINFO. Foram selecionados 13 artigos para análise e os resultados desta revisão integrativa mostraram que os fatores psicossomáticos desempenham um papel significativo nas doenças cardíacas. Ademais, a integração de cuidados médicos, psicológicos e sociais podem fornecer uma abordagem mais completa para o tratamento e prevenção dessas condições.

Palavras-chave: doenças cardíacas; medicina psicossomática; somatização; transtornos psicofisiológicos; saúde mental.

1. INTRODUÇÃO

As doenças cardiovasculares são o principal motivo de óbito no mundo: mais indivíduos vêm a óbito anualmente por essas doenças do que por qualquer outra causa. Estima-se que 17,9 milhões de pessoas morreram por doenças cardiovasculares em 2016, simbolizando 31% do total de óbitos em nível mundial. Destes óbitos, estima-se que 85% acontecem por causa de ataques cardíacos e acidentes vasculares cerebrais (AVCs) (OPAS-OMS, 2021).

Nesse sentido, o coração pode ser um foco de queixas frequentes, muitas vezes, dores ou complicações físicas, mas que representam características emocionais, pois, além de realizar a função da resposta real ao estresse psíquico, o coração também está associado a uma série de propriedades simbólicas e psicológicas, culturalmente ele representa o amor, qualidades e valores pessoais (Lamosa, 1990).

Pensando nisso, atualmente, a compreensão da saúde humana é uma tarefa complexa, uma vez que envolve o entendimento de diversos fatores. Doenças cardíacas, por exemplo, possuem causas físicas bem documentadas, como genética, fumo, hipertensão, diabetes, obesidade, entre outros. No entanto, uma crescente linha de pesquisa aponta para a existência de fatores psicossomáticos que poderiam influenciar o surgimento e o curso dessas doenças (Santos, 2005).

O termo psicossomática refere-se à somatização, um fenômeno em que sintomas físicos são causados ou agravados por fatores emocionais ou psicológicos. Nesse sentido, observa-se que as doenças psicossomáticas apresentam sintomas físicos reais, mas que não podem ser completamente explicados por uma condição médica orgânica, uso de substâncias ou outra doença mental (Araújo, 2010).

A doença cardíaca e os fatores psicossomáticos estão ligados de uma forma ou de outra. Muitas vezes, esses conflitos emocionais enfraquecem a resistência interna do indivíduo, ou seja, a capacidade de se defender diante da doença, criando condições para o aparecimento e/ou surgimento de doença orgânica. A doença afeta o indivíduo fisicamente e psicologicamente (Ruschel, 2001).

Dessa forma, as conexões entre estados emocionais desfavoráveis e o ataque cardíaco agudo, juntamente com a morte inesperada, são aspectos importantes a serem investigados. A associação das emoções com o físico se torna evidente quando discutimos o coração. Nesse sentido, pode-se pensar nas vezes em que sentiu o seu coração acelerar diante de circunstâncias emocionais, tanto alegres como estressantes e imprevisíveis (Ruschel, 2001).

Ademais, perante pacientes com constantes somatizações, muitas vezes os mesmos buscam esclarecer o problema a partir de justificativas racionais. Chiozza (1987) aponta o caso de pacientes com problemas cardíacos que, compulsivamente, buscam compreender a doença, somente racionalmente, não se permitindo, ou não conseguindo perceber os afetos latentes.

Por isso, na maioria dos casos, a necessidade de conscientizar sobre o processo de adoecer resulta no despertar de vários sentimentos difíceis de elaborar. Gera sentimento de impotência no paciente ao se deparar com o fato de sua saúde não estar mais completa, o que faz parte do processo de desenvolvimento de qualquer doença. No caso em que o paciente nega sua doença para sair do sofrimento desta forma, muito provavelmente não seguirá o tratamento conforme orientado, pois enfrentar o mesmo, o deixará deprimido e enfrentará alterações em sua saúde. Nesses casos, o esgotamento emocional do paciente envolve a ameaça de limitação física e a ameaça de morte (Ruschel, 2001).

A negação e o impacto são características comuns em pacientes cardiopatas. A doença cardíaca provoca medos e fantasias, e o fato de que o coração esteja ligado diretamente a função de sobrevivência, aparenta somar-se aos efeitos sofridos por esses indivíduos. A angústia provocada na situação de infarto elucida o uso da negação para apaziguá-la e diminuir a intensa carga emocional (Ruschel, 2001).

Dessa forma, a relevância de se investigar a interação entre a mente e o corpo na doença cardíaca é imensa. Compreender como os fatores psicossomáticos se desenvolvem e atuam no contexto das doenças cardíacas pode oferecer um panorama mais completo da saúde cardiovascular e, conseqüentemente, orientar abordagens terapêuticas mais eficazes.

Considerando o exposto, o objetivo deste estudo visa investigar a existência e natureza dos fatores psicossomáticos em pacientes com doenças cardíacas, buscando entender quais são esses fatores e por que influenciam a condição cardíaca, a partir de uma revisão integrativa da literatura.

2. MÉTODOS

A metodologia adotada para este estudo foi a revisão integrativa da literatura. Esta abordagem permite a inclusão de estudos com diferentes desenhos, oferecendo uma visão ampla do fenômeno em estudo. Além disso, a revisão integrativa é capaz de apresentar a aplicabilidade prática dos resultados de estudos, subsidiando a tomada de decisão e a melhoria da prática clínica. Segundo Whittemore e Knafl (2005), a revisão integrativa é um método que permite a combinação de dados de estudos experimentais e não experimentais, proporcionando uma compreensão mais completa do fenômeno em questão.

A pesquisa é de natureza qualitativa e para a obtenção dos artigos discutidos nesse estudo, foram utilizadas as seguintes bases de dados: PubMed, Scielo e PsycINFO, utilizando uma combinação de descritores para o tema em questão: "doenças cardíacas", "fatores psicossomáticos", "somatização" entre outras, conforme a Tabela 1. Foram incluídos livros, dissertações, teses e artigos em português e inglês que abordam a relação entre fatores psicossomáticos e doenças cardíacas. Os critérios de exclusão foram materiais que não estavam disponíveis na íntegra ou textos incompletos para download.

Não foi considerado como critério de inclusão ou exclusão o tempo em que os estudos foram realizados, já que o tema pesquisado possui poucos estudos publicados, conseqüentemente, para melhorar a análise não foi considerada a questão tempo de publicação.

Para o desenvolvimento do estudo em questão, foram realizadas quatro etapas, sendo elas: leitura de todos os títulos; leitura de resumos e palavras-chaves; leitura completa dos textos e a análise dos textos segundo os critérios de inclusão e exclusão.

Em suma, a escolha dos artigos procurou analisar os dados encontrados com o intuito de compreender o objetivo apresentado, de investigar a existência e a natureza dos fatores psicossomáticos em pacientes com doenças cardíacas, buscando entender quais são esses fatores, em quanto tempo se desenvolvem e por que influenciam a condição cardíaca, oportunizando uma sinopse dos resultados obtidos nos artigos elegidos, tornando possível uma maior compreensão e observação dos dados caracterizadores do objeto de estudo, previamente deliberado.

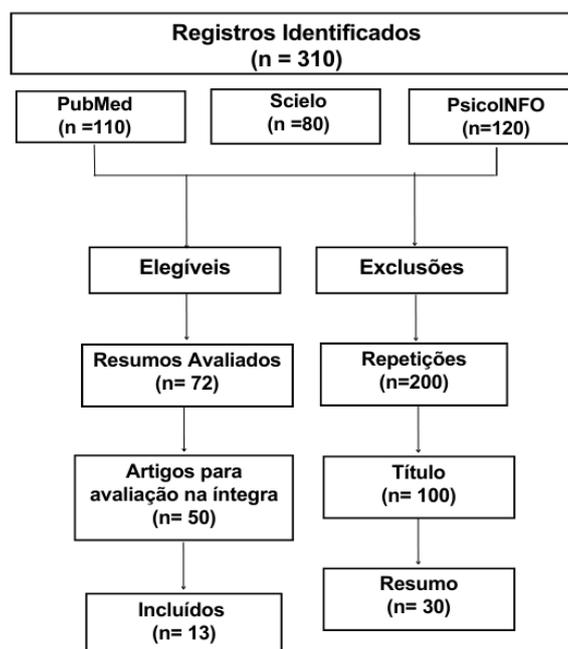
Tabela 1. Estratégia de busca com descritores combinados e operadores *booleanos*

| Base de Dados | Nº de Publicações encontradas | Descritores |
|---------------|-------------------------------|--|
| PubMed | 110 | "psychosomatic factors AND heart diseases" OR "stress OR anxiety OR depression" OR "somatization AND psychological interventions. |
| Scielo | 80 | "fatores psicossomáticos E doenças cardíacas" OU "estresse OU ansiedade OU depressão" OU "somatização E intervenções psicológicas" |
| PsycINFO | 120 | "psychosomatic factors AND heart diseases" OR "stress OR anxiety OR depression" OR "somatization AND psychological interventions. |

Fonte: a autora (2023)

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a seleção dos artigos, foi realizada uma análise de cada estudo incluído na revisão, conforme mostra a Figura 1.

Figura 1. Fluxograma de seleção dos artigos

Fonte: a autora (2023)

Os resultados obtidos a partir da extração de dados dos artigos selecionados foram sintetizados e apresentados de maneira clara e sistemática, conforme Tabela 2, permitindo a compreensão e a interpretação dos dados.

A síntese dos dados foi realizada de forma a responder à pergunta de pesquisa: Quais são os fatores psicossomáticos associados às doenças cardíacas, em quanto tempo se desenvolvem e por que influenciam a condição cardíaca dos pacientes? Bem como o objetivo do estudo.

Tabela 2. Características gerais dos artigos selecionados

| Título | Ano | Autores | Tipo de Estudo | Objetivo |
|---|------|-----------------------|-----------------------|--|
| Fatores psicossociais e doenças cardíacas: um estudo de revisão. | 2013 | Almeida <i>et al.</i> | Revisão de literatura | Investigar os fatores psicossociais associados às doenças cardíacas |
| The Illness Narratives: Suffering, Healing, And The Human Condition. | 1988 | Kleinman | Estudo qualitativo | Explorar a experiência de sofrimento e cura dos pacientes |
| Anxiety and Depressive Symptoms and Cardiac Health in the General Population: The Stanhope Heart Study. | 2018 | Davies <i>et al.</i> | Estudo de coorte | Investigar a associação entre sintomas de ansiedade e depressão e a saúde cardíaca na população em geral |
| A necessidade e um novo modelo médico: um desafio para a biomedicina. | 1977 | Engel | Ensaio Teórico | Propor um novo modelo médico que leve em consideração os aspectos biopsicossociais da saúde e |

| Título | Ano | Autores | Tipo de Estudo | Objetivo |
|--|------|------------------------|--|---|
| Cardiac rehabilitation participation and health-related quality of life after coronary artery bypass surgery. | 2009 | Fraser <i>et al.</i> | Estudo observacional | da doença Avaliar a participação na reabilitação cardíaca e a qualidade de vida relacionada à saúde após cirurgia de revascularização do miocárdio |
| Tensão no trabalho como fator de risco para doença coronariana: uma meta-análise colaborativa de dados de participantes individuais. | 2012 | Kivimäki <i>et al.</i> | Meta-análise de dados de participantes individuais | Realizar uma busca colaborativa de dados de participantes individuais para investigar o job strain como fator de risco para doença coronariana. |
| Efeitos do estresse no desenvolvimento e progressão da doença cardiovascular. | 2018 | Kivimäki e Steptoe | Revisão da literatura | Revisar o conhecimento atual sobre os efeitos do estresse no desenvolvimento e progressão de doenças cardiovasculares. |
| Somatização: o conceito e sua aplicação clínica. | 1988 | Lipowski | Análise conceitual | Explorar o conceito de somatização e sua aplicação clínica. |
| A influência dos fatores psicossomáticos no desenvolvimento de doenças cardíacas. | 2009 | Mello <i>et al.</i> | Estudo de revisão | Investigar a influência dos fatores psicossomáticos no desenvolvimento de doenças cardíacas. |
| Impacto dos fatores psicológicos na patogênese da doença cardiovascular e implicações para a terapia. | 1999 | Rozanski <i>et al.</i> | Revisão Sistemática | Investigar a influência de fatores psicológicos no desenvolvimento de doenças cardiovasculares e suas implicações para a terapia. |
| The epidemiology, pathophysiology, and management of psychosocial risk factors in cardiac practice: The emerging field of behavioral cardiology. | 2005 | Rozanski <i>et al.</i> | Revisão Sistemática | Revisar a epidemiologia, fisiopatologia e manejo de fatores de risco psicossociais na prática cardiológica. |
| Estresse e doenças cardiovasculares:atualização do conhecimento atual. | 2012 | Steptoe & Kivimäki | Revisão Sistemática | Revisar a relação entre estresse e doença cardiovascular. |

Fonte: a autora (2023)

Os resultados por meio da busca, elencados na Tabela 2, possibilitam observar que a maior parte dos artigos escolhidos se trata de artigos de revisão, o que expressa uma área escassa de estudos. Os achados

sugerem a necessidade de novos estudos sobre a ligação entre a psicossomática e a doença cardíaca. Para a discussão foram identificados alguns temas que serão apresentados a seguir.

Somatização

Para um entendimento completo da conexão entre a somatização e as doenças cardíacas, é primordial compreender os princípios básicos associados a cada conceito. Por isso, é interessante destacar que a somatização não é uma questão de fingir ou simular uma doença, ao invés disso, os sintomas são legítimos e podem provocar angústia e incapacidade consideráveis, mas não são totalmente explicados por uma enfermidade orgânica, uso de substâncias ou qualquer outro transtorno mental (APA, 2013).

Nesse contexto, a somatização surge como uma peça central na complexa interface entre a saúde mental e física. Em casos de doenças cardíacas, por exemplo, a angústia emocional pode manifestar-se como dor no peito, palpitações, fadiga, falta de ar - sintomas que são semelhantes aos da doença cardíaca, mas que não estão associados a uma patologia cardíaca orgânica (STEPTOE; Kivimäki, 2012).

Assim, a presença de somatização pode complicar o diagnóstico e o manejo de doenças cardíacas. Para pacientes que apresentam sintomas somáticos, o desafio está em discernir até que ponto esses sintomas refletem uma doença cardíaca subjacente e até que ponto eles são influenciados por fatores psicológicos. Isso requer uma abordagem integrada que leve em conta tanto a saúde física quanto a mental. Além disso, a somatização pode dificultar o diagnóstico precoce e o tratamento adequado (Steptoe; Kivimäki, 2012).

Manejo dos fatores psicossomáticos

Apesar desses desafios, existe uma crescente conscientização da relação entre a saúde mental e física e isso tem levado a avanços significativos no campo da cardiologia comportamental. Essa área emergente se concentra no estudo e manejo de fatores psicossociais que podem influenciar o desenvolvimento e a progressão de doenças cardíacas. Através de uma abordagem mais holística, os profissionais de saúde têm a oportunidade de desenvolver estratégias mais eficazes de prevenção e tratamento para doenças cardíacas, levando em consideração não apenas fatores de risco físicos, mas também fatores psicológicos e emocionais (Rozanski, Blumenthal, Davidson, Saab e Kubzansky, 2005).

Ademais, essa perspectiva integral, que abrange elementos físicos e psicológicos, fundamenta a abordagem biopsicossocial para a saúde. Esse modelo, sugerido por Engel em 1977, defende que o bem-estar e as enfermidades são consequências de uma interação complexa entre componentes biológicos, psicológicos e sociais.

A implementação deste paradigma nas enfermidades cardíacas significa que um cuidado eficiente dos pacientes requer um diagnóstico abrangente e uma intervenção que considere todos esses elementos. Por exemplo, na prevenção de enfermidades cardíacas, as estratégias precisam superar a administração de fatores de risco físicos convencionais, como pressão alta e altos níveis de colesterol (Kivimäki *et al.*, 2012; Roszanski *et al.*, 2005).

Fatores e respostas emocionais

Uma vez que a literatura acadêmica oferece indícios substanciais de que o estresse, tanto crônico quanto pontual, tem um papel significativo no surgimento de condições cardíacas. Tal ligação é relacionada a mecanismos biológicos, como a produção de hormônios induzidos pelo estresse, como o cortisol, que podem provocar prejuízos ao coração e aos vasos sanguíneos (Steptoe e Kivimäki, 2012)

Da mesma forma, um estudo teve como objetivo analisar o predomínio de estresse psicológico e seus principais motivos. Os participantes eram pacientes com doença arterial coronariana aguda (85 pacientes infartados e 45 pacientes com angina instável) em comparação com um grupo controle (102 pacientes com trauma agudo). O estudo constatou que, em diferentes estágios do ciclo de vida, os pacientes com doenças cardíacas relataram níveis significativamente mais altos de angústia, níveis mais altos de isolamento social, culpa e evitação e taxas mais altas de ocorrência de eventos angustiantes (Pignalberi *et al.*, 1998).

Além disso, outros estudos na literatura apontam que os transtornos de ansiedade e depressão também são aspectos psicossomáticos que estão frequentemente ligados às enfermidades do coração. Pesquisas têm revelado que a ocorrência de distúrbios ansiosos ou depressivos pode elevar as chances de surgimento de doenças cardíacas e podem ter efeitos negativos sobre os desfechos em pacientes que já foram diagnosticados com essas condições. Ademais, tais estados emocionais podem levar a hábitos prejudiciais à saúde, como tabagismo e consumo excessivo de álcool, os quais também são fatores de risco para doenças cardíacas (Davies *et al.*, 2018).

Visto o exposto, pensando na resposta emocional de um paciente que tem a informação da sua doença, estudos apontam que o processo natural é temer, fantasiar, negar e apresentar respostas relacionadas ao impacto emocional. Confrontar o sentimento de morte em um nível consciente e viver com fantasias e conteúdos conscientes e inconscientes que ameaçam a integridade do ego é terrivelmente doloroso em muitos casos. (Bowlby, 1990; Paiva, 1990).

Assim como, em casos em que o paciente se encontra doente ou incapaz, um sistema comportamental pode ser favorecido nesse momento, um movimento psíquico de regressão, que os faz sentir e agir de forma menos estruturada, que vem dos primeiros estágios de suas vidas. Nesse caso, tal movimento também é considerado natural, até mesmo esperado. Dessa forma, determinado grau de regressão ajuda o paciente a dispor-se a receber o tratamento necessário. Se isso não acontecer, pode ser difícil receber o tratamento recomendado, que pode incluir baixa hospitalar. (Bowlby, 1990; Paiva, 1990).

Tempo de desenvolvimento dos fatores psicossomáticos

Quando falamos sobre a formação dos fatores psicossomáticos, registros acadêmicos relatam que esses não ocorrem de maneira instantânea, mas sim através de um processo evolutivo que se desenvolve ao longo do tempo, podendo se estender por muitos anos antes que a doença cardíaca seja evidenciada. (Lipowski, 1988).

Dessa forma, torna-se importante destacar que a extensão do efeito psicossomático nas doenças cardíacas não segue uma linha reta, podendo oscilar conforme aspectos individuais, incluindo predisposições genéticas, contexto social e vivências pessoais, podendo ser intensificado por eventos estressantes. Por exemplo, a literatura indica que eventos traumáticos, como o falecimento de um ente querido, podem acelerar o impacto dos fatores psicossomáticos nas doenças cardíacas. Sendo assim, o intervalo necessário para que estresse crônico, ansiedade ou depressão resultem em complicações cardíacas pode variar expressivamente entre as pessoas (Kivimäki *et al.*, 2012; Roszanski *et al.*, 2005).

Características comuns de pacientes cardíacos

Pacientes ao desencadear uma crise de angina pectoris ou um infarto em um paciente com doença arterial coronariana, é comum identificar um evento presente na vida do sujeito. Nesse sentido, refere-se a doença ou falecimento de familiar, conflito conjugal, separação, declínio de prestígio e insatisfação pessoal ou profissional. Estudos apontam que se um indivíduo se depara com situações difíceis e estressantes sem conseguir resolvê-las, porque não está mentalmente preparado para os inevitáveis contratemplos e perdas que a vida lhe impõe, ele pode se sentir desvalorizado e ter uma baixa autoestima, tornando-se mais propenso a doenças cardíacas. Essa evidência foi combinada com a observação de que pessoas propensas ao infarto vivem em busca de gratificação. Nesses casos, o indivíduo terá uma predisposição orgânica ou quando se torna muito suscetível a fatores de risco, provavelmente desenvolverá doenças coronarianas e derrames (Bloch, 1981; Campos, 1992; Labbadia, Cury, 1991; Luchina, 1994; Oliveira, Sharovsky, Ismael 1995; Ruschel, 1999).

Entretanto, a doença coronariana varia de pessoa para pessoa, mas um sentimento básico que emerge é a ameaça de perda. Essa perda está ligada a diversos fatores, como: relações familiares, poder social e econômico, que podem gerar ansiedade, medo, culpa ou raiva no indivíduo dependendo de sua própria história e estilo de vida. Diante desses sentimentos, os coronarianos costumam adotar posturas como negar a doença, tornar-se irritável e agressivo, tornar-se deprimido, hipocondríaco ou aceitar e enfrentar a doença. Às vezes, a mesma pessoa assume diferentes comportamentos em momentos diferentes. Esses mesmos sentimentos também acontecem com os membros da família. (Campos, 1992).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho exposto pretendeu investigar os fatores psicossomáticos associados à doença cardíaca para compreender a complexa interação entre a mente e o corpo no desenvolvimento e progressão das doenças cardíacas, com implicações significativas para a prevenção e o tratamento dessas condições. Para isso, foi realizada uma revisão integrativa da literatura.

Para atingir uma compressão da existência e natureza dos fatores psicossomáticos em pacientes com doenças cardíacas, ao longo da revisão foram analisados alguns conceitos importantes, investigado o tempo de desenvolvimento e a influência desses fatores nesses pacientes.

A partir disso, a revisão trouxe que a interação entre fatores biológicos, psicológicos e sociais, é essencial para uma abordagem abrangente e eficaz no tratamento e prevenção das doenças cardíacas. Uma vez que, os estudos revisados sugerem que o estresse crônico, a ansiedade, a depressão e a somatização desempenham um papel relevante no desenvolvimento e progressão dessas doenças.

Outro ponto importante é que a identificação precoce e o manejo adequado dos fatores psicossomáticos podem ser fundamentais para a melhoria da saúde cardiovascular. Além disso, a influência dos fatores psicossomáticos foi discutida no contexto do tempo de desenvolvimento das doenças cardíacas. Pesquisas indicaram que essa influência é um processo contínuo ao longo do tempo, sendo afetada por fatores individuais e eventos estressantes. A duração do impacto psicossomático pode variar entre os indivíduos, destacando a importância de uma abordagem personalizada no cuidado dos pacientes.

É igualmente importante enfatizar a importância da colaboração entre profissionais de diferentes áreas, como cardiologistas, psicólogos e outros profissionais de saúde, para abordar de forma abrangente os fatores psicossomáticos nas doenças cardíacas. Além da colaboração, é essencial que estejam atentos a esses fatores e considerem sua influência no diagnóstico, tratamento e prevenção das doenças cardíacas. Nesse aspecto, a colaboração interdisciplinar promove a troca de conhecimentos, experiências e perspectivas, permitindo o desenvolvimento de abordagens inovadoras e personalizadas no cuidado das doenças cardíacas.

Entretanto, é importante reconhecer a necessidade de pesquisas adicionais para aprofundar nosso

conhecimento sobre alguns assuntos relevantes como o tempo de desenvolvimento desses fatores e seu impacto nas doenças cardíacas. Nesse sentido, estudos longitudinais e investigações mais aprofundadas são necessários para compreender melhor as interações complexas e identificar estratégias preventivas e terapêuticas mais eficazes.

Nesse aspecto, investigações mais aprofundadas são essenciais para examinar as interações complexas entre fatores biológicos, psicológicos e sociais, e como eles se influenciam mutuamente ao longo do tempo. Compreender os mecanismos subjacentes a essas interações ajudará a identificar estratégias preventivas e terapêuticas mais eficazes para mitigar o impacto dos fatores psicossomáticos nas doenças cardíacas.

Diante dos resultados obtidos, é possível concluir que os fatores psicossomáticos desempenham de fato um papel significativo nas doenças cardíacas. A interação entre os aspectos psicológicos, físicos e sociais influenciam o desenvolvimento, progressão e manejo dessas condições. Em suma, é de extrema importância considerar os aspectos psicológicos e sociais no cuidado das doenças cardíacas, juntamente com os fatores de risco físicos tradicionais, para que assim, o paciente seja olhado além da sua doença. Espera-se que essa revisão contribua para a ampliação do conhecimento acerca desse assunto e para o aperfeiçoamento dos cuidados oferecidos aos pacientes somáticos cardíacos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. M.; LOPES, D.; LOUREIRO, A. Fatores psicossociais e doenças cardíacas: um estudo de revisão. **Psicologia, Saúde & Doenças**, v. 14, n. 1, p. 117-131, 2013.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders**. 5. ed. Arlington, VA: American Psychiatric Publishing, 2013.

APPELS, A. Depression and Coronary Heart Disease: Observation and Questions. **Journal of Psychosomatic – Research**, v.43, n.5, p. 443-452, nov 1997.

ARAÚJO, M. F. **Psicossomática hoje**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

BESTETTI, C., TEIXEIRA, W., MANFRÓI, W. Influência dos Aspectos Psicológicos na Recuperação do Paciente com Infarto Agudo do Miocárdio. **Revista do HCPA**, v.15, n.1, p. 105- 108, jun, 1985.

BLOCH, A. A Psicologia do Doente Coronariano. **Documento Roche**, n. 16, p.83-96, abril, 1981.

BOOTH, A.; SUTTON, A.; PAPAIOANNOU, D. **Abordagens sistemáticas para uma revisão de literatura bem-sucedida**. London: Sage, 2016.

KLEINMAN, A. **The Illness Narratives: Suffering, Healing, And The Human Condition**. Basic Books, 1988.

BOWLBY, J. **Attachment and loss: Loss, sadness and depression**. New York: Basic Books, v.3, 1980. 321 p.

CAMPOS, E. P. Aspectos Psicossomáticos em Cardiologia. In: MELLO FILHO, J. **Psicossomática Hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992. p. 234-58.

CHIOZZA, L. *et al.* **Os Afetos Ocultos em São Paulo**: Casa do Psicólogo, 1997. 266 p.

DAVIES, S.J.C.; GHOSHARI, S.; WEISS, R.D.; GREENFIELD, S.F.; BRADIZONI, R. Anxiety and Depressive Symptoms and Cardiac Health in the General Population: The Stanhope Heart Study. **Psychosomatic Medicine**, v.80, n.6, p.541-547, 2018.

DAVIES, S. J. C., GHIUO, P., BARRETT, B., HINE, R., CASSIDY, E. L., ARDEN-MAULE, D., & RADCLIFFE, E. Cognitive behavioural therapy-based intervention to reduce fear of falling in older people: therapy development and randomised controlled trial - the Strategies for Increasing Independence, Confidence and Energy (STRIDE) study. **Health technology assessment** (Winchester, England), 22(37), 1-206, 2018.

DAVIES, S. J. C. *et al.* Eficácia da terapia cognitivo-comportamental para transtorno de ansiedade generalizada em adultos mais velhos: revisão sistemática, meta-análise e meta-regressão. **The American Journal of Geriatric Psychiatry**, 26(12), 1249-1257, 2018.

ENGEL, G. L. A necessidade de um novo modelo médico: um desafio para a biomedicina. **Science**, v.196, n.4286, p.129-136, 1977.

FRASER, S.E.; ANTONIAK, K.; CAUCH-DUDEK, K.J.; KUK, J.L. Cardiac rehabilitation participation and health-related quality of life after coronary artery bypass surgery. **Journal of Cardiopulmonary Rehabilitation and Prevention**, 29(1), 40-47, 2009.

FRASER, G.; ANTONIAK, M.; CAUCH-DUDEK, K.; KUK, J. The effect of combining cognitive-behavioral therapy and medication for mood and anxiety disorders: an updated systematic review and meta-analysis. **The Canadian Journal of Psychiatry**, v.54, n.9, p.589-599, 2009.

GOLEMAN, D. **Inteligência Emocional**. Trad. Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995. 375 p.

GROSSMAN, P.; NIEMANN, L.; SCHMIDT, S.; WALACH, H. GROSSMAN, P.; NIEMANN, L.; SCHMIDT, S.; WALACH, H. Redução do estresse baseada em mindfulness e benefícios para a saúde: **Uma metanálise**. **Journal of Psychosomatic Research**, 57 (1), 35-43, 2004.

KIVIMÄKI, M. *et al.* **Tensão no trabalho como fator de risco para doença coronariana**: uma meta-análise colaborativa de dados de participantes individuais. *The Lancet*, 380(9852), 1491-1497, 2012.

KIVIMÄKI, M.; STEPTOE, A. **Efeitos do estresse no desenvolvimento e progressão da doença cardiovascular**. *Nature Reviews Cardiology*, v.15, p.215-229, 2018.

KLEINMAN, A. **The Illness Narratives**: Suffering, Healing, And The Human Condition. Basic Books, 1988.

LABBADIA, E.; CURY, S. I. O Aspecto Emocional como Fator Importante à Ocorrência do Infarto Agudo do Miocárdio: Estudo Preliminar. **Revista Atualização Cardiológica – SOCESP**, n.2, p.58, 1991.

LAMOSA, B. W. R. **Psicologia Aplicada à Cardiologia**. São Paulo: BYK, p.124, 1990.

LIPOWSKI, Z. J. Somatização: o conceito e sua aplicação clínica. **The American Journal of Psychiatry**, v. 145, n. 11, p. 1358-1368, 1988.

LUCHINA, I. La angustia de Muerte en el Infarto del Miocardio sua implicaciones Clínicas, Psicológicas y Psiquiátricas. *In*: PAIVA, L. M.. **Medicina Psicossomática**. São Paulo: Artes Médicas, 1994. p. 595-625

MELLO, M.; MELLO, A. A.; PASSEGGI, L.; MIRANDA-NETO, M. **A influência dos fatores psicossomáticos no desenvolvimento de doenças cardíacas**. *Revista Brasileira de Ciências da Saúde*, v. 13, n. 3, p. 71-76, 2009.

MELLO FILHO, Julio; BURD, Miriam. **Psicossomática hoje**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

MOHER, D.; LIBERATI, A.; TETZLAFF, J.; ALTMAN, D. G. Itens de relatório preferidos para revisões sistemáticas e meta-análises: a declaração PRISMA. **PLoS Med**, v. 6, n. 7, p. e1000097, 2009.

OLIVEIRA, M.F.P.; SHAROVSKY, L.; ISMAEL, S.C. Aspectos Emocionais no paciente coronariano. In: OLIVEIRA, M.F.P.; ISMAEL, S.C.. **Rumos da Psicologia Hospitalar em Cardiologia**. Campinas, SP: Papyrus, 1995, p.185-198

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. (OMS). **Doenças cardiovasculares (CVDs)**. 2021

POCHARD, F., BELLIVIER, F., FAESSEL, A.I., SQUARA, P. Troubles anxieux et deprimés dans les pathologies cardiovasculaires. **Encephale**, v. 23, n.6, p.412-419, nov-dec, 1997.

PAIVA, L.M. **Medicina Psicossomática**. Porto Alegre: Artes Médicas, p. 650, 1996.

PAIVA, L. Movimento Psíquico da Regressão no Adoecer. **Revista da Sociedade de Cardiologia do Estado de São Paulo**, n.4, p. 14, 1990.

PIGNALBERI, C., PATTI, G., CHIMENTI, C., *et al.* Role of different determinants of psychological distress in acute coronary syndromes. **Journal American College Cardiology**, v.32, 1998. p. 613-619.

ROZANSKI, A.; BLUMENTHAL, J.A.; KAPLAN, J. Impacto dos fatores psicológicos na patogênese da doença cardiovascular e implicações para a terapia. **Circulation**, v.99, p.2192-2217, 1999.

ROZANSKI, A.; BLUMENTHAL, J. A.; DAVIDSON, K. W.; SAAB, P. G.; KUBZANSKY, L. The epidemiology, pathophysiology, and management of psychosocial risk factors in cardiac practice: The emerging field of behavioral cardiology. **Journal of the American College of Cardiology**, v. 45, n. 5, p. 637-651, 2005.

RUSCHEL, Patricia Pereira. **Quando o luto adoce o coração...: luto não-elaborado e infarto**. Pontifícia Universidade Católica do RS, Faculdade de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Mestrado em Psicologia Clínica, Porto Alegre, 2001.

SANDOVAL, X.L. Aspectos psiquiátricos de la enfermedad coronaria y del infarto al miocardio/Psychiatric aspects of coronary illness and myocardial infarct. **Salud ment**, v.20, n.4, p. 8-15, oct-dez, 1997.

SANTOS, F. S. **Dos sintomas psicossomáticos à doença psicossomática**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

STEPTOE, A.; KIVIMÄKI, M. Estresse e doenças cardiovasculares: atualização do conhecimento atual. **Annual review of public health**, v. 33, p. 337-354, 2012.

WHITTEMORE, R.; KNAFL, K. A revisão integrativa: metodologia atualizada. **Journal of advanced nursing**, v. 52, n. 5, p. 546-553, 2005.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Doenças cardiovasculares (CVDs)**. 2020.

ALTERAÇÃO DE HORÁRIOS DA JORNADA DE TRABALHO: UM ESTUDO DE CASO SOBRE A PERCEPÇÃO DOS TRABALHADORES

Gabrielle Richwicki¹; Leticia Ribeiro Souto Pinheiro²

¹ Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade Regional e Integrada do Alto Uruguai e das Missões - Erechim/RS. *E-mail*: 095198@aluno.uricer.edu.br

² Psicóloga, Doutora em Psicologia, Professora do Curso de Psicologia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - Câmpus de Erechim (URI). *E-mail*: leticiapinheiro@uricer.edu.br

RESUMO

A jornada de trabalho é o período estabelecido em uma relação de trabalho, ou seja, é o tempo em que o funcionário exercerá sua função à disposição do empregador. A alteração do horário da jornada é pré-estabelecida a partir da Consolidação das Leis do Trabalho, e esta passou por alterações ao longo dos anos. O objetivo deste estudo foi analisar os impactos da alteração dos horários da jornada de trabalho na percepção dos trabalhadores de uma determinada empresa, bem como entender a adaptação à mudança, o impacto na qualidade de vida e a produtividade no trabalho. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, no qual foram entrevistados 15 funcionários que acompanharam a alteração dos horários da jornada de trabalho da empresa. Para a coleta de dados aplicou-se um questionário semiestruturado que abordou questões correspondentes aos objetivos do estudo. A partir da análise de conteúdo, os resultados sugerem que, apesar da redução no tempo de intervalo dos participantes, estes destacaram impacto positivo após a alteração, refletindo em maior qualidade de vida, satisfação, tempo de descanso e, conseqüentemente, qualidade de vida.

Palavras-chave: jornada de trabalho; produtividade; qualidade de vida.

1. INTRODUÇÃO

Linden (2012) aponta que a história do trabalho teve início na medida em que o capitalismo avançou e a necessidade de registro histórico se deu a partir das transformações sociais que o mundo vivenciou desde o início dos séculos passados. Em seus manuscritos (Linden, 2012), o autor faz a distinção entre a “velha” e a “nova” história do trabalho. A “velha” história era considerada institucional, focada na descrição organizacional de desenvolvimentos, debates políticos, líderes e greves, já a “nova” história traz aspectos de mudança de intelecto, na qual não apenas muda-se os processos de trabalho, mas também relações de percepção a respeito de assuntos como sexualidade, gênero, raça e etnia, por exemplo, buscando assim contextualizar de vez as lutas dos trabalhadores.

Desta forma, é possível pensarmos nos diferentes modelos de trabalho que surgiram nos últimos anos. Segundo Delgado (2008) o Direito do Trabalho possui quatro fases principais de evolução, sendo estas: formação, intensificação, consolidação e autonomia. Entende-se que do ano de 1802 a 1848, a fase da formação teve início no Peel's Act, tratando basicamente de normas protetivas para menores. Entre 1848 e 1890, a fase de intensificação teve como marco principal a instauração da liberdade de associação e a criação do Ministério do Trabalho, influenciados pela publicação do Manifesto Comunista de Karl Marx (1848). Já a fase de consolidação se sucedeu entre os anos de 1890 e 1919, com a Conferência de Berlim (1890), que reconheceu uma série de direitos trabalhistas. A quarta, e última fase, conhecida como a da autonomia, teve início no ano de 1919 se estendendo até as décadas posteriores do século XX. Nesta, podemos citar a criação

da Organização Internacional do Trabalho (1919), a criação das Constituições do México (1917) e da Alemanha (1919).

Importante destacar que, na medida em que os diferentes moldes de trabalho foram surgindo, a jornada de trabalho também foi passando por alterações. Segundo Krein e Oliveira (2019,) a jornada de trabalho é objeto de disputa histórica entre capital e trabalho, fator este que revela sua veracidade na medida em que de um lado temos a empresa que fatura com a intensidade do tempo dedicado ao trabalho por parte do empregado e, de outro lado, temos as condições de vida do trabalhador.

É por isto que, deste modo, mudanças na jornada de trabalho foram e seguem sendo papel de destaque e discussões ao longo da história. A atual Constituição do Brasil, consolidada no ano de 1988, é considerada um dos marcos no processo da história pois esta implementou a diminuição da jornada de trabalho (Brasil, 1988). No artigo 7º desta mesma Constituição, destaca-se a alteração no número total de horas semanais trabalhadas, a mudança estabeleceu que, ao invés de 48 horas semanais, fixa-se o total de 44 horas semanais, sendo oito horas diárias. O artigo estabelece também que, o máximo de horas extras diárias não pode exceder duas horas e, a remuneração destas deve ser de, no mínimo, 50% do valor da hora normal.

Visto as reformulações nas estruturas de trabalho ao longo dos anos, cada vez mais passou-se a considerar o termo Qualidade de Vida no Trabalho (QVT) e o modo como este está diretamente ligado à saúde do trabalhador. A Organização Mundial de Saúde (OMS, 2011), define Qualidade de Vida como a forma de uma pessoa enxergar sua posição na vida, levando em consideração a cultura, sistema de valores, metas, expectativas, padrões e preocupações pessoais.

Santos (2008) relata que o termo QVT passou a ser utilizado após a Segunda Guerra Mundial, nos Estados Unidos, de modo que, as significações deste, também passaram por mudanças ao longo dos tempos. De início, o bem estar estava relacionado a sensações imediatas tais como, a conquista de casa própria, por exemplo. Nos dias atuais, autores como Vilas boas e Morin (2017) referem o termo levando em consideração uma ampla gama de fatores tais como bem estar psicológico, comprometimento organizacional, equilíbrio no trabalho e na vida privada.

Chiavenato (2006), destaca a qualidade de vida como um fator que influencia as atitudes pessoais e os comportamentos essenciais para a eficiência, incluindo a motivação no trabalho, a capacidade de adaptação e a flexibilidade diante das alterações no ambiente laboral. Deste modo, é importante considerar que a integração de ações educativas que levem em consideração o conceito qualidade de vida do trabalhador, estão diretamente ligadas à motivação e ao impacto nas atividades por este exercidas, fatores cada vez mais discutidos nas organizações.

Levando em consideração o atual modelo de trabalho, o presente estudo teve por objetivo entender quais os impactos da alteração dos horários da jornada de trabalho na percepção dos trabalhadores de uma determinada empresa, bem como fazer uma análise sobre como ocorreu a adaptação destes com a mudança, analisando a qualidade de vida e a produtividade.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de um estudo com delineamento qualitativo, o qual segundo Gunther (2006), se refere a uma ciência respaldada em textos, ou seja, a partir da coleta de dados, textos são produzidos e interpretados hermeneuticamente através de diferentes técnicas analíticas. Baseia-se também de um estudo descritivo-explicativo e transversal, pois estes foram coletados de uma única vez com cada participante.

Participaram desta pesquisa 15 profissionais que experienciaram uma mudança de horários da jornada de trabalho de uma empresa do segmento mobiliário atuante no mercado há mais de 30 anos. Esta

empresa possui 250 funcionários e está localizada na região norte do Rio Grande do Sul. Sobre o turno de trabalho, a empresa segue o modelo proposto pela Constituição de 1988, na qual, o trabalhador não deve ultrapassar o total de 44 horas semanais. Até o primeiro semestre do ano de 2021, os trabalhadores da empresa em questão trabalhavam de segunda-feira à sexta-feira das 07:00h às 11:30h e das 13:30h às 17:48h. A partir de uma pesquisa que tinha por objetivo entender a necessidade e interesse dos funcionários acerca da implementação de um refeitório local, foi possível identificar que, devido ao elevado número de trabalhadores, tal realização implicaria no escalonamento de horários de intervalo para o almoço. Diante do esclarecimento de tais questões, foi possível verificar o interesse dos mesmos pela alteração do horário da jornada de trabalho. Atendendo à solicitação, a gestão elaborou uma votação na qual, os funcionários puderam optar se gostariam ou não da efetiva mudança do horário de trabalho. A partir dos resultados positivos a empresa realizou a implantação do refeitório, bem como a alteração do horário laboral. A partir do segundo semestre do ano de 2021, foi instalado o refeitório e estabelecido o novo horário de trabalho que passou a ser de segunda-feira à quinta-feira das 06:55h às 11:30h e das 12:30h às 17:47h e, na sexta-feira os colaboradores exercem suas funções, apenas no período da manhã, no horário das 06:55h até às 11:27h.

Os critérios de inclusão do estudo foram ter idade igual ou superior a 20 anos, ser brasileiro(a), estar trabalhando em qualquer setor da empresa há pelo menos dois anos e ter acompanhado a alteração de horários da jornada de trabalho. Os participantes foram convidados, através do método por conveniência, o qual segundo Cozby (2003), o pesquisador seleciona-os pela facilidade de acesso.

Para a coleta de dados foi utilizada uma entrevista semiestruturada em profundidade, elaborada pela pesquisadora, com questões que buscavam investigar fatores como adaptação dos trabalhadores à mudança dos horários e o impacto na qualidade de vida. A análise dos dados foi realizada por meio da Análise de Conteúdo (Bardin, 2010). Primeiramente foi realizada uma pré-análise dos dados obtidos através da leitura do material coletado e a organização dos mesmos. A partir disso, elaborou-se hipóteses que direcionaram para a criação de categorias e, em seguida, foi feita a codificação destas que consiste em um processo no qual os dados brutos obtidos são transformados sistematicamente e agrupados em unidades. Por fim, o texto bruto foi classificado de acordo com as categorias.

O presente estudo atendeu aos pressupostos da Resolução nº 466, de 12 de Dezembro de 2012 e da Resolução nº 510/2016, as quais regulamentam as pesquisas com seres humanos e a pesquisa na área das Ciências Humanas e Sociais. A coleta de dados foi iniciada somente após a aprovação do Comitê de Ética em pesquisa da URI – Câmpus de Erechim, com parecer favorável ao registro CAAE: 64689922.2.0000.5351.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram desta pesquisa 15 funcionários da empresa em questão que acompanharam a alteração dos horários da jornada de trabalho, de ambos os sexos, com idades entre 20 e 62 anos. Apresenta-se no Quadro 1 a caracterização dos participantes de acordo com os dados sociodemográficos.

Quadro 1. Caracterização dos participantes

| PARTICIPANTE | SEXO | IDADE | SETOR | FUNÇÃO | ESCOLARIDADE | TEMPO DE EMPRESA |
|--------------|-----------|---------|--------------------|--|-------------------------------|-------------------|
| P1 | Feminino | 20 anos | Recursos Humanos | Assistente de Recursos Humanos | Ensino Superior Incompleto | 2 anos e 4 meses |
| P2 | Masculino | 62 anos | Injeção Plástica | Operador de Máquinas de Injeção Plástica | Ensino Fundamental Completo | 3 anos e 9 meses |
| P3 | Feminino | 29 anos | Conformação | Analista de Conformação | Técnico em Administração | 2 anos e 4 meses |
| P4 | Masculino | 30 anos | Conformação | Operador de Máquinas de Conformação | Ensino Médio Completo | 3 anos e 11 meses |
| P5 | Masculino | 33 anos | Solda | Soldador | Ensino Superior Incompleto | 12 anos e 1 mês |
| P6 | Masculino | 25 anos | Almoxarifado | Líder de Almoxarifado | Ensino Superior Completo | 2 anos e 11 meses |
| P7 | Masculino | 22 anos | Pintura | Conferente de Produção de Pintura | Pós Graduação Completa | 2 anos e 4 meses |
| P8 | Feminino | 42 anos | Conformação | Operador de Máquinas de Conformação | Ensino Médio Completo | 9 anos e 5 meses |
| P9 | Feminino | 31 anos | Marketing | Líder de Marketing | Ensino Superior Completo | 3 anos e 1 mês |
| P10 | Masculino | 21 anos | Engenharia | Projetista | Ensino Superior Incompleto | 5 anos e 1 mês |
| P11 | Masculino | 28 anos | Custos | Coordenador de Custos | Ensino Superior Completo | 5 anos e 2 meses |
| P12 | Feminino | 27 anos | Montagem Embalagem | Montador de Componentes | Ensino Médio Completo | 2 anos e 6 meses |
| P13 | Masculino | 30 anos | Comercial | Supervisor Comercial | Pós Graduação Completa | 7 anos e 2 meses |
| P14 | Feminino | 42 anos | Pintura | Operador de Monovia | Ensino Fundamental Incompleto | 6 anos e 1 mês |
| P15 | Feminino | 32 anos | Comercial | Analista de Operações Comerciais | Ensino Superior Incompleto | 3 anos e 2 meses |

Fonte: Autora (2023)

Os resultados obtidos através da pesquisa foram organizados em categorias e subcategorias, conforme a metodologia da análise dos dados (Quadro 2).

Quadro 2. Categorias e subcategorias

| CATEGORIAS | SUBCATEGORIAS |
|-----------------------|--|
| Impactos da alteração | Reorganização do tempo Adequação ao tempo de intervalo Comunicação |
| Produtividade | Aumento do rendimento Sem variação de rendimento |
| Qualidade de vida | Satisfação Descanso Tempo com a família Praticidade |

Fonte: Autora (2023)

Impactos da alteração

Motta (1999) descreve que um dos objetivos da estrutura organizacional está justamente no sentido de estabelecer um projeto capaz de modificar e adaptar a empresa às rápidas mudanças que acompanham a sociedade atual. Diante disso, nesta categoria são apresentados todos os aspectos que, segundo os participantes, de alguma maneira foram resultantes da alteração da jornada de trabalho e que geraram impacto na rotina e na estrutura organizacional.

Reorganização do tempo

Coelho, Silva e Moreira (2017) expõem que a adaptação do profissional traz ganhos para a empresa, como impactos positivos na produção e também há ganhos para o colaborador, como o bem-estar e a organização da dinâmica de vida. De acordo com os participantes, pode-se observar que, logo após a alteração, a rotina dos mesmos foi modificada, implicando na necessidade de reorganização do tempo deles quanto à nova jornada de trabalho.

"[...] fica quatro dias da semana bem corrido né mas depois bem melhor." (P2)

"[...] foi um processo um pouco demoradinho pro pessoal se adaptar e entender que realmente a gente faria algumas horas extras durante a semana." (P1)

"[...] às vezes ficar na sexta de tarde parece que a gente trabalhou um dia a mais de tanto que acostumou." (P5)

Adequação ao tempo de intervalo

Destaca-se os impactos das mudanças realizadas no horário de intervalo do meio-dia dos participantes, o qual tiveram a redução para uma hora de descanso e que, exigiu destes, adaptação. Posser, Berni e Traesel (2016) completam que, em sua maioria os colaboradores se adaptam aos moldes de trabalho, seja pelo tempo de serviço, pela necessidade, flexibilidade ou pela valorização e reconhecimento.

"[...] o deslocamento pra ir pra casa almoçar e voltar era muito ruim por causa do trânsito

então almoçar aqui na empresa foi muito bom.” (P6)
“[...] acho que uma hora de intervalo é suficiente pra me alimentar e descansar.” (P9)
“[...] antes tu tinha que ir pra casa, fazer almoço e não dava uma hora de intervalo porque ter que fazer almoço, limpar e com o trânsito tu ficava uns 25 minutos em casa só, voltava e agora tem mais tempo ainda, por mais que é metade do tempo, tem mais tempo.” (P11)
“[...] a gente tinha uma jornada extensiva ao meio-dia, a gente ficava das 11:30 até às 13:30 então eram duas horas que às vezes tu acabava nem aproveitando direito.” (P13)
“[...] chegava em casa meio dia e dez e logo mais já tinha que sair, então facilitou.” (P14)

Comunicação

Devesa (2016) afirma que uma boa comunicação dentro de uma empresa é capaz de resolver e prevenir conflitos, aumentando a satisfação e as relações com os outros que, por sua vez, aumenta a produtividade. Deste modo, essa subcategoria retrata como a alteração dos horários foi transmitida aos participantes e em como estes foram informados e preparados sobre a mudança.

“[...] foi avisado bem antes sobre a mudança (...)” (P5)
“Foi conduzida com muita clareza, informada pelo rh que a partir de tal dia iria ter a mudança (...)” (P6)
“[...] foi bem dividido questão dos horários, questão dos setores e tudo mais” (P7)
“[...] foi feita uma divisão de horários para que os setores não entrem em conflito tanto com relação à produção, trabalho em si, tanto com relação ao espaço que é importante para que as pessoas consigam transitar [...]” (P9)
“[...] a forma como foi tratado também não gerou dúvida.” (P13)
“[...] o dono já havia falado que a ideia dele era mudar o horário de trabalho pra não trabalhar na sexta a tarde.” (P5)

Produtividade

Macedo (2012) trata a produtividade como uma medida de eficiência do processo de produção de uma empresa. Esta medida pode ser visualizada a partir de alguns mecanismos tais como, o uso de tecnologias que possibilitam avaliar o índice de produtividade de determinado indivíduo ou então, a percepção subjetiva de cada trabalhador sobre sua própria eficácia e rendimento na função que desempenha (Galeano e Wanderley, 2022). Essa categoria apresenta aspectos que dizem respeito à questão da produtividade dos funcionários e se esta foi ou não afetada mediante a alteração dos horários da jornada de trabalho.

Aumento do rendimento

Laruccia, Matias e Passos (2015) referem que cada vez mais as empresas estão descobrindo que para se obter a capacidade produtiva máxima de cada indivíduo, estes precisam estar motivados e esta questão envolve fatores como mudanças, bem estar social, emocional e profissional. Diante disso, nesta subcategoria, são apresentados relatos que sugerem aumento da produtividade dos funcionários tendo em vista a alteração dos horários da jornada de trabalho

“ [...] realmente a minha produtividade aumentou muito [...]” (P1)
“ [...] me tornei mais produtiva.” (P3)
“ [...] eu acho que rende mais, tu produz mais na verdade [...]” (P5)

“A gente acaba produzindo mais até porque a gente sabe que na sexta tu vai ter só aquele meio expediente então tu não pode deixar demandas pra depois então o fluxo acaba melhorando, tu tem um ritmo, vamos dizer assim.” (P9)

Sem variação de rendimento

Por outro lado, evidencia-se que alguns participantes não perceberam impacto algum em seu nível de produtividade após a mudança da jornada de trabalho. Hougaard e Carter (2020) destacam que manter uma constância no ritmo de trabalho também fala a respeito da produtividade do funcionário e do modo como o ambiente de trabalho se encontra.

“Pra mim manteve” (P7)

“Acho que manteve o mesmo ritmo.” (P12)

“Manteve porque a gente seguia numa linha de trabalho [...]” (P13)

Qualidade de vida

Kanten e Sadullah (2012) destacam que, do ponto de vista organizacional, a qualidade de vida do colaborador engloba uma série de estratégias e procedimentos no local de trabalho. Essas iniciativas têm como objetivo melhorar as condições de trabalho dos colaboradores visando aumentar e sustentar sua satisfação tanto no trabalho quanto na vida de maneira geral. Diante disso, a qualidade de vida, de acordo com o relato dos participantes, faz-se presente e abrange diferentes âmbitos como satisfação, descanso, tempo com a família, praticidade, ou então, demais atividades que corroboram positivamente com a vivência dos funcionários.

Satisfação

A satisfação no trabalho pode variar desde um sentimento positivo que um indivíduo experimenta ao realizar um trabalho que lhe interessa, até uma avaliação mensurável sobre a qualidade e o valor percebido do próprio trabalho (Salessi e Omar, 2016). Neste contexto, os participantes da pesquisa relatam o quanto a alteração do horário da jornada de trabalho impactou positivamente refletindo no nível de satisfação dos mesmos com a empresa.

“[...] quando veio a primeira sexta-feira compensada foi muito satisfatório.” (P1)

“[...] não troco a empresa por muitos fatores mas este é um bem forte.” (P3)

“[...] dono sempre falava pra nós que o sonho dele era mudar o horário e fazer a gente folgar na sexta de tarde [...]” (P8)

Descanso

De acordo com Sabino (2012), o direito à desconexão é fundamental para preservar a saúde, o bem-estar social e a dignidade humana dos funcionários. Esse direito é expresso através do exercício de outro direito social fundamental, o direito ao lazer. A fala dos participantes permitiu observar que a alteração de horário da jornada de trabalho teve impacto positivo na vida dos participantes, abrangendo também aspectos relacionados ao tempo de descanso dos mesmos.

“[...] é um dia de descanso que a gente tem a mais.” (P1)

“Hoje eu posso descansar mais [...]” (P5)

“[...] na sexta tu tenta adiantar o que der pra daí ter mais descanso no final de semana.” (P8)

Tempo com a família

Gomes (2011) compreende o lazer como uma necessidade essencial e uma faceta cultural que engloba diversas práticas sociais experimentadas pelos indivíduos. Os participantes da pesquisa referem o tempo com a família como uma atividade de lazer que a alteração de horários permitiu.

“[...] eu posso aproveitar muito mais com minha família [...]” (P1)

“[...] hoje minha mãe mora em outra cidade, eu só tenho ela, então eu sei que ela não vai durar muito tempo ainda, já é idosa então eu posso também ter um tempo a mais com ela.” (P6)

“[...] É tempo de descanso com a família.” (P6)

“É ter mais tempo de lazer com a família.” (P14)

Praticidade

Esta subcategoria diz respeito, em como, a partir da mudança, os funcionários puderam equilibrar e organizar melhor seu tempo. Sette e Bonho (2020) falam a respeito da gestão do tempo e em como este assunto está atrelado a praticidade e qualidade de vida dos colaboradores. É preciso que a vida pessoal e o trabalho encontrem o equilíbrio para que assim, possam fluir adequadamente.

“[...] não tem aquela correria de ter que ir pra casa fazer almoço[...]” (P3)

“[...] perante o transporte a gente chegava em casa e teria 40 minutos, 50 minutos, no máximo então aqui tem mais comodidade.” (P4)

“[...] tem mais tempo para resolver as coisas que precisa.” (P4)

“[...] consigo fazer bastante coisas extras, organizar bastante coisas.” (P7)

“[...] antes até pra ir no banco ou em alguma consulta rotineira.” (P6)

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou analisar os impactos da alteração da jornada dos horários de trabalho na percepção dos trabalhadores. Ainda, teve como objetivo, identificar como se deu a adaptação dos trabalhadores à nova rotina de trabalho e o impacto na qualidade de vida e na produtividade. Os resultados permitiram observar impactos positivos referentes a qualidade de vida, bem como em relação a produtividade, o que corrobora com os interesses tanto do empregador quanto do empregado.

Conclui-se que, apesar da alteração do horário da jornada de trabalho ter reduzido o tempo de intervalo dos participantes, estes referem vantagens que vão ao encontro de uma melhora na qualidade de vida dos mesmos. No âmbito profissional, os participantes destacaram maior satisfação com a empresa. Já no contexto pessoal, foi observada uma maior organização do tempo, destacando melhorias no período de descanso, na convivência familiar e na praticidade, tendo em vista o horário livre que estes possuem na sexta-feira à tarde.

Enfatiza-se que a mudança de horário, para os participantes, foi bem-sucedida e tranquila, tendo em vista o relato sobre como foi feita a comunicação e adaptação. Com a implantação de um novo horário de

trabalho, o que fez com que o tempo de intervalo diminuísse, a empresa adotou procedimentos como a implantação de um refeitório local, a fim de auxiliar na praticidade de seus funcionários. Com isso, a oferta de alimentação sem deslocamento foi favorável para a execução e adaptação do trabalho na nova jornada.

Todavia, algumas limitações deste estudo impedem de ampliar ainda mais suas contribuições. Uma limitação diz respeito ao caráter transversal e descritivo dos dados coletados e apresentados, que permitem apenas conhecer a realidade de uma instituição privada e composta somente por alguns trabalhadores. Desse modo, sugere-se a realização de estudos que possibilitem maior aprofundamento nas questões levantadas e na generalização dos resultados. Associar ainda, aspectos individuais com variáveis laborais, culturais, sociais e biológicas pode apontar resultados importantes sobre os impactos da mudança na vida dos funcionários.

Por fim, os resultados observados se somam aos obtidos por demais estudos (Whelan-Berry *et al.*, 2003) que evidenciam a importância de investigar e interpretar a cultura dos indivíduos da organização para que se possa implementar ações de mudança que valorizem a suas necessidades e expectativas (Medeiros *et al.*, 2013). Planejar, comunicar e ouvir são aspectos importantes para a aceitabilidade dos indivíduos frente a novas alterações e este é um passo importante pelos quais as organizações devem percorrer para acompanhar as mudanças do contexto atual.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2010. p. 281.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República, [2023]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 10 maio 2023.

CHIAVENATO, Idalberto. **Recursos humanos: O capital humano das organizações**. 8. Ed. São Paulo: Atlas, 2006

COELHO, F. N.; SILVA, A. H.; MOREIRA, M. G.. Bem estar no trabalho: um estudo com trabalhadores de uma rede cooperativista de trabalho médico. **Revista Foco**, v.10, nº1, 2017. Disponível em: www.revistafocoadm.org/index.php/foco/article/download/288/204. Acesso em: 10 maio 2023.

COZBY, P. C. **Métodos de pesquisa em ciências do comportamento** / Paul C. Cozby; tradução Paula Inez Cunha Gomide, Emma Otta ; revisão técnica José de Oliveira Siqueira. -- São Paulo : Atlas, 2003.

DELGADO, Mauricio Godinho. **Curso de direito do trabalho**. 7. ed. São Paulo: LTr, 2008. p.

GALEANO, E. A.V; WANDERLEY, L.A. Produtividade Industrial do Trabalho e Intensidade tecnológica nas regiões do Brasil: Uma análise regional e setorial para o período 1996-2007. **Revista Planejamento e Políticas Públicas** [S.l.], n. 40, 2022. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/ppp/index.php/PPP/article/view/370>. Acesso em: 27 jun. 2023.

GOMES, C. L. Estudos do Lazer e Geopolítica do Conhecimento. **Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 14, n. 3, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/762>. Acesso em: 06 jun. 2023.

GUNTHER, Hartmut. Pesquisa Qualitativa Versus Pesquisa Quantitativa: Esta é a questão?. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 22, 6, Vol. n. 2, p. 201-210, mai./ago. 2006.

HOUGAARD, R.; CARTER, J. **A Mente do Líder Extraordinário: Como liderar a si mesmo, sua equipe e**

sua empresa para obter resultados excepcionais. São Paulo: Grupo Editorial Universo dos Livros, 2020.

KANTEN, S.; SADULLAH, O. An empirical research on relationship quality of work life and work engagement. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, **Turkey**, v. 62, n. 1, p. 360-366, 2012. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1877042812034982>. Acesso em: 13 jun. 2023.

KREIN, J. D.; OLIVEIRA, R. V. (org). **Os impactos da Reforma nas condições de trabalho.** Reforma Trabalhista no Brasil: promessas e realidade. Campinas, SP: Curt Nimuendajú, 2019.

LARUCCIA, M.; MATIAS, A.M.J.; PASSOS, B.S. Motivação como ferramenta para aumento da produtividade em empresas familiares. **Revista de Micro e Pequenas Empresas e Empreendedorismo da Fatec Osasco**. v.1, n.2, p. 238-263, 2015. Disponível em: <http://remipe.fatecosasco.edu.br/index.php/remipe/article/view/85/48>. Acesso em: 06 jun. 2023.

LINDEN, M. van der. História do trabalho para além das fronteiras. **Cadernos AEL**, [S. l.], v. 17, n. 29, 2012. Disponível em: <https://ojs.ifch.unicamp.br/index.php/ael/article/view/2596>. Acesso em: 26 set. 2022.

MACEDO, M. de M. Gestão da produtividade nas empresas. **Revista Organização Sistêmica**, n. 1, v.1, p. 110–119, 2012. Disponível em: <https://www.revistasuninter.com/revistaorganizaacaosistemica/index.php/organizacaoSistemica/article/view/65>. Acesso em: 17 jun. 2023.

MEDEIROS, C. R. O.; LOPES, R. C.; POSSAS, M. C. Cultura e Mudança Organizacional: O Processo de Incorporação e suas Implicações Sociais. **Revista Gestão.Org**. v. 11, n. 3, p. 559-572, 2013. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7835771>. Acesso em: 15 jun. 2023.

MOTTA, Paulo Roberto. **Transformação organizacional:** a teoria e a prática de inovar. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1999.

Organização Mundial de Saúde. Relatório Mundial de Violência e Saúde. Genebra: OMS, 2002. ONU - Organização das Nações Unidas.

POSSER, S.; BERNI, L. B.; TRAESEL, E. Trabalho Noturno: Repercussões Sobre a Saúde e a Subjetividade. Porto Alegre: IV Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais, 2016, Porto Alegre. **Anais [...]** Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://anaiscbeo.emnuvens.com.br/cbeo/article/view/105/97> . Acesso em: 08 de Maio de 2023.

SABINO, M.C.C. A desconexão do trabalho e o direito ao lazer sob uma ótica pós-positivista: a dignidade da pessoa humana como princípio basilar no ordenamento jurídico. **Revista do Direito Trabalhista, Brasília**, v.18, n. 4. p. 25-31. abr. 2012. Disponível em: <https://www.lexml.gov.br/urn/urn:lex:br:redede.virtual.bibliotecas:artigo.revista:2012;1000937923>. Acesso em: 03 jun. 2023.

SALESSI, S.; OMAR, A. Satisfacción laboral genérica. Propiedades psicométricas de una escala para medirla. **Revista Alternativas en Psicología, Argentina**, v. 34, n. 1, p. 93-108, feb./ago. 2016. Disponível em: <https://alternativas.me/numeros/23-numero-34-febrero-julio-2016/116-satisfaccion-laboral-generica-propiedades-psicometricas-de-una-escala-para-medirla>. Acesso em: 31 maio 2023.

SANTOS, A. P. G. **Qualidade de vida no trabalho:** análise das percepções de profissionais de uma instituição de ensino. 2008. 61 f. Monografia (Graduação em Psicologia) – Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2008.

SETTE, F. L.; BONHO F. R. A gestão do tempo como fator de equilíbrio entre vida pessoal e profissional. **Revista de Administração de Empresas Eletrônicas - RAEE**, n. 12, p. 134-155, 2020. Disponível em:

<http://seer.faccat.br/index.php/administracao/article/view/1930>. Acesso em: 13 jun. 2023.

VILAS BOAS, A. A.; MORIN, E.M. Qualidade de vida no trabalho: Um modelo sistêmico de análise. **Revista Administração em diálogo**, v. 19, n.2, p. 62-90, mai./ago. 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/rad/article/view/31720>. Acesso em: 17 maio 2023.

WHELAN-BERRY, K.S; GORDON, J.R; HININGS, C.R. Strengthening Organizational Change Process - Recommendations and Implications from a Multilevel Analysis. **Revista The Journal of Applied Behavior Science**, v. 39, n. 2, p. 186-207, jun. 2003. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0021886303256270?casa_token=ErAHiPtFUpMAAAAA:vr7-s2rtmKopriEnMVt4JnNWj1rtuT_oVbpP7SBj4frHRZ-RNpw1aAp8bjent9t0KWDZE_vtcxzcSRg. Acesso em 26 jun. 2023.

FELICIDADE NO TRABALHO: UM ESTUDO ACERCA DA PERCEPÇÃO DE TRABALHADORES

Renata Curzee¹; Leticia Ribeiro Souto Pinheiro²

¹ Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade Regional e Integrada do Alto Uruguai e das Missões - Erechim/RS. *E-mail:* 091843@aluno.uricer.edu.br

² Psicóloga, Doutora em Psicologia, Professora do Curso de Psicologia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - Câmpus de Erechim (URI). *E-mail:* leticiapinheiro@uricer.edu.br

RESUMO

O contexto organizacional tem passado por transformações e desafios nos últimos anos, refletindo diretamente nas organizações e seus trabalhadores. Sendo assim, a temática felicidade no trabalho tem ganhado mais visibilidade nesse meio. Dessa maneira, o estudo teve por objetivo investigar a percepção dos trabalhadores acerca da felicidade no trabalho, compreendendo como a felicidade nesse ambiente pode influenciar o clima organizacional, bem como, analisar fatores que dificultam a felicidade no trabalho. O estudo analisou a percepção de trabalhadores de empresas privadas, utilizando uma amostra não probabilística através de uma entrevista semiestruturada e posteriormente foi realizada a análise de conteúdo. Em relação aos resultados, foi possível compreender a percepção dos trabalhadores destacando o ambiente de trabalho como o fator que tem importante influência na felicidade. Conclui-se que a felicidade exerce influência significativa em todos os aspectos da vida, como gostar do que se faz, sentir-se pertencente, ser reconhecido em uma organização, bem como, o clima, gestão e as mudanças são fatores que dificultam na busca pela felicidade no trabalho.

Palavras-chave: felicidade; trabalho; clima organizacional.

1. INTRODUÇÃO

Diante de um cenário organizacional com maiores demandas e conseqüentemente maior número de colaboradores nas empresas, chama-se atenção para o fato de que a felicidade dos profissionais que laboram dentro de uma organização possa ser questionada, analisada e compreendida.

O trabalho assume uma magnitude abrangente na configuração da condição humana, situando-se entre as ações mais preeminentes e desempenhando um papel de destaque como uma fonte significativa de construção de sentidos no contexto da existência humana interligada (Silva; Tolfo, 2012).

Maio (2016) salienta que a busca pela felicidade tem assumido um papel cada vez mais proeminente como objetivo central na vida dos colaboradores, bem como no âmbito das organizações, logo, os trabalhadores têm orientado suas vidas em torno do trabalho como meio de alcançar a felicidade. Dessa forma, constata-se que o trabalho desempenha um papel de extrema importância em nossas vidas, consumindo uma parte significativa do nosso tempo, por isso, é fundamental e essencial que seja reconhecido como um componente crucial para a felicidade e realização pessoal.

O estudo teve por objetivo investigar a percepção dos trabalhadores acerca dos questionamentos: quais os fatores que influenciam a felicidade no trabalho; de que forma compreender se o clima organizacional influencia a felicidade no trabalho; e quais as dificuldades na busca pela felicidade no trabalho, bem como, fazer uma análise sobre a influência do clima organizacional, e os fatores que dificultam a felicidade nesse ambiente.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa teve um delineamento qualitativo, o qual Günther (2006), o pesquisador defende que a maneira de chegar a uma determinada compreensão é por meio de explicações ou compreensões entre variáveis. Também se trata de um estudo transversal, pois os dados são coletados de uma única vez, e representam um momento da vida do participante (Breakwell; Rose, 2010). O estudo possui caráter descritivo-explicativo que, segundo Gil (2008), tem por objetivo descrever as características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações entre variáveis e tem como preocupação identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos.

Participaram do estudo 10 trabalhadores, que atuam em empresas privadas, conforme Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT). A amostra foi não probabilística, por acessibilidade ou conveniência. Para o recrutamento dos participantes, foi utilizado o método bola de neve (*snowball sampling*), em que os participantes iniciais da investigação indicam novos participantes e assim sucessivamente (Baldin e Munhoz, 2011).

Para a coleta de dados foi utilizada uma entrevista semiestruturada com questões abertas, elaborada pela pesquisadora, a fim de abordar questões relacionadas à felicidade no trabalho. As perguntas visavam investigar fatores como: o que os trabalhadores entendem por felicidade no trabalho, clima organizacional e aspectos que implicam nesse assunto.

O presente estudo atendeu aos pressupostos da Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 e da Resolução nº 510/2016, as quais regulamentam as pesquisas com seres humanos e a pesquisa na área das Ciências Humanas e Sociais. A coleta de dados foi iniciada somente após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da URI – Câmpus de Erechim, com parecer do CAAE: 64632222.0.0000.5351.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram dessa pesquisa 10 profissionais de diversas áreas e empresas, de ambos os sexos, tendo entre 22 e 39 anos. O material foi dividido em categorias a posteriori, sendo agrupadas por proximidade e analisadas conforme descrito por Bardin (2016).

Apresenta-se no quadro 1 a caracterização dos participantes de acordo com os dados sociodemográficos.

Quadro 1. Caracterização dos participantes

| Participante | Sexo | Idade | Segmento de atuação | Função | Escolaridade | Tempo de atuação |
|---------------------|-------------|--------------|------------------------------------|-----------------------------|------------------------|-------------------------|
| P1 | F | 29 | Transporte de cargas e passageiros | Assistente Comercial | Superior completo | 2 anos |
| P2 | F | 24 | Cooperativa de crédito | Assistente Jurídica | Superior completo | 3 anos |
| P3 | F | 34 | Cooperativa de crédito | Assistente de Negócios | Pós-graduação completa | 2 anos |
| P4 | F | 32 | Cooperativa de crédito | Assistente de Negócios | Superior completo | 2 anos |
| P5 | F | 26 | Construtora | Auxiliar Jurídico | Superior completo | 2 anos |
| P6 | M | 22 | Cooperativa de crédito | Caixa | Superior em andamento | 1 ano |
| P7 | M | 26 | Agronegócio | Assistente de Processos | Mestrado em andamento | 3 anos |
| P8 | M | 28 | Comércio de alimentos | Analista de RH | Pós-graduação completa | 3 anos |
| P9 | M | 39 | Sistemas de informação | Gerente Comercial | Pós-graduação completa | 3 anos |
| P10 | F | 28 | Agronegócio | Gerente Administrativa e RH | Mestrado em andamento | 4 anos |

Fonte: A autora (2023).

Os resultados obtidos através da pesquisa foram organizados em categorias e subcategorias (Quadro 2), conforme a metodologia da análise dos dados.

Quadro 2. Categorias e subcategorias

| Categoria | Subcategoria |
|--|--|
| Percepção sobre felicidade no trabalho | Gostar do que faz Reconhecimento Pertencimento |
| Influência no clima organizacional | Trabalho em equipe Ambiente Comunicação |
| Fatores que dificultam a felicidade | Gestão Mudanças Clima |

Fonte: A autora (2023).

PERCEPÇÃO SOBRE FELICIDADE NO TRABALHO

Nessa categoria, são apresentadas subcategorias que tratam sobre a percepção de felicidade no trabalho. Segundo os participantes, gostar do que faz, ter reconhecimento e se sentir pertencente são fatores que os deixam felizes em seus trabalhos.

A felicidade no trabalho está relacionada com conceitos de satisfação e envolvimento profissional dos trabalhadores (Fischer, 2010 apud Bento, 2020). Assim, entende-se que a felicidade no trabalho está intimamente ligada à satisfação e ao envolvimento profissional, pois quando esses elementos estão presentes, os trabalhadores têm maior probabilidade de experimentar um senso de realização, bem-estar emocional e qualidade de vida no contexto do trabalho.

Gostar do que faz

O fato de gostar do que faz está intrinsecamente ligado ao prazer e satisfação ao realizar as atividades no trabalho. Quando o colaborador sente uma conexão, tem entusiasmo e motivação para executar as tarefas. Quando uma pessoa gosta do que faz, ela pode encontrar um significado, um propósito em seu trabalho, por isso, tão importante quanto desempenhar as suas tarefas é gostar do que se faz (Mendes, 2013).

Analisando o que os participantes do estudo apontam, o "gostar do que faz" é um conceito abrangente, que engloba vários elementos, incluindo o prazer de realizar as atividades relacionadas ao trabalho, estar em um ambiente agradável e sentir satisfação com as tarefas realizadas.

"[...] muito bom tu gostar do que faz, tu atende assim que não vê o dia passar [...] é muito prazeroso quando a gente gosta do que faz." P2

"[...] felicidade é o que você faz, mas sem ser um "trabalho", [...] você não ir pensando naquilo "aí, tenho que sair de casa trabalhar." P3

"[...] tem que gostar do que faz e estar em um ambiente acolhedor e com pessoas motivadas." P5

"[...]Jeu relaciono muito felicidade no ambiente de trabalho com um nível de satisfação que a gente sente em determinado ambiente" P10

Reconhecimento

O reconhecimento no trabalho é uma das principais formas de incentivar e motivar os colaboradores de uma empresa. Segundo Gomes (2019), compreende-se que a construção de um profissional não se restringe, exclusivamente, às esferas salariais, mas sim com acolhimento, elogios e reconhecimento, os quais revestem-se de valor inestimável equiparável à remuneração.

Quando um funcionário se sente valorizado e reconhecido pelo seu trabalho, ele tende a se dedicar mais e a produzir com mais qualidade e eficiência, por isso, na visão de Gomes (2019), quando os funcionários são reconhecidos em seu trabalho, eles contribuem para criar um ambiente de trabalho saudável, onde podem desempenhar suas atividades com maior produtividade.

“[...] assim uma coisa que eu acho que é bem importante é quando tu consegue cumprir as tarefas que são designadas para você e ao mesmo tempo se sentir bem, sendo reconhecido.” P6

“[...] então eu sempre espero muito um feedback dos meus superiores, do meu chefe, do gerente, então eu, a parte de reconhecimento viria muito por isso.” P6

“[...] feedback, tanto positivo, quanto negativo que é uma coisa que ajuda, o incentivo a fazer as coisas, retornos, oportunidades.” P7

“[...] se sentir valorizado, sentir que seu trabalho tem um sentido né, principalmente que está surtindo efeito. [...]” P8

“[...] valorização do profissional e reconhecimento, quando tu tem suporte da empresa e da gestão para executar as atividades.” P10

Pertencimento

A sensação de pertencimento em relação ao que se produz e a satisfação com o trabalho realizado, são experiências altamente individuais e podem variar significativamente de acordo com a perspectiva de cada pessoa (Assunção-Matos, Bicalho, 2016). Por isso, podemos dizer que essas sensações podem influenciar o bem-estar e o sentimento de realização no ambiente de trabalho.

Os participantes enfatizam que, a fim de desenvolver um senso de pertencimento à organização, é crucial não negligenciar seus próprios valores pessoais. Isso implica que os valores promovidos pela empresa devem estar em consonância com os valores intrínsecos de cada funcionário, a fim de que possam se sentir integrados à organização.

“[...] bom eu acho que é se sentir bem com o que tu faz, se sentir incluso talvez no ambiente.” P6

“[...] então é esse sentimento de pertencimento de se sentir livre, de ser quem você é dentro do ambiente de trabalho, não ser um personagem, ou passando por cima de algumas escolhas, ou valores que você tem, poder ser você mesmo...” P9

INFLUÊNCIA NO CLIMA ORGANIZACIONAL

O clima organizacional refere-se à percepção dos funcionários em relação às suas experiências dentro da organização (Araujo *et al.*, 2017). São apresentadas subcategorias que têm o potencial de influenciar o clima organizacional de uma empresa, conforme os participantes, são: o ambiente de trabalho, o trabalho em equipe e a comunicação.

Ambiente

A motivação da equipe de trabalho desempenha um papel crucial na busca pela excelência da qualidade. Portanto, é responsabilidade dos líderes identificar a melhor estratégia para manter um ambiente organizacional que promova essa excelência (Costa, 2012), ainda, é fundamental que as organizações pensem em proporcionar um ambiente de trabalho saudável e seguro para os colaboradores.

Nesse sentido, Costa (2012) diz que há uma possibilidade de que indivíduos desprovidos de motivação, ao lidar com questões domésticas, ou buscar momentos de lazer, se distraiam e não desempenhem suas tarefas da melhor maneira, podendo até mesmo falhar em atingir os padrões mínimos propostos pela empresa. Em contrapartida, colaboradores motivados trabalham satisfeitos e elevam sua produtividade, uma vez que estão entusiasmados e desejam contribuir para o objetivo da organização.

Analisando a categoria “influência no clima organizacional”, é possível observar que o ambiente de trabalho é o fator predominante entre os entrevistados. As colocações destacam a importância de um ambiente de trabalho com satisfação e bem-estar dos colaboradores. Além disso, é importante enfatizar que, mesmo que alguém ame o que faz profissionalmente, se estiver inserido em um ambiente hostil, é impossível manter esse sentimento positivo, pois isso pode levar ao adoecimento.

“[...] tu pode ter uma pilha de coisas pra fazer e tu ter um ambiente alegre, ambiente descontraído, tu vai desempenhar com muita mais tranquilidade, do que às vezes tu tem uma pilha muito menor, mas tu tem um ambiente conturbado.” P1

“[...] se o ambiente estiver com pessoas desmotivadas e infelizes vai contaminar todas as pessoas ao redor, e as brigas acontecerão” P5

“[...] um ambiente saudável sem fofquinha, sem briga [...] não tem como tu ser uma pessoa feliz em um ambiente onde está todo mundo irritado, tu não vai ser o único lírio do campo lá que vai estar sorrindo quando está todo mundo xingando, e se estressando para qualquer coisa que acontece.” P7

“[...] então pelo clima você consegue sentir como que está funcionando a questão ali das regras a questão da produtividade, desempenho e estar em um ambiente em que as pessoas estão engajadas consequentemente é uma sensação mais confortável” P8

“[...] Um ambiente que ele é punitivo, é muito difícil de se trabalhar, né, então eu relaciono felicidade a um conjunto de situações que proporcionam ao trabalhador ele ter uma satisfação, ele sentir que o que ele está exercendo tem um propósito tem um sentido.” P10

“[...] tu pode amar o que tu faz, mas se tu tiver num ambiente hostil não tem como tu gostar, porque tu vai adoecer” P10

Trabalho em equipe

O trabalho em equipe é essencial para as organizações, permitindo que os colaboradores compartilhem conhecimentos e alcancem melhores resultados. Existe uma combinação de habilidades, visões e percepções distintas que levam a soluções mais criativas e inovadoras. Por isso, segundo Cardoso (2004), o trabalho em equipe possui vantagens, e uma das principais é que a tomada de decisão por mais de uma pessoa tende a ser mais sólida do que as tomadas individuais.

Ainda, segundo Torres (2011), possuir habilidades colaborativas é uma vantagem competitiva, um requisito para participar efetivamente em equipes, estabelecendo relações positivas tanto no âmbito emocional quanto produtivo.

“[...] o trabalho em equipe é fundamental, porque nada a gente faz completamente sozinho, ninguém sabe tudo. Então assim, um complementa o outro [...]” P3

“[...] quando uma pessoa poderia resolver um problema se dedicassem um tempinho para isso, mas ela prefere jogar para a frente e deixar que alguém resolva.” P7

“[...] Eu acho que é importante a equipe saber pra onde está indo né, tendo estratégias né, um caminho, um norte e claro todo mundo puxando pra mesma direção, e claro tendo autonomia.” P9

“[...] você tem que ter a ajuda de todos os colaboradores, uma equipe, é uma equipe, então isso também é uma das coisas que dificultam.” P10

Comunicação

A comunicação é uma das partes mais importantes dentro de uma organização. Arrisca-se em dizer que sem ela uma organização não existiria, por isso, na visão de Kunsch (2006), a organização é um fenômeno comunicacional contínuo.

Ainda, é importante frisar que a comunicação nas organizações é inerentemente complexa devido à quantidade e diversidade de partes envolvidas, bem como, as várias dimensões envolvidas na relação entre a comunicação e a organização. A comunicação abrange diferentes níveis hierárquicos, departamentos e equipes dentro da organização, assim como se estende para além das fronteiras da empresa, incluindo clientes, fornecedores e outras partes interessadas externas.

Outro aspecto relevante que diz respeito à comunicação, no qual os participantes destacaram a necessidade de cada colaborador compreender como se comunicar de forma clara em diferentes contextos, como ao lidar com colegas, em situações em que é necessário compreender as necessidades do outro, e em momentos em que se torna acessível transmitir informações precisas e relevantes.

“[...] ninguém vai estar feliz sempre, dando risada o dia inteiro[...] tem algumas pessoas que tu já vê quando dizem bom dia [...], mas às vezes é essa comunicação de talvez tu entender uma coisa e o colega quis transmitir outra, mas vai muito de tu escutar o que o colega tem pra falar” P2

“[...] eu percebo o quanto meu trabalho mudou a partir do momento que eu consigo dizer, gente vamos parar, vamos conversar, vamos melhorar um pouco, tomar um chimarrão, sair desse turbilhão, sabe...” P4

“[...] essa questão de ser escutado né, e quando tu vê que teu trabalho tá surtindo efeito, alguém tá percebendo ele...” P9

FATORES QUE DIFICULTAM A FELICIDADE

Segundo Silva (2013), a felicidade é um fator que é predominante na vida das pessoas, bem como, afeta a vida das pessoas e, por consequência, o seu trabalho. Os participantes da pesquisa apontam a má gestão e mudanças repentinas como fatores que dificultam a felicidade no trabalho.

Gestão

Uma má gestão pode gerar grandes dificuldades dentro da empresa, que refletem, diretamente, na percepção sobre felicidade no trabalho dos funcionários. A ausência de um bom ambiente e de líderes eficazes pode levar a altos índices de estresse, insatisfação e baixa produtividade.

Diante disso, Bergamini (2018) afirma que os gestores devem ter consciência de que sua função vai além de supervisionar a execução das tarefas. É fundamental que saibam elogiar o trabalho dos colaboradores, quando apropriado, como uma maneira de motivá-los, e reconhecer a importância das atividades que desempenham para a organização.

“[...] eu tinha uma chefe que costumava primeiro apontar quem errou, depois resolver problema [...]” P1

“[...] Eu sou muito a favor do respeito, então eu sou tipo assim, você é meu chefe, tá, mas não é porque você é meu chefe que só eu tenho que te respeitar, você também tem que me respeitar como colaborador, e tem gestor que acontece isso, ah porque eu sou gestor eu posso te tratar de qualquer forma por que eu sou superior” P1

“[...] uma má gestão, não ter pessoas preparadas, por exemplo, a qualificadas para desenvolver cargos de superioridade [...] existe gestor que não é preparado para aquilo, ele não vai saber conduzir uma situação da maneira correta.” P1

“[...] o modo como as pessoas são tratadas dentro de uma empresa, e a forma como a empresa aborda os problemas interfere diretamente o funcionário, tanto de forma boa, como de forma ruim. [...] o tratamento dos superiores para com os funcionários, isso influencia na felicidade” P5

Mudanças

As primeiras experiências e informações relacionadas a uma mudança no ambiente de trabalho têm o potencial de despertar uma gama de emoções, que vão desde o otimismo, até o medo. Essas emoções são uma resposta natural às mudanças organizacionais e às emoções que elas podem desenvolver (Lines, 2005 apud Nery, 2012).

Os participantes expressaram que a mudança traz consigo a apreensão em relação ao futuro e geralmente a interpretam, inicialmente, como algo negativo, acompanhado por pensamentos predominantemente pessimistas.

Por isso, Nery (2012) afirma que os colaboradores podem se sentir inseguros, ameaçados e vulneráveis se não entenderem os objetivos de uma mudança. É importante destacar que as emoções associadas à mudança podem variar de indivíduo para indivíduo, dependendo de sua personalidade e histórico de experiências anteriores com mudanças.

“[...] uma mudança continua né, todo dia a gente muda, então às vezes tu se sente um pouco com medo das mudanças, e na verdade me atrapalha um pouco.” P3

“[...] Quando a gente está pronto a gente faz com o olho fechado né, mas quando ocorre uma mudança brusca a gente fica com um medinho né, de será que vai dar certo? Será que não vai...” P3

Clima

Empresas que priorizam a felicidade e bem-estar de seus colaboradores tendem a criar um clima organizacional favorável, refletindo em maior comprometimento, qualidade e criatividade no desempenho das atividades, por isso, o sucesso das organizações pode estar intrinsecamente relacionado à felicidade dos indivíduos que as compõem (Fischer, 2010 apud Maio, 2016).

Ainda, as organizações devem reconhecer que o clima organizacional é considerado uma estratégia primordial de gestão, desempenhando um papel fundamental para o sucesso de uma empresa (Maio, 2016). Os participantes referiram o clima organizacional como fator crucial para a felicidade no trabalho, ressaltando a importância de um ambiente saudável e positivo para o desempenho de suas atividades.

“[...] o clima organizacional é o que para mim mais influência. Eu trabalho dando risada, e brincando, mas levando a sério o que eu faço, mas é um ambiente muito descontraído, se tiver problema a gente resolve, a gente conversa, a gente dialoga, é resolvido de maneira pacífica [...]” P1

“[...] pessoas que não cumprem prazos, pessoas que fazem fofoquinha o tempo inteiro, pessoas que estão sempre falando mal de alguém, pessoas que se aproveitam quando pedem para ti fazer alguma coisa.” P7

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A felicidade é um conceito subjetivo e pessoal, variando de indivíduo para indivíduo. Dessa forma, os fatores que contribuem para a sensação de felicidade no trabalho podem ser diversos e ter diferentes níveis de importância. Contudo, é inegável que a felicidade exerce uma influência significativa em todos os aspectos da vida, podendo trazer fatores que influenciam positivamente, tanto quanto podem trazer dificuldades durante a busca pela felicidade profissional. Mediante os resultados apurados nesta pesquisa, observou-se que a mesma atingiu os objetivos propostos, sendo possível verificar a percepção dos colaboradores sobre a felicidade no trabalho.

Obtivemos, na categoria que correspondia, qual é a percepção dos trabalhadores sobre felicidade no trabalho, que gostar do que faz, ser reconhecido e sentir-se pertencente a uma organização, são fatores cruciais para a felicidade e realização dos trabalhadores em seus ambientes profissionais. São fatores chave para a felicidade no trabalho e podem contribuir para um ambiente organizacional mais saudável, produtivo e positivo, tanto para os colaboradores, como para a organização na totalidade.

Na categoria de influência no clima organizacional, os fatores que prevalecem são o trabalho em equipe, o ambiente e a comunicação. Esses elementos desempenham um papel fundamental em uma organização, sendo elementos que interagem entre si e podem influenciar diretamente o nível de satisfação, e motivação dos colaboradores. Com isso, Costa (2012), afirma que o clima organizacional é o reflexo da satisfação e motivação dos colaboradores, somados à cultura da organização, ou seja, é a interação desses elementos que moldam o ambiente interno da empresa, influenciando diretamente o desempenho e a produtividade de todos os envolvidos.

Portanto, é importante que as organizações estejam atentas a esses aspectos e trabalhem para criar um ambiente que promova os determinados fatores. Ainda, foi possível observar que os fatores que dificultam a felicidade dizem respeito à gestão e as mudanças repentinas. Sendo assim, é importante que a gestão seja eficiente, transparente e comprometida em criar um ambiente de trabalho saudável, além disso, a comunicação aberta, demonstrando apoio durante as mudanças, e dando seu devido reconhecimento a fim de promover uma cultura organizacional positiva.

Com isso, a felicidade no trabalho é o resultado de uma combinação harmoniosa entre aspectos psicológicos e físicos que aderiram às necessidades e desejos do colaborador em relação ao seu trabalho e ambiente de atuação (Urco *et al.*, 2019).

Entretanto, existem algumas limitações deste estudo que impedem de ampliar ainda mais as contribuições. A primeira, é relacionada ao uso de uma abordagem transversal e descritiva na coleta e análise de dados, pois fornece apenas uma compreensão da realidade investigada em um determinado momento, sem estabelecer relações de predição e causalidade entre variáveis. A segunda onde relacionamos com a amostragem, sendo necessário ressaltar que não representa toda a população do Brasil.

É recomendado que sejam realizados demais estudos e pesquisas aprofundadas nesse campo. A elaboração de outros estudos pode fornecer *insights* valiosos sobre as melhores práticas, políticas e estratégias que promovam a felicidade no trabalho, permitindo que as empresas adotem medidas eficazes para melhorar a satisfação e o engajamento de seus colaboradores.

REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO-MATOS, Alfredo; BICALHO, Pedro Paulo Gastalho de. O trabalho, a terceirização e o legislativo brasileiro: paradoxos e controvérsias. **Revista Psicologia Organizações e Trabalho**, v. 16, n. 2, p. 120-129, 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S198466572016000200002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 jun. 2023.

BALDIN, Nelma; MUNHOZ, Elzira M. B. **Snowball (bola de neve)**: uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. *In*: Congresso Nacional de Educação, 10., 2011. Curitiba: PUCPR, 2011. Disponível em: <https://docplayer.com.br/1714932-Snowball-bola-de-neve-uma-tecnica-metodologica-para-pesquisa-em-educacao-ambiental-comunitaria.html>. Acesso em: 05 maio 2023.

BARDIN, L. (2016). **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7684991/mod_resource/content/1/BARDIN__L._1977._Analise_de_conteudo._Lisboa__edicoes__70__225.20191102-5693-11evk0e-with-cover-page-v2.pdf. Acesso em: 05 maio 2023.

BENTO, Denise Cruz. **Felicidade no trabalho. Um estudo no setor farmacêutico. Coimbra**, 2020. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/36484>. Acesso em: 09 maio 2023.

BEGNAMI, Maria Luiza Vechetin; ZORZO, Adalberto. CLIMA ORGANIZACIONAL: PERCEPÇÕES E APLICABILIDADE. **Revista Científica da FHOJ UNIARARAS** v. 1, n. 2, 2013. Disponível em: https://www.fho.edu.br/revistacientifica/_documentos/art.5-002-2013.pdf. Acesso em: 23 jun. 2023.

BERGAMINI, Cecília Whitaker. **Motivação nas Organizações**. Editora Atlas; 7ª edição (2018). Disponível em: <https://dspace.doctum.edu.br/bitstream/123456789/1845/1/MOTIVA%C3%87%C3%83O%20NAS%20ORGANIZA%C3%87%C3%95ES.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2023.

BREAKWELL, G. M. *et al.* **Métodos de pesquisa em psicologia**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-695599>. Acesso em: 03 mai. 2023.

CARDOSO, Eduardo Soares. **Trabalho em equipe nas organizações**. 2004. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/110920>. Acesso em: 14 jun. 2023.

COSTA, Ana Carolina Santos. **A importância do clima organizacional no ambiente de trabalho**. 2012. Disponível em:

<https://dspace.mackenzie.br/bitstream/handle/10899/166/Ana%20Carolina%20Santos%20Costa1.pdf?sequence=1>. Acesso em: 17 jun. 2023.

DA SILVA, Narbal; TOLFO, Suzana da Rosa. Trabalho significativo e felicidade humana: explorando aproximações. **Revista Psicologia Organizações e Trabalho**, v. 12, n. 3, p. 341-354, 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572012000300008. Acesso em: 10 jun. 2023.

DE ARAUJO, Cintia Cristina Silva et al. Análise da relação entre clima organizacional e o desempenho criativo em organizações brasileiras. **NAVUS-Revista de Gestão e Tecnologia**, v. 7, n. 2, p. 97-112, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3504/350454067008.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social-1989.pdf>. Acesso em: 08 maio 2023.

GOMES, Amanda Kelly. A importância do reconhecimento profissional para a motivação dos colaboradores. **REVISTA HUM@NAE**, v. 13, n. 1, 2019. Disponível em: <https://revistas.esuda.edu.br/index.php/humanae/article/view/628>. Acesso em: 19 jun. 2023.

GÜNTHER, Hartmut. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão?. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 22, p. 201-209, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/HMpC4d5cbXsdt6RqbrmZk3J/?lang=pt>. Acesso em: 07 maio 2023.

LEITE MAIO, Tiago. **A felicidade no trabalho: O impacto na gestão das organizações**. 2016. Tese de Doutorado. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/15221>. Acesso em: 05 maio 2023.

MENDES, Glenda. O trabalho dignifica o homem. **O Nacional**, v. 1, 2013. Disponível em: <https://www.onacional.com.br/cidade,2/2013/05/01/o-trabalho-dignifica-o-homem,37224>. Acesso em: 07 jun. 2023.

NERY, Vanessa de Fátima. **Contexto, atitudes e reação à mudança organizacional**. Brasília, DF. 2012. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/10596>. Acesso em: 11 jun. 2023.

NUNES, Carina Maria *et al.* Satisfação e insatisfação no trabalho na percepção de enfermeiros de um hospital universitário. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 12, n. 2, p. 252-257, 2010. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fen/article/view/7006>. Acesso em: 17 jun. 2023.

TORRES, Adriana. **Trabalho em equipe**. 2011. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/2961>. Acesso em: 19 jun. 2023.

URCO, Christian Fabián Castillo *et al.* Felicidade no trabalho na geração dos Millennials, novos desafios para os administradores. **Brazilian Journal of Development**, v. 5, n. 9, p. 14571-14582, 2019. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/3135>. Acesso em: 25 jun. 2023.

KUNSCH, Margarida M. Krohling. Comunicação organizacional: conceitos e dimensões dos estudos e das práticas. **Faces da cultura e da comunicação organizacional**, v. 2, p. 169-192, 2006. Disponível em: <https://professor.pucgoias.edu.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/11868/material/Comunica%C3%A7%C3%A3o%20organizacional%20conceitos%20e%20dimens%C3%B5es%20dos%20estudos%20e%20das%20pr%C3%A1ticas.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2023.

CONTOS DE FADAS NA CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE INFANTIL

Caroline Baldissera Dallagnol¹; Fernanda Grendene²

¹ Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade Regional e Integrada do Alto Uruguai e das Missões - Erechim/RS. E-mail: 091843@aluno.uricer.edu.br

² Psicóloga, Doutora em Psicologia, Professora do Curso de Psicologia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - Câmpus de Erechim (URI). E-mail: fergrendene@uricer.edu.br

RESUMO

O presente trabalho tem como foco compreender se os contos de fadas têm participação na construção subjetiva dos infantes, além de abordar como essas histórias se enquadram na atualidade. Contos clássicos foram vistos e elaborados, como Patinho Feio, João e Maria, Chapeuzinho Vermelho e Branca de Neve, e como esses respaldam no inconsciente e nas fases do desenvolvimento psicossocial das crianças. Ademais, constam contos de fadas contemporâneos que simbolizam as mudanças da nova infância.

Palavras-chave: contos de fadas; contos contemporâneos; psicanálise.

1. INTRODUÇÃO

Durante a infância, a visão de realidade é difusa, a fronteira do real e do imaginário ainda não está bem delimitada, permitindo uma gama maior de possibilidades para lidar com as dificuldades do dia a dia (Corso; Corso, 2006). Nesse período de vida, a criança se torna depositário das fantasias de seus progenitores, mesmo não tendo condições para compreender seus significados, da mesma forma, tudo que acontece ao seu redor é novidade, se trata da construção de um repertório de cognições que ocorre dia após dia, acompanhando seu desenvolvimento físico, identificando aos poucos os seus limites e os do ambiente o qual ocupa. Desse modo, os contos de fada, com sua frase introdutória “era uma vez”, lhes faz ingressar em um mundo onde tudo é possível. Um lugar onde o bem e o mal existem, porém, são bem delimitados, onde a criança se sente à vontade para transitar pois acredita que o final será feliz, um mundo onde o medo está presente na trama, mas a esperança é fortalecida durante a trajetória do herói, sendo todo o esforço recompensado (Corso; Corso, 2006).

Até que ponto essas histórias contadas e recontadas na infância perpassam na forma de se ver o mundo? Até que ponto elas auxiliam nas crises naturais do desenvolvimento, se modificando e se encaixando com o crescimento infantil? Tratam de medos como do abandono com o conto do João e Maria, de ser insuficiente e inadequado como ocorre com o Patinho Feio, entre outros exemplos de medos e fantasias que nas histórias se encontram morada, podendo serem vistas sem serem destrutivas para a personalidade de quem lê. Todo esse mundo imaginário tem uma relação importante com o tempo, pois em cada etapa do desenvolvimento há uma dificuldade específica que é exemplificada de forma lúdica pelos contos. Sendo assim, a escolha de uma criança por determinada história está enlaçada na sua vivência atual, lhes trazendo respostas para perguntas das quais não sabem da existência (Matte e Facchin, 2019).

Por esses motivos o estudo dos contos são ricos para o entendimento da construção subjetiva na infância, levando em consideração a ideia de Freud (1908/2006) de que as fantasias têm como origem o

desejo e tem como fonte uma marca mnêmica ligada às primeiras vivências de satisfação, perpassando o desenvolvimento do ser humano e o construindo subjetivamente (Matte e Facchin, 2019). Desse modo, o presente artigo teve como objetivo compreender como, e se, os contos de fadas influenciam na construção da subjetividade infantil.

2. MÉTODO

A pesquisa seguiu um delineamento qualitativo e exploratório, caracterizado como uma pesquisa bibliográfica. Segundo Sousa *et al.* (2021), a pesquisa bibliográfica tem a finalidade de aprimoramento e atualização do conhecimento, através da investigação de obras científicas já publicadas. Para a elaboração do presente estudo foram utilizadas referências de artigos científicos, de livros e da internet que versavam sobre os contos de fadas na infância.

Segundo Boccato (2006), esse tipo de pesquisa busca a resolução de um problema, se utilizando do material bibliográfico encontrado. Neste trabalho o problema era: Compreender como, e se, os contos de fadas influenciam na construção da subjetividade infantil. Essa questão foi desenvolvida com base no tema escolhido “Os Contos de Fadas na Construção da Subjetividade Infantil”, sendo da pesquisa preliminar em material bibliográfico o papel de embasar essa decisão (Boccato, 2006 apud Sousa, 2021).

O tema é o ponto principal da pesquisa bibliográfica pois é a seu respeito que o trabalho será produzido, se trata de qualquer assunto que necessite de maior aprofundamento ou da organização e sistematização do material disponibilizado. Depois do tema ser delimitado, da pesquisa prévia ter sido realizada e da pergunta formulada, a próxima etapa é o aprofundamento do material bibliográfico coletado. É nesse momento que se amplia a quantidade de material, encontrados em sites confiáveis ou bibliotecas, separados em artigos, livros, dissertações, etc. Em seguida separam-se os escritos que mais se enquadram com o tema e pergunta, estipulando a localização desses textos. Eles podem se caracterizar como, segundo Souza (2021):

- fontes primárias: são informações do próprio pesquisador, bibliográfica básica. Exemplos: artigos, teses, anais, dissertações, periódicos e outros.
- fontes secundárias: são bibliografias complementares, facilitam o uso do conhecimento desordenado e trazem o conhecimento de modo organizado. Exemplo: Enciclopédias, dicionários, bibliografias, bancos de dados e livros e outros.
- fontes terciárias: são as guias das fontes primárias, secundárias e outros (Souza, 2021).

O presente artigo se baseou em sua maioria em fontes primárias e secundárias, ou seja, em livros que tratam sobre o tema, apresentando apenas alguns artigos encontrados em sites confiáveis. Em seguida se analisa tudo o que foi organizado e lido, formando o corpo do trabalho em si, se trata da reflexão do que foi estudado, da organização e comparação e argumentação de todo o material selecionado (Souza, 2021).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados foram organizados de modo que os primeiros tópicos apresentados tratam de um resumo histórico da construção do termo infância e o surgimento da literatura voltada para esse público. Em seguida é esclarecido o papel dos contos no inconsciente, então foram abordados alguns contos clássicos como: Patinho Feio, Cachinhos Dourados, João e Maria, Chapeuzinho Vermelho e Branca de Neve. Para finalizar foram abordadas as mudanças que os contos tiveram na atualidade e alguns exemplos significativos de contos contemporâneos.

3.1 A Evolução Do Termo Infância E O Surgimento Dos Contos De Fadas

Para aumentar a compreensão do tema, o presente trabalho inicia trazendo um panorama histórico sobre a visão da infância, como ela foi se modificando e como está ligada a produção literária de contos de fadas e fantasias infantis. Se tratando da história da sociedade, a categoria dita como infância surgiu a partir do século XVIII, até então não se encontrava corpus de conhecimento sobre esse período do desenvolvimento humano. Desse modo, os infantes participavam da sociedade sem especificações, mas como qualquer outro indivíduo independente de sua idade. Os contos não eram escritos, mas passados de geração para geração de forma oral, os homens se reuniam em rodas à noite e contavam essas histórias como meio de distração para os tormentos que enfrentavam, como a fome voraz, doenças que se alastraram rapidamente, noites de frio intenso, para ocupar o transcurso do tempo, falando sobre os perigos da natureza e do mundo social. Eram homens que não tinham como preocupação a moral da história nem o simbolismo dela, apenas utilizavam dessa distração para nomear seus medos de uma forma lúdica. O tema da criança pobre e abandonada surge em obras dos irmãos Grimm aproximadamente em 1810, relatando essa falta de atenção e dedicação para com os pequenos seres humanos (Matte; Facchin *apud* Corso; Corso, 2006; Amarilha, 2000).

Antes da sociedade passar a olhar para as crianças e analisar formas de cuidar dessa fase da vida, esse período era marcado por um alto nível de mortalidade. Desse modo, não era dedicado tempo, sentimentos mais profundos ou quaisquer investimentos para com os infantes. Geralmente eram criados por serventes, a margem da vida social de seus progenitores até terem uma maior autonomia, ou seja, se tornando menos frágeis às garras da morte. Não havia um espaço separado para eles, vivenciavam todos os acontecimentos da sociedade junto com os demais, apresentando ou não capacidade para compreender o que viam (Amarilha, 2000).

Para as crianças que conseguissem chegar ao final da segunda infância e ingressar na terceira infância, a segunda infância corresponde a etapa dos dois aos seis anos e a terceira infância dos seis aos doze anos de idade segundo Piaget (1969), não lhes era destinada a possibilidade de desenvolver uma personalidade própria, sendo vistas apenas como uma folha em branco a ser preenchida da forma como seus progenitores escolhessem, desse modo, não havia nenhuma preparação para seus cuidadores antes desse período (Caldeira, 2008; Papalia *et al.*, 2009).

Por conseguinte, segundo Schneider e Torossian (2009), os contos também não eram escritos pensando na capacidade de compreensão do público infantil. Suas histórias eram recheadas de cenas de “adultério, canibalismo, incesto, mortes hediondas e outros componentes que permeavam o imaginário dos adultos”. Essas histórias ligadas aos anseios dos homens, eram contadas em meios sociais para esse público alvo, relatando fantasias que os atraíam o interesse. Segundo esses autores, a origem dos contos de fadas data do século II a.C. Além disso, consta-se Platão, Apuleio, entre outros pensadores de suas épocas que se aventuraram na simbologia das metáforas e no imaginário humano. Também no Egito, foram encontrados registros de contos de fadas, em alegorias sobre Anúbis e Bata (Hisada, 1998 *apud* Schneider; Torossian, 2009).

A visão do adulto para seus primeiros anos de vida é transpassada pela estrutura social vigente, consequentemente foi modificada com a chegada da Revolução Industrial (séc. XVIII e XIX), que tinha a compreensão da criança como um produto de valor econômico no meio urbano. Essa nova ordem fez surgir caminhos que interligaram o adulto e a criança, como a criação de escolas urbanas para o desenvolvimento de mão de obra qualificada, buscando construir trabalhadores versados na matemática e na literatura. Essa nova disponibilidade de ensino era atravessada pelo poder aquisitivo dos pais dessas crianças, os burgueses emergentes investiam em escolas mais qualificadas para tentar garantir a vaga de seus filhos em cargos elevados da nova ordem econômica em desenvolvimento, enquanto os infantes sem disponibilidade financeira eram preparados para tornarem-se mão de obra barata (Amarilha, 2000).

Desse modo, se inicia uma maior preocupação com a mortalidade infantil, garantindo estudos sobre o desenvolvimento, na busca para que o dinheiro e o tempo empregados na criação desses jovens não

fossem em vão. A partir dessa visão capitalista da infância, as crianças começam a ter um espaço definido na sociedade, porém eram vistos como "pequenos adultos", esperando que compreendessem o que lhes era dito da mesma forma que uma pessoa madura (Amarilha, 2000).

É nesse momento da história da humanidade que, ao reconhecer a necessidade de educar esses indivíduos surge a Literatura Infantil, que utilizava de recursos lúdicos para trazer instruções aos infantes. O primeiro a produzir contos infantis foi Charles Perrault (1628-1703), francês que criou histórias que visavam passar valores morais às crianças, seus trabalhos mais conhecidos incluem: Barba Azul e Pequena Sereia. Mais tarde surgiram novos escritores dessa modalidade literária, como Jeanne-Marie Leprince de Beaumont (1711-1780), que escreveu a Bela e a Fera, na Alemanha Jacob (1785-1863) e Wilhelm (1786-1859), os Irmãos Grimm com sua releitura de contos já existentes, que realmente disseminaram os contos de fadas e os popularizaram. Completando o repertório de contos clássicos ainda temos os autores Hans Christian Andersen (1805-1875) com "O Patinho Feio", "A Princesa e a Ervilha", "A Pequena Vendedora de Fósforos" e "O Soldadinho de Chumbo", histórias que tocam os leitores por tratarem de realidades externas de uma forma simples e mágica (Schneider; Torossian, 2009; Matte e Facchin, 2019).

3.2 Para ser "Conto de Fadas"

Freud (1908/2006) ao explorar a possível origem dos contos de fadas, criou a hipótese de que eles provinham da realidade psíquica. Nessa realidade estão representações carregadas de significados de vivências humanas, dominadas pelo desejo e pela fantasia. Também percebeu semelhanças entre os contos e os sonhos, pois ambos se utilizam da linguagem simbólica, além de identificar elementos universais que permeiam o imaginário dos seres humanos (como a fantasia do Édipo) misturados com desejos personificados de cada indivíduo (Dieckmann, 1986 apud Matte e Facchin, 2019; Silva e Santiago, 2017; Roudinesco e Plon, 2022).

Para uma história se caracterizar como "Contos de Fadas", ela precisa ter em sua trama algum elemento mágico, maravilhoso, imaginativo. Esse elemento fantástico tem a função de garantir ao leitor de que se trata de uma história provinda de outra dimensão, que não a realidade. A história é sempre resolutive, finalizando com algum tipo de "felizes para sempre", pois independente das dificuldades que o herói passe durante sua trajetória, os medos e desafios presentes, ao final, tudo se organizará passando uma mensagem tranquilizadora. Seguindo a mesma linha de pensamento, ao enfrentar seus anseios o herói evolui, o que também se caracteriza como uma parte importante dos contos de fadas, onde para crescer ele acaba tendo que partir de seu lar, na evolução e no andamento da história há perdas (Corso e Corso, 2011; Corso e Corso, 2006).

Por mais que nessa trajetória do herói ele se distancie muito de sua família de origem, realizando feitos grandiosos e ganhando estima, seu principal objetivo é adequar-se ao pequeno mundo, pode fazer isso retornando ao lar como João e Maria, ou criando um novo, similar ao que tinha antes. Como consta na maioria dos finais, é em família que os príncipes e princesas vivem felizes para sempre. Outro ponto caracterizante é que o personagem principal do conto geralmente tem um ou mais ajudantes mágicos, como a fada madrinha em Cinderela, o grilo falante em Pinóquio, o Gato de Botas também tem a função de auxiliar seu dono a alcançar seu destino, entre outros exemplos (Corso e Corso, 2011).

Os personagens desses contos são caricatos, há uma polarização, em cada lado oposto há o bem e o mal, ela está presente tanto nos contos de fadas como no entendimento infantil. A justaposição de personagens opostas, essa polarização de caráter, não tem como foco frisar o comportamento correto, mas sim demonstrar a diferença entre os lados. Afinal, o infante escolhe seu personagem com base na simpatia que sente por ele, por querer ser semelhante a ele (Bettelheim, p. 18, 2020).

Em contrapartida, as histórias amorais, que também se caracterizam como contos de fadas, não

apresentam essa polarização de características, pois seu apelo não se encontra em mostrar a diferença entre o bem e o mal, mas em demonstrar que uma pessoa, inicialmente subjugada ou fraca, pode superar as adversidades e ter sucesso. Dois exemplos de histórias que seguem esse padrão são: Gato de Botas e João e o Pé de Feijão, já que seus respectivos personagens principais conseguem seu final feliz de uma forma pouco convencional, sem seguir vias morais, o Gato engana o rei para casar seu amo com a princesa, enquanto João rouba o tesouro do gigante (Bettelheim, p. 18, 2020).

Bettelheim (2020) em seu livro “A Psicanálise dos Contos de Fadas”, caracteriza os contos como obras de arte que se comunicam diretamente com a infância. O significado mais profundo dessas obras se diferencia para cada leitor, podendo se resignificar dependendo da fase da vida em que é lido (Bettelheim, p. 21, 2020).

3.2 Contos De Fadas E Sua Função Na Nomeação Do Inconsciente

Sigmund Freud (1950) se utilizou do termo “fantasia” inicialmente guiado pela origem na língua alemã, *Phantasie*, que significava imaginação. Desde os *Estudos sobre a Histeria* (1895), Freud e Josef Breuer, com o caso de Ana O, trabalharam sobre manifestações fantasísticas na paciente, privilegiando o registro da imaginação em vez de possíveis acontecimentos vivenciados. Já no caso Emma (1895), Freud chega à conclusão que os sintomas neuróticos apresentados pela paciente estavam relacionados com fantasias baseadas em desejos, e não em fatos reais, sendo assim a realidade psíquica teria maior importância no caso do que a realidade material (Roudinesco e Plon, 2022; Laplanche e Pontalis, 1991; Silva e Santiago, 2017).

A fantasia é o que possibilita a sobrevivência psíquica do indivíduo, pois é uma forma de suportar angústias e realizar desejos profundos, que necessitam ser satisfeitos imediatamente, sendo assim, o fantasiar abre válvulas de escape para esses desejos, pois a realidade externa muitas vezes não consegue supri-los, substituindo uma satisfação real impossível por uma satisfação fantasiosa possível. É por esse mecanismo que se pode nomear, projetar e externalizar medos que estão presentes desde o nascimento. Os contos se tornam uma ferramenta de externalização de fantasias inconscientes e universais, possibilitando a projeção e a construção simbólica no infante, por tratar de conflitos naturais em relacionamentos e dos ganhos e perdas de adentrar no mundo adulto (Radino, 2005 apud Matte e Facchin, 2019; Bettelheim, 2020; Dieckmann, 1986 apud Matte e Facchin, 2019; Nasio, 2005).

Segundo Freud (1908/2006), a origem das fantasias é o desejo, se tratam de marcas mnêmicas registradas nas primeiras vivências de satisfação, se encontram no inconsciente sendo regidas pelo princípio do prazer. Essas marcas estão ligadas a imaginação infantil, ao brincar que é a ocupação principal das crianças, se divertindo criando seu mundo à parte. Desse modo, como o ser humano não consegue abdicar de um prazer que já experimentou, quando esse indivíduo cresce o brincar se transforma no ato de fantasiar (Matte e Facchin, 2019).

As fantasias inconscientes, segundo Laplanche e Pontalis (1991), são um roteiro imaginário, onde estão presentes, de modo mais ou menos distorcidos, os processos “defensivos, a realização de um desejo e, em última análise, de um desejo inconsciente”. Tem como finalidade o regimento do aparelho psíquico, também conhecido como realidade psíquica, local de conteúdos inconscientes. Essa realidade se trata do termo psicanalítico para designar uma forma de existência do sujeito, é diferente da realidade material por ser regida pela fantasia e pelo desejo (Laplanche e Pontalis, 1991, p. 169; Roudinesco e Plon, 2022; Matte e Facchin, 2019).

Os contos, segundo Bettelheim (2020), familiarizam as crianças a respeito de seus dilemas existenciais, eles auxiliam na criação de formas de enfrentamento, “não pela compreensão racional da natureza e do conteúdo inconsciente”, mas habituando as a esses assuntos com base na fabricação de

devaneios sobre as histórias, possibilitando a ruminação, reorganização e o fantasiar em resposta a pressões inconscientes. Desse modo, disponibilizar uma maneira do conteúdo inconsciente aflorar, até certo ponto, no consciente do infante se trata de uma forma de proteção para um desenvolvimento mais saudável da personalidade do sujeito. Quando esses conteúdos são trabalhados na imaginação, seus possíveis danos se reduzem drasticamente (Bettelheim, p. 14, 2020).

Os contos de fadas fazem uma costura dos retalhos das representações do mundo que a criança já começou a identificar e do seu imaginário, é a união dos sonhos com o dia a dia, as ideias sobre o futuro e o passado. Segundo Bettelheim (2020), se trata de mensagens simbólicas, trabalhando com o que é manifesto e com o que está latente, abarcando mais de um ponto da personalidade humana, já que, as escolhas da criança por suas histórias preferidas revelam características pessoais (Coelho, 2000 apud Matte e Facchin, 2019; Bettelheim, 2020; Radino, 2003 apud Matte e Facchin, 2019).

É frequente a necessidade dos progenitores de preservar seus filhos quanto as partes “ruins” da existência humana, no entanto, a criança busca compreender seu mundo externo e interno, e nela mesma existem pulsões para a destruição, negar esse fato não irá tranquilizá-las, mas possivelmente trará mais dúvidas. Além disso Bettelheim (2020) ressalta existência de dilemas naturais do crescimento humano (“decepções narcísicas, dilemas edípicos, rivalidades fraternas, superação de dependências infantis, aquisição de um sentido de individualidade, autoestima e obrigação moral”) que na maioria das vezes trazem à tona tanto sentimentos positivos quanto negativos, o infante então, busca por uma compreensão de mundo e de si, o porquê de estar vivenciando esse processo conhecido como o amadurecimento. Para responder essas questões a criança necessita de histórias que instiguem sua curiosidade, que falem com o seu consciente e inconsciente, dando vasão a ambos, e os contos realizam essa tarefa ludicamente, que é a linguagem infantil (Bettelheim, p. 14, 2020).

“Viveram Felizes para Sempre”, frase comumente utilizada para finalizar um conto de fadas, não gera uma ilusão da vida eterna, mas constata que a forma mais plena de se viver é sendo compartilhada com relacionamentos duradouros e profundos. É o que torna as angústias e as provações mais suportáveis, um conforto em relação ao limite de tempo terreno disponibilizado para o ser humano. Os contos demonstram que a construção de um vínculo satisfatório com alguém é o que tem o poder de dissipar o medo da morte, de escapar da angústia de separação. Para se chegar a esse final desejado, a criança tem que fazer o oposto do que mais deseja, ela precisa sair do ninho, se afastar um pouco de seus progenitores, pois caso o infante não realize sua busca fora do lar corre o risco de ser forçado a separação, como o caso de João e Maria (Bettelheim, p. 19, 2020).

Dando sequência ao assunto, o herói do conto de fadas, segue sozinho em uma parte de sua trajetória, o que gera identificação com a criança moderna que pode se sentir isolada em alguns momentos de sua existência. Como o herói encontra amigos, que muitas vezes são animais ou objetos, que o auxiliam em sua jornada, a criança sente o alento de que mesmo em momentos que a sensação de solidão for intensa, irão existir mentores que a auxiliarão a encontrar seu final feliz. Durante esse período de isolamento, ou durante o desenvolvimento da trama em um geral, para dar sentido e seguimento na história irão aparecer dificuldades para o personagem solucionar, se trata dos dilemas do herói e esse ponto demonstra para o infante que na experiência de vida humana ter momentos de provação é inevitável (Bettelheim, p. 15-20, 2020).

Durante a trama dos contos, aparecem tanto a morte quanto o envelhecimento, tratando dos limites da vida humana, de uma maneira muito mais simplificada e fantasiosa, pois seus personagens são caracterizados de forma caricata e típica. Se mostra a criança que a natureza da vida é complexa, porém o personagem principal perdura, ele se desenvolve em meio às perdas, trazendo sentido as experiências vivenciadas, iniciando um entendimento na criança das leis da existência que o ser humano não consegue perpassar (Bettelheim, p. 15, 2020)

As fantasias estão correlacionadas com o tempo, em cada etapa do desenvolvimento humano, em

cada crise natural, há dificuldades, há novos aprendizados e também pode haver uma história que conte desse período de uma forma lúdica. Sendo assim, o que se cria no imaginário está permeado por acontecimentos do presente, passado e devaneios sobre o futuro, tudo interligado pelo desejo. Esses contos dão um espaço seguro para que essas fantasias consigam ser nomeadas de uma maneira que não destrua a personalidade em construção do leitor (Matte e Facchin, 2019).

3.3 Contos de Fadas e a relação com as fases de desenvolvimento segundo a Psicanálise

A escolha de um infante por uma determinada história diz respeito a sua idade e a fase de desenvolvimento de seu psicológico, misturado aos problemas que a pressionam atualmente. Quando os bebês vêm ao mundo, precisam de total atenção, não são graciosos, ainda não compreendem seu lugar no ambiente, estão assimilando a saída do útero, assimilando não fazer mais parte do corpo de suas mães. Corso e Corso (2006) representam esses recém-nascidos como “patinhos feios”, demonstrando a simbologia da história infantil onde o patinho feio tem dificuldade para encontrar seu lar, para compreender onde pertence, qual seu lugar. As primeiras histórias de apego dos infantes geralmente seguem esse viés, não há um enredo elaborado com desentendimentos amorosos, nem fadas ou bruxas, mas o sentimento de perda ao sair do conforto da barriga da mãe, se trata da busca para reencontrar aquele ambiente acolhedor, para se livrar do medo do desconhecido e do desamparo.

O tema do patinho que se sente deslocado em seu lar gera identificação com a criança pequena, já que, existe o medo dele não conseguir se igualar a fantasia do bebê perfeito que estava sendo gestado no útero, ou até mesmo, de não se sentir conectado com a mãe por essa ainda não se ver no papel materno, cumprindo seus deveres e cuidando de seu filho de forma mecânica. Esse medo de ser rejeitado, pode acompanhar o indivíduo durante toda sua vida em graus variados, mas é o principal elo de identificação entre o patinho que se tornou órfão desde o ovo e a criança pequena. Importante salientar que mesmo o infante recebendo todo o amor e recursos de seus pais ele ainda sentirá a hostilidade do ambiente em algum momento, já que, durante os primeiros meses de existência o bebê está passando pelo processo de separação e individuação, desse modo o que acontece internamente, como cólicas, dores no corpo, fome, etc, também é entendido como uma forma de ataque do ambiente (Corso; Corso, p. 34, 2006; McWilliams, p. 44, 2014).

Em João e Maria um tema recorrente da trama é a alimentação, afinal a primeira forma de entender o mundo para o bebê é a boca (chupar, lambear, sugar). O conto se inicia com as crianças famintas e seus pais negando o alimento e em seguida com elas se tornando o alimento da bruxa, inicialmente se tem uma relação com a madrasta que não quer alimentar as crianças famintas e a função da mãe em ser fonte de alimento nos primeiros meses de vida de um ser humano. Durante a amamentação a genitora é insubstituível para o seu bebê, e quando se inicia o desmame existem muitas vezes um sentimento de culpa pela sensação de liberdade que esse fim proporciona. Uma criança pequena ao acordar no meio da noite com fome, experimenta as sensações do desamparo e do abandono, entrelaçadas com a necessidade de se alimentar, o conto evoca esses sentimentos para serem compreendidos, pois com a chegada do período de desmame a mãe anteriormente boa e amável se transforma em um ser egoísta e rejeitador por não querer mais doar seu corpo para ser a fonte de alimentação de seu bebê. Porém, não é um movimento realizado apenas pela cuidadora, o bebê também tem parte significativa dessa decisão, pois o desmame se caracteriza como o primeiro ato de independência do lactente (Corso; Corso, 2006; Bettelheim, p. 225, 2020;).

Quando cresce, o infante deseja explorar além do que seus lábios podem lhe oferecer, desejando se utilizar das pernas e braços para conseguir alcançar o que seus olhos veem. Os personagens, João e Maria, gostariam de que sua casa fosse mais interessante do que esse desejo de aventura, gostariam de que fosse feita de doces para não sentir o ímpeto de ir embora, e como essa vontade lhes traz culpa melhor passá-la para seus genitores, os culpabilizando pela saída, por não os mantiveram cativados, pela sua mãe amamentá-los eternamente, sentindo que foram expulsos por quem lhes cuidava (Corso; Corso, 2006).

Neste conto é a mãe (simbolizada como madrasta) que mais deseja a expulsão das crianças, se trata do corpo materno deixando de ser fonte de alimento. Em seguida aparece a outra face da mãe, a bruxa, nesse caso a vilã os deseja tanto que os enche de comida, mas com o intuito de devorá-los, fazendo apologia aos aspectos destrutivos da oralidade, demonstrando que quando as crianças cedem aos aspectos destrutivos do id (ao tentarem devorar a casa de doces) correm o risco de serem destruídas no processo. João é engaiolado, demonstrando uma simbiose com a figura materna, porém sua resistência está em permanecer magro, muitas vezes uma para demonstrar que é um ser humano distinto de sua mãe, se nega a comer em ato de rebeldia. Enquanto Maria demonstra a perda da passividade do bebê, em vez de esperar e fazer balbucios para que os objetos sejam alcançados Maria trabalha e realiza suas tarefas, se utiliza de suas próprias pernas para ir ao encontro do que deseja, o que não deixa de trazer uma sensação de abandono ao infante, pois se ele teve a necessidade de se locomover até o objeto quer dizer que não havia ninguém para levá-lo até ele (Corso; Corso, 2006; Bettelheim, p. 228, 2020).

Quando os irmãos retornam para casa, com as joias que roubaram da bruxa, já não são mais os bebês inteiramente dependentes de seus pais, mas crianças que estão passando pelo processo de se conhecer individualmente, os tesouros simbolizam essa independência de ação e pensamento adquiridos, pois, como experienciado, ficar presos a fase oral quando maduros gera o fim ao qual a bruxa teve, de serem devorados/destruídos (Bettelheim, p. 228-231, 2020).

Outro conto, que complementa o crescimento do infante e suas descobertas, é a história da Chapeuzinho Vermelho. Durante seu trajeto até a casa da vovozinha se depara com o lobo mau, no entanto, a menina não teve medo, pois não sabia que estava correndo perigo. Essa trama fala sobre a ingenuidade infantil, ao mesmo tempo que simboliza o desejo de sedução que a criança tem para com seu pai. Vale ressaltar que a sedução significa o desejo do infante de ser o objeto mais amado por seu progenitor, e que em contrapartida esse pai busque ser o que a criança mais ama. (Bettelheim, p. 248, 2020).

Como ocorre em João e Maria e no mito de Cronos devorando seus filhos, o foco de Chapeuzinho Vermelho está no medo de ser devorado, no entanto diferente dos irmãos com a casa de doces, a menina e o lobo não tratam da fixação oral e seus desejos destrutivos, mas das relações edipianas presentes no inconsciente da criança em idade escolar. Outra diferença gritante é que João e Maria foram expulsos de seu lar, já a menina de gorro vermelho saiu por conta própria munida com instruções maternas (Bettelheim, p. 239, 2020).

Há outro desejo inconsciente que assola a personagem principal, que é o de se sair vitoriosa sobre a figura feminina madura (sua avó, que pode simbolizar outra face da mãe), sendo assim a menina ao ser perguntada sobre onde ia, acabou esmiuçando a localização da casa da idosa, a deixando indefesa aos desejos do lobo. Outro simbolismo se encontra na cor de seu gorro, o vermelho geralmente está ligado a emoções violentas, o que inclui as sexuais, e sendo sua avó que lhe deu esse presente incumbiu em sua neta a atratividade que não lhe pertence mais, na verdade a menina necessitava de uma figura materna que lhe protegesse e se mostrasse como modelo a ser seguido (Bettelheim, p. 243, 2020).

A curiosidade que Chapeuzinho deposita ao lobo é de compreender o interesse que ele deposita nela, se trata de uma curiosidade teórica. Um abismo separa as intenções de um adulto (pedófilo) e a capacidade de compreensão de uma criança. Desse modo, a personagem ter uma sexualidade e saber exercê-la são coisas completamente distintas (Corso; Corso, p. 55, 2006).

Os contos de fadas geralmente tratam de impasses que acometem os infantes, em “Branca de Neve” se lida com os conflitos edipianos entre mãe e filha, passando da infância e chegando na adolescência. A história se inicia com a mãe de Branca de Neve espetando seus dedos e sangrando três gotas de sangue na neve, nesse momento pinta seu bebê com as cores que vê, e Branca de Neve nasce com a brancura da neve (que representa pureza), com o viço do sangue nas bochechas (que simboliza o desejo sexual) e o cabelo como ébano. No entanto, após o nascimento desse bebê desejado a mãe boa e amorosa falece, representando a morte do filho idealizado, visto que, por mais esperado e amado que o infante seja ele

nunca será igual ao feto imaginado na barriga de sua mãe, como já exemplificado com a trama do Patinho Feio (Corso; Corso, 2006; Bettelheim, 2020).

Branca de Neve e sua madrasta vivem em harmonia, até que, a enteada inicia seu processo de se independentizar, ou seja, enquanto bebê não representava “ameaças” para a madrasta e era visto como parte dela, não acionando os ciúmes e a inveja, onde na relação com a protagonista não há o amor materno para amenizar tais sentimentos (Corso; Corso, 2006).

O genitor narcisista se caracteriza por sentir-se ameaçado pelo crescimento de sua prole, porque demonstra seu próprio envelhecimento. Enquanto o filho for pequeno e totalmente dependente, é visto como parte desse pai ou dessa mãe, mas assim que essa criança cresce e amadurece se torna uma ameaça, como acontece na trama do conto de fadas em questão (Bettelheim, p. 283, 2020). O narcisismo da madrasta aparece ao questionar o espelho mágico, repetidas vezes, na busca pela confirmação de que continua sendo a mais bela de todas. Essa insegurança da vilã revela que não basta ser bela, mas é necessário ter alguém para admirar essa beleza, e esse é o papel do espelho, que mesmo preso em seu quarto consegue ver todos do reino. O espelho foi fundamental para que Branca de Neve não pudesse permanecer em seu lar, logo que, a madrasta/bruxa acreditava ter espaço para uma única mulher desejante no castelo (Bettelheim, p. 288, 2020).

Para Branca de Neve, o amor que seu pai sente por ela é natural, e por mais que as crianças sentem o desejo de que seu progenitor as ame mais do que qualquer outra pessoa, não acreditam que isso possa levar a aparição de quaisquer ciúmes por parte da mãe. Em um nível pré-consciente o infante sente ciúmes, querendo monopolizar a atenção de seu pai, mas deseja ser amado por ambos os pais, sendo assim, a existência do ciúme materno é ameaçador, sendo necessário buscar outra explicação (como a beleza de Branca de Neve, que aparece no conto) para esse sentimento indesejado (Bettelheim, p. 284, 2020).

Desse modo entra em cena, o que Bettelheim (2020) e Corso e Corso (2006) entram em concordância, como a outra face do pai: o caçador. Nesse conto o pai-caçador não consegue tomar uma posição firme contra as ordens da rainha, não cumprindo seu dever com ambas as partes. Não protege a princesa, pois a deixa sozinha e indefesa na floresta, mas também não a destruiu como havia sido ordenado pela madrasta. A criança espera de seu progenitor masculino proteção contra o mundo exterior e as tendências antissociais presentes no próprio infante, enquanto da figura materna acredita ser sua função dar carinho e cuidado na criação e trazer satisfação para sua prole. Um comportamento responsável de ambos os genitores é o que permite a integração dos conflitos edipianos na criança (Bettelheim, p. 286-287, 2020).

Durante a entrada na puberdade, os conflitos edipianos são revividos, sentimentos violentamente ambivalentes são despertados, transformando a vida intrafamiliar insuportável. Sendo assim, Branca de Neve deixa seu castelo e encontra um lar na casa de sete anões. Ao entrar em seu futuro lar, a personagem controla seus anseios orais, pois come apenas um pouco de cada alimento, e ao experimentar todas as camas buscando a mais adequada ao seu tamanho, demonstra que até certo ponto também controla os anseios do id e o submete às exigências do superego. Para ficar nessa nova residência precisa limpar e cozinhar, cuidando daqueles que lá residem. Branca de Neve se presta a um papel materno e cuidador em um ambiente seguro de disputa sexual, pelo fato de que os anões são representados com o tamanho de uma criança, mas com barbas de idosos, e ambas as classes não se encontram em território sexual (Corso; Corso, 2006; Bettelheim, 2020).

Embora a princesa esteja distante, sua madrasta consegue encontrá-la com a ajuda do espelho mágico, demonstrando que não se conquista a liberdade do impacto que os pais geram em seus filhos fugindo para um novo ambiente. No seguimento da trama a rainha má tenta envenenar branca de neve com uma maçã, trazendo todo o simbolismo do fruto proibido de Adão e Eva, representando a sexualidade. Ou seja, para que a princesa amadureça e se torne uma mulher adulta, o ciúmes materno cumpre a função de confirmar suas qualidades femininas, e o envenenamento se dá para a criança cheia de babados onde sua beleza era dirigida a sua progenitora, ao despertar de seu sono profundo surge uma bela jovem sendo seus

encantos endereçados ao príncipe não mais a seus pais (Corso; Corso, 2006).

3.4 Contos de Fadas Contemporâneos

Anteriormente explicitado, os contos de fadas têm pontos de organização em comum, na atualidade alguns destes tópicos foram adaptados enquanto outros foram adicionados. No período de seu surgimento havia maior espaço para a imaginação, as incertezas eram maiores, a ciência ainda não ocupava um lugar de prestígio, a religião era um dos principais pilares da sociedade, mas atualmente poucas perguntas ainda ficam em aberto, as crianças decidem em quem confiar, embora ainda precisem de seus educadores e cuidadores para crescerem, avaliam melhor em quais braços vão se jogar (Corso; Corso, 2011).

A trajetória do herói se manteve, no entanto, nos contos atuais as mudanças internas são mais valorizadas, sendo denominados contos de fadas intimistas, já que, o sucesso do personagem não está em um feitiço quebrado ou em um vilão derrotado, mas em como tudo isso o fez evoluir psicologicamente, subjetivamente. O humor está mais presente nas tramas, isso ocorre por conta do espírito crítico existente nas crianças da atualidade, que se instituiu graças a diminuição no distanciamento entre os progenitores e seus filhos. Quanto aos personagens, eles apresentam mais camadas e possibilidades de mudança, de evolução subjetiva, onde a aparência não dá mais garantias da essência do indivíduo, como na história do Shrek onde o ogro é o principal mocinho tendo atitudes de compaixão (Corso; Corso, 2011).

A infância se trata de uma equação de fatores culturais, biológicos e afetivos, sendo a atual infância marcada pela pressa, mudanças no padrão do tempo, interferência das redes sociais e dos aparelhos eletrônicos, além de uma cultura baseada no narcisismo continuado e exacerbado. Outro ponto é do aumento de filhos únicos, como também crianças mais ativas nos meios tecnológicos, menor presença da poesia em decorrência de menos “outros” em seu cotidiano. Com o apoio da psicanálise infantil e do estudo do desenvolvimento, está explicitada na sociedade a importância dos primeiros anos de vida na construção do sujeito, no entanto, com frequência os cuidados dos pequenos são terceirizados ou negligenciados (Gutfreind, 2022).

Guerra (2018) alerta a respeito do predomínio de objetos descartáveis na sociedade pós-moderna, o que pode afetar a identidade das crianças por conta da instabilidade em seu dia a dia. Gutfreind (2022) acredita que a história é a cura para a criação de poesia e da ligação subjetiva nas crianças da atualidade, retirando-as de seu mundo corrido e cheio de estímulos tecnológicos, para pensar e criar novamente mundos imaginários, construindo eles e não recebendo-os prontos (Guerra, 2018 apud Gutfreind, 2022).

3.4.1 Shrek

Shrek demonstra algumas das mudanças que ocorreram nos contos na atualidade. A ideia do amor à primeira vista, onde bastava apenas a beleza dos personagens e sua bondade intrínseca, deu lugar a construção do relacionamento. Fiona não é a princesa frágil representada nos contos, mas sofre de uma maldição, de dia uma bela princesa e a noite uma ogra, quando Shrek aparece como seu salvador ela vê apenas o lado dela do qual mais queria se livrar, não acontece um amor fulminante diante da bravura do cavaleiro (que sequer matou a dragão), mas uma decepção, quase um desprezo à primeira vista. O que se constrói entre eles durante o trajeto até o castelo de Lorde Farquaad, é a aceitação e identificação com suas qualidades e defeitos, é a compreensão de suas angústias compartilhadas. A princesa não sabe se está pronta para assumir sua identidade de ogra, e Shrek tem dificuldade para aceitar que é possível receber amor mesmo sendo quem se é (Corso; Corso, 2011).

Outra mudança, que foi muito bem aceita pelo público, foi a do Burro. Anteriormente os heróis tinham como companheiro um lindo corcel branco, porém Shrek tem como fiel escudeiro um burro tagarela que está ansioso para ser aceito e fazer amizades, mas se trata de um companheiro tão leal quanto qualquer alazão. As crianças pequenas se identificam com esse personagem, ele é pequeno, acompanha o ogro sem

prestar muita atenção do que está fazendo, fica conversando e cantando durante toda a jornada, tal qual uma criança tudo para ele é um passeio, ao mesmo tempo que quando cansadas queixam-se de tudo e como o Burro ficam perguntando “a gente já chegou?”. Ele também debocha de seu amigo em alguns momentos, revelando o espírito crítico infantil, se trata de crianças que não caem mais nas desculpas enroladas de seus pais. Os infantes atualmente querem se identificar com os personagens principais, príncipes e princesas eles pretendem ser no futuro, agora são pequenos e brincalhões, mas como em sua vida real, eles não aceitam mais serem coadjuvantes (Corso; Corso, 2011).

O vilão de Shrek, não é Lorde Farquaad, mas a falsidade, Fiona se reconhece muito mais como uma ogra brincalhona e dada a nojeiras, do que uma princesa delicada em uma torre, Shrek a ama justamente por isso o que a liberta de seu medo de ser quem realmente é. O verdadeiro herói da história é um amor inteligente, que aceita tanto as qualidades quanto os defeitos do casal. Fiona e Shrek se criticam e se apoiam, construindo uma relação profunda que permite a evolução dos personagens. Inclusive os relacionamentos da atualidade não são mais formados apenas de princesas e príncipes, há uma maior pluralidade na formação das famílias, tal qual o Burro com sua esposa Dragão e seus filhos mestiços (Corso; Corso, 2011).

3.4.2 Winnie-the-Pooh

Winnie-the-Pooh e suas aventuras foram escritas em 1926 por Alan Alexander Milne, seus direitos autorais foram comprados por Walt Disney, e em 1966 saiu seu primeiro desenho animado. Pooh foi um sucesso desde seu lançamento, inclusive de marketing, tamanha aceitação do público representa como a infância está no holofote atualmente, além do mais os pais acreditam que o melhor para seus filhos é viver em um mundo protegido, assim como o bosque dos 100 acres. Corso e Corso (2011) aponta o sucesso do personagem por representar uma infância idealizada, onde as crianças recebem de seu ambiente muita atenção e apoio, além disso, os personagens do desenho animado conversam usando a linguagem infantil, ficam cantarolando e criando histórias para encontrar conforto nos percalços do dia a dia no lar.

Milne usou a infância de seu filho, Christopher, de inspiração para a criação de Winnie-the-Pooh, o que gerou maior apelação para o desenho, afinal, um relato realista traz maior peso para os ensinamentos que os personagens passam ao público. Porém, Christopher sempre frisou como sua infância não foi perfeita como é representada pelos seus ursos, que se transformaram nos personagens tão conhecidos (Pooh, Ió, Leitão, Tigrão, Corujão, Abel, a canguru Kanga e seu filho Roo) e comercializados pela Disney, independente de quão bom e dedicado um pai possa ser, sempre passará para sua prole, além de bons momentos e ensinamentos, neuroses e conflitos (Corso; Corso, 2011).

Retornando aos personagens que habitam o bosque dos cem acres, o ursinho Pooh e seus amigos não tem grandes aventuras, seu mundo é pequeno tal qual o da criança, eles habitam o bosque encantado onde nenhum mal real pode acontecer. Essa ideia mágica de proteção e zelo que o bosque representa é o maior desejo de pais para seus filhos, o que também tornou a história ainda mais atrativa para toda a família. Esse ambiente seguro e acolhedor representa o lado feminino da história, isso e a personagem Kanga, são os toques maternos que Milne pôs em seu mundo seguro (Corso; Corso, 2011).

Quanto a características infantis, Pooh tem suas maiores peripécias em decorrência de erros de linguagem, demonstrando como as crianças estão aprendendo a se comunicar. Já o Leitão, é pequeno, conhecido por ser medroso e por ser facilmente impressionável, no entanto mesmo tendo medo de seguir seu amigo urso em suas aventuras, não o abandona, independente do medo segue a diante, no fim nada de ruim acontece e os amigos voltam para casa para comer mel. Ió (ou Bisonho), é melancólico e frequentemente aparenta estar desanimado. Gosta de questionar o que acontece ao seu redor, fala o que pensa em voz alta, mas raramente seus amigos prestam atenção no que ele diz, isso não o faz parar de falar, já que acredita que não é ouvido por não ser digno dessa atenção. Ele representa a tristeza de quando

os anseios da criança não são ouvidos ou não são entendidos, retrata o desejo de serem escutadas e acolhidas, não apenas com cuidados objetivos, mas com compreensão, o que requer tempo (Corso; Corso, 2011).

Em contrapartida ao tristonho ló, temos o agitado Tigrão que é a representação da mania, afinal nunca escuta os outros até suas falas acabarem, muitas vezes esbarrando e quebrando coisas entremeio seus saltos e acrobacias, fala alto e principalmente sempre está pulando por aí. Ele e Roo são vigorosos e saltadores, que muitas vezes precisam de cuidados da materna Kanga. Ele dá voz a agitação que toma conta dos infantes quando estão nervosos, que por onde passam parecem furacões, que desorganizam o mundo dos adultos. Quem mais é afetado por esse jeito do Tigrão é o coelho Abel, com sua horta bem cuidada e sua casa ordenada, é ele que faz o papel das ocupações de gente grande, ele quem organiza a bagunça feita pelos Tigrão e Roo, quem estraga os prazeres e traz a ordem. O tigre saltador teme pelos efeitos que causa, é mais velho e tem maior consciência que Roo, mas tem como foco a atenção que é capaz de gerar, ele busca ser olhado e cuidado, e quando realiza essas bagunças, mesmo que sejam motivo de preocupação e broncas, os olhos se voltam para ele dando sentido às suas ações (Corso; Corso, 2011).

Winnie-the-Pooh e o bosque dos 100 acres é um sonho idílico de pai para filho, que trabalha com as nuances da comunicação infantil e com as necessidades dessa fase, principalmente de ser amparado, estar seguro, ser ouvido e ser amado (Corso; Corso, 2011).

3.4.3 Harry Potter

A saga do bruxo Harry Potter foi uma febre entre os pré-adolescentes no momento do lançamento dos filmes e livros, a autora Joanne K. Rowling conseguiu gerar uma legião de fãs e serviu de inspiração para outros autores trazerem crianças, ou pré-adolescentes, para serem os agentes de mudança e personagens principais de seus livros. Como a grande maioria das aventuras se passava na escola de magia e bruxaria de Hogwarts, gerou ainda mais identificação com seu público alvo, afinal fora do ambiente familiar, o local onde mais acontecem reviravoltas e momentos marcantes para o desenvolvimento social e pessoal de um jovem, é na escola. Além do mais, a autora fez uma cisão no mundo, separando os bruxos e trouxas (aqueles que não eram dotados com o dom da magia) tal qual os adolescentes se sentem em um mundo à parte dos adultos, com seus dilemas e segredos que não são, muitas vezes, compreendidos por seus pais (Corso; Corso, 2011).

A escola tem um papel fundamental na vida de uma criança, pois os núcleos familiares estão reduzidos, a reclusão em apartamentos aumentou, por conta dos perigos das ruas, a vizinhança não é mais presente no desenvolvimento dos jovens, o senso de comunidade está enfraquecido, desse modo a escola se apresenta como um local social relativamente estável na vida dessas crianças. Na escola o infante descobre que é apenas mais um entre os pares, então farão suas primeiras amizades compartilhando hábitos, modas e comportamentos que dificilmente os "trouxas" dos pais irão compreender. Hogwarts segundo Corso e Corso (2006) representa a sabedoria necessária para passar pelas crises adolescentes: "um passado maquiado de fantasias mágicas, alguns truques, uma visão muito crítica dos adultos, uma relação ambígua com os limites e, principalmente, a curiosidade de descobrir sobre tudo aquilo que for segredo" (Corso; Corso, p. 257, 2006).

A escola apresenta regras, e mostra possibilidades, mas as escolhas de vida e de trajetória dependem de cada um, e é o que Harry e seus amigos demonstram, eles não seguem todas as regras que a instituição impõe, mas segundo eles, sempre tem bons motivos para descumpri-las, que são ajudar os amigos e salvar o mundo bruxo. Adolescentes querem realizar feitos que importem, deixar marcas, e os bruxos de Hogwarts se desafiam, passam por provações para conquistar a glória, mas nem sempre é fácil, às vezes seguir a sua verdade significa virar um pária em seu grupo de amigos, o que Harry no quarto livro da trama presenciou (Corso; Corso, 2006).

Entrando na adolescência, o jovem irá olhar sua família de origem de fora, principalmente para lidar com a descoberta da sexualidade e buscar sua autonomia e personalidade em conjunto com seus pares. Mas ao iniciar essa delimitação do que faz parte da sua forma de pensar, acaba notando características que herdou de seus pais. Na história desenvolvida por Rowling isso fica perceptível em Harry por comentários de amigos de seus pais, onde falam ao menino quão parecido ele é com seus progenitores, esse lado agrada ao bruxo, porém nem sempre herdamos funcionamentos que gostamos, isso ficou representado no menino quando Voldemort (outra face do pai), seu grande vilão, deixa um aparte de si ao tentar matá-lo, dando certos dons a Harry, como o de falar com cobras, ou seja, ele tem semelhanças tanto com seu pai quanto com seu inimigo. Odiar faz parte da relação pai e filho, afinal ele é o rival pelo amor materno, por conseguinte, houveram momentos em que a prole desejou eliminá-lo para tomar seu lugar no coração da mãe, por isso fica tão simbólico a duplicação da figura paterna na trama (Corso; Corso, 2006).

3.4.4 O Rei Leão

Corso e Corso (2011), ao abordar o tema “Ficções sobre a Adolescência”, escolheram como uma das histórias contemporâneas de base: O Rei Leão (de 1994, lançado pela Disney). Para a criança é agradável se imaginar tendo maior independência dos seus cuidadores, um tempo sem responsabilidades e cheio de liberdades, pelo menos é assim que a adolescência é sonhada pelos infantes. Quando na verdade, a vivência real da adolescência é mais caracterizada como uma enxurrada de incertezas. Diferente da infância, essa fase do desenvolvimento manterá uma maior gama de memórias, os jovens serão os protagonistas das suas recordações, enquanto os infantes recordam mais do que lhes contaram que fizeram, sendo mais personagens do que autores da sua história (Corso; Corso, 2011).

A sociedade contemporânea associa a adolescência como o período de maior produção do ser humano, buscando formas e procedimentos que retardem o máximo de tempo possível o envelhecimento humano. A duração desse período está mais prolongada, quanto mais recursos uma família dispõe mais tentam manter sua prole em uma preparação para a vida, com o intuito de que esses jovens consigam realizar os sonhos que seus progenitores deixaram para trás, gerando uma procrastinação da adultez. Desse modo, os sonhos alheios pesam nesses adolescentes que buscam sua própria identidade, que deveriam estar sendo os autores de sua própria história (Corso; Corso, 2011).

Nesse período do desenvolvimento, o ser humano brinca de crescer, se trata de mais teoria do que ação, de ideias do que de realizações. E na trajetória de Simba isso é explicitado no momento em que deixa seu local de origem, não conseguindo lidar com a pressão psicológica familiar e com sua responsabilidade de ser rei, indo para um limbo juntamente com Timão e Pumba. Se trata do exílio adolescente, onde ele observa o mundo como se estivesse do lado de fora, o pequeno leão cresce durante esse tempo onde vive o eterno presente com seus companheiros, sem memórias ou expectativas, mas apenas *Hakuna matata* (significa “sem preocupações” na língua africana Swahili) como seus amigos aconselharam (Corso; Corso, 2011).

Anteriormente ao seu período de exílio edílico, Simba queria tomar o lugar do pai, queria ser o rei da selva, até mesmo canta uma música onde apresenta o trecho “quando eu for rei”. Mas é necessário, para se tornar o governante, retirar de dentro de si a majestade do pai, afinal se tornar adolescente é perder a figura protetora e toda poderosa dos progenitores, superar essa visão para por fim tornarem-se os adultos poderosos. Para que Simba entre nessa nova fase de desenvolvimento, o rei Mufasa teve que morrer, simbolizando a morte das fantasias de poder que rodeiam os pais. Para que o jovem consiga controlar a sexualidade em desenvolvimento dentro de si, ele precisa se afastar do lar, apagando a figura dos pais, e se aproximando dos pares (Corso; Corso, 2011).

A função do adolescente na sociedade é justamente criticá-la, olhar para ela de seu exílio e apontar as falhas que ela apresenta, pois para se afastar das figuras maternas e paternas o jovem busca se apoiar

nos defeitos deles, fazendo o mesmo exercício com o mundo que o rodeia. Simba enquanto estava abrigado com Timão e Pumba, tem sua antiga vida e realidade destruídos, sua monarquia acaba ruindo estando aos cuidados de seu tio, demonstrando que tudo que o adolescente via como belo na infância não funciona mais nas vivências atuais que está experienciando (Corso e Corso, 2011).

O jovem ao estar rodeado dos seus, apresenta um vocabulário próprio, uma identidade de grupo e o mais importante aprende a ser tolerante com seus amigos, afinal não há amor sem perdas e traumas e é amizade que abarca essas experiências. Os amigos são aqueles que também estão em desenvolvimento, cometendo erros e aprendendo com eles, nesse tempo cada um é quem consegue ser, e existe essa aceitação entre os pares e os progenitores, por incutir cobranças e fantasias em seus filhos, não conseguem proporcionar (Corso; Corso, 2011).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo compreender como os contos de fadas influenciam na construção da subjetividade infantil. Neste sentido, compreendeu-se que os contos se mantêm significativos na atualidade, apenas mudaram sua roupagem para se adaptar à nova organização social e a atual importância dada ao período infantil. O brincar e o fantasiar, ao qual os contos suscitam, continuam sendo estruturantes para os infantes, ampliando seu tempo de atuação por abarcar com mais afinco a pré-adolescência e a adolescência, período de transição que se mantém nos holofotes nos últimos anos.

Os contos repassados neste trabalho, demonstram que tanto o passado (Chapeuzinho Vermelho, Patinho Feio, João e Maria, Cachinhos Dourados e Branca de Neve) quanto o presente (Shrek, Winnie-the-Pooh, Harry Potter) seguem marcando a construção do sujeito por simbolizar um espaço de liberdade de expressão, de exteriorização de medos que ainda não tinham nome, de identificação com personagens, de compreensão sobre aspectos da sociedade, das consequências que envolvem certas ações, de nomeação de sentimentos ambíguos com as figuras paterna, materna e fraterna, além de instigar a criatividade e facilitar a socialização, já que ler Harry Potter, por exemplo, era ter assunto para conversar entre os pares e fazer ligações relacionais.

Essas histórias passadas de geração para geração, ou as atualizadas e adaptadas para o novo tempo, são uma forma saudável do inconsciente liberar suas tensões sem prejudicar o desenvolvimento da personalidade da criança, além de poder gerar maior aprofundamento na ligação entre a criança e o narrador que lhe conta a história. Ter os medos nomeados por um personagem facilita a compreensão do que se sente, além de demonstrar para o infante que não está só em relação a eles. Ter um mundo mágico onde as provações serão recompensadas é uma forma de encorajar o leitor a se testar, a ir em frente e não ter medo da vida. Entender que o feliz para sempre são as ligações relacionais e emocionais que fazemos pelo caminho enquanto amadurecemos, traz consigo a sensação de dever cumprido, além de abafar as angústias de separação e o sentimento de solidão.

REFERÊNCIAS

AMARILHA, Marly. Infância e Literatura: Traçando Histórias. **Revista Educação em Questão**, v.10, jun-2000.

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. 40. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra 2020.

CORSO, Diana Lichtenstein e CORSO, Mário. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre : Artmed, 2006.

CORSO, Diana Lichtenstein e CORSO, Mário. **A psicanálise na Terra do Nunca**: ensaios sobre a fantasia. Porto Alegre: Penso, 2011.

CALDEIRA, Laura Bianca. O Conceito de Infância no Decorrer da História. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/Pedagogia/o_conceito_de_infancia_no_decorrer_da_historia.pdf. Acesso em: 28 maio 2023

Freud, S. (1900/2006). A interpretação dos sonhos. *In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 4 e 5). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1913/2006). A ocorrência, em sonhos, de material oriundo de contos de fadas. *In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 12). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1908/2006). Escritores criativos e devaneio. *In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol 9). Rio de Janeiro: Imago.

GUTFREIND, Celso. **A Nova Infância em Análise**. Porto Alegre: Artmed, 2022.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário de psicanálise**. 11.ed. Santos: Martins Fontes, fevereiro de 1991.

MATTE, F. M. et. al. “Era uma vez...”: a importância da fantasia para o desenvolvimento psíquico. **Analytica**. São João del-Rei, v. 8 n. 14. janeiro/junho de 2019.

MEREGE, Ana Lúcia. **Os Contos de Fadas**: Origens, histórias e permanência no mundo moderno. São Paulo: Editora Claridade, 2010.

MCWILLIAMS, Nancy. **Diagnóstico psicanalítico**: entendendo a estrutura da personalidade no processo clínico. 2. ed. Porto Alegre : Artmed, 2014.

PAPALIA, D. E. **Desenvolvimento humano**. Artmed, 2006.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. 15º reimpressão. Rio de Janeiro. Zahar, 2022.

SCHNEIDER, Raquel Elisabete Finger; TOROSSIAN, Sandra Djambolakdijan. Contos de fadas: de sua Origem à Clínica Contemporânea. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 132-148, ago. 2009.

SILVA, Virgínia Célia Carvalho da; SANTIAGO, Jésus. Do “Embelezamento dos Fatos” a “Cicatriz”: Uma Investigação sobre a Fantasia em Freud. *Revista Psicologia Clínica e Cultura*; **Psic.: Teor. e Pesq.** 33; 2017; Disponível em <https://doi.org/10.1590/0102.3772e33419>

SOUSA, Angélica Silva de *et al.* A pesquisa Bibliográfica: Princípios e Fundamentos. **Cadernos da Fucamp**, v.20, n.43, p.64-83/2021.



URI

ERECHIM